

Nihil obstat
São Paulo, 14 - 8 - 1959
Pe. João Roatta S.S.P.
Censor

Reimprima-se
Mons. Lafayette
São Paulo, 15 - 8 - 1959

A CRISTO REI, MEU CHEFE

A VIRGEM MARIA

MINHA MÃE QUE SEMPRE

ME TEM VALIDO

D. D. D.

O AUTOR

Meus respeitos ao Papa da Eucaristia e da Paz
PIO XII

PROÊMIO PARA A 1ª EDIÇÃO

"Acautelai-vos dos falsos profetas que vêm a vós com vestidos de ovelhas e por dentro são lobos rapaces" (Mt 7, 15).

Consoante estas palavras de Cristo, haviam de entrar, no seu rebanho, lobos; mas, o que é pior, lobos disfarçados de ovelhas. Se o lobo fôsse franco e se apresentasse como tal, dêle se afastariam as ovelhas espavoridas. Apresentando-se porém, coberto com a lã da ovelha, iludem-se e seguem ao que as vai vitimar.

E as seitas acatólicas, vindo disfarçadas com a lã da ovelha da Bíblia, a palavra de Deus, arrogando-se o direito de ensinar a "verdade" (?), em nome de Deus e de Cristo, conseguem ilaquear a boa fé dos mais ignorantes, que não sabem distinguir o pastor verdadeiro do falso. Levantar a lã que encobre o pêlo fulvo do lobo — expor em poucas palavras e popularmente a verdade da Igreja Católica e a falsidade do acatolicismo é esse o nosso desideratum.

Não nos iludamos, entretanto com o pouco resultado dos nossos esforços para os homens de má vontade. Consolamo-nos porém, por um outro lado, sabendo que a mentira tem as pernas curtas, e dura até que apareça a verdade; e por outro com a certeza de que os de boa vontade, conhecendo bem a Igreja Católica e as seitas acatólicas, não podem deixar de abandonar a estas para reingressarem naquela. A Igreja é condenada unicamente por não ser conhecida. Os acatólicos não conhecem a vida católica e muito menos a história da Igreja.

Dizia um grande convertido que nas disputas sobre onde se acharia a verdade nem entrava em questão a Igreja Católica. Olvidava-se propôsitalmente. Estava fora de discus-

são a sua falsidade. Entretanto, após quarenta anos de busca, achou por si mesmo, como resultado de seus estudos particulares que a verdade estava exatamente onde as seitas protestantes e acatólicas não a procuravam. Fica fora de concurso.

E nisto são lógicas.

Cada seita acatólica deve querer provar que a sua é a única verdadeira religião de Cristo. Das seitas coirmãs se desfazem com a maior facilidade, negando-lhe catolicidade, santidade, apostolicidade ou legítima missão, coisas, aliás, que nenhuma seita acatólica possui. Com a Igreja Católica o caso é outro. Se se procura nela a verdade com um coração sincero, é insofismável que nela se a encontrará.

Que fazer, então?

Relegá-la ao esquecimento. Boicotá-la.

Não sendo isso possível, ao menos entre nós, fabrica-se, então, uma igreja-monstro, constroe-se um manequim de absurdos, inventa-se carneiros perigosos e arremete-se contra tudo isso com um cinismo à D. Quixote, e tudo se desfaz em pó. Está destruída a Igreja.

Entretanto, que decepção! A Igreja, essa, nem foi atingida. Ela, tomada como é, está acima de toda crítica da heresia. É a intangível Espôsa de Cristo, na linguagem do Apóstolo.

O acatolicismo destruiu, mas foi unicamente o produto de sua fantasia quixotesca.

Para mostrar isso é que nos propusemos a tarefa de escrever, nas horas que furtamos ao nosso múnus paroquial, o presente livrinho.

Em geral, são palestras que tivemos, com diversos acatólicos intrusos em nosso rebanho.

É um livro vivido pelo autor.

Dir-se-á que depois da publicação das possantes obras: "A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO", de Leonel Franca, e "NOITES COM OS PROTESTANTES", por H. Brandão, é inútil qualquer outra tentativa, pois são a última palavra no assunto.

Entretanto, pelo possante do volume e pela linguagem elevada com argumentação completa, furtam-se estas obras da popularidade de que são merecedoras.

Por esses mesmos argumentos em forma popular mais ao alcance de todos, é o único feto desta obra e o seu único mérito. Non nova, sed nove...

O AUTOR

POST SCRIPTUM

Eis que, em vez de aparecer em 1930, o livrinho vai sair em 1937! Entretanto, apareceram obras apologéticas populares, de valor real. Pois esta obra se põe na trincheira do soldado raso, ao lado delas. O inimigo, acossado de todos os lados, não poderá resistir.

Um protestante, professor, tendo lido a obra de Franca e este manuscrito, comparou a primeira com um canhão e esta com uma metralhadora que lhe varreu as últimas ilusões protestantes, razão pela qual queríamos chamar a esta obra "Metralhadora da verdade". Mas achamos muita pretensão neste título. O que aqui vai é o resultado de polémicas mantidas a viva voz ou por cartas.

São "horas de combate".

Outra ex-protestante, professora também e de muita cultura, nos escreve:

Uruguaiana, 16 - 1 - 1935

Revmo. Pe. Ricardo Liberali,

L. N. S. J. C.

Devolvo-lhe o seu precioso manuscrito que li e reli para apreciar melhor os profundos argumentos teológicos que expõe nele com tanta arte. (Tudo exagero, devido à nimia gentileza da leitora).

Agradeço a bondade de ter-me emprestado, e, apesar de reconhecer que nenhum valor tem a minha humilíssima opinião, não me posso abster de afirmar que o seu "Horas de Com-

bate " vai obter a conversão de muitos dos nossos irmãos dissidentes. (Piedoso desejo de um coração apostólico).

Rogo à Virgem que abençoe o êxito do seu livro, "com a mão do Menino Jesus".

Não retenha por mais tempo esse tesouro escondido.

Dê-lhe publicidade.

É de grande alcance um livro assim, de uma lógica de ferro numa linguagem tão clara que ensina deleitando. Se quiser, poderei datilografá-lo. Terei imenso prazer em cooperar com V. Revma. para que breve esteja impresso. (Convertida há pouco e já tem espírito apostólico: quer trabalhar).

Reze pela conversão dos meus, abençoe-me, e conte com a estima bem sincera de

sua filha em J. C.
(e assina)

Diante de um pedido destes por parte de quem já foi protestante e leu quase todos os livros apologeticos conhecidos — embora não nos iludam excessos de generosidade no julgamento da obra, — e partindo de uma jovem e talentosa professora, filósofa apesar de estar na flor de sua mocidade, nos vimos na contingência de fazer o impossível, a fim de darmos publicidade a esta obra, porque os Mecenas parece não existirem, ou se existem não protegem as letras católicas. Mas como Deus quer, aí vai a obra. Deus a abençoe e permita que se cumpram as profechas da preclara professora ex-protestante.

Uruguiana, 16 de julho de 1935

P. RICARDO D. LIBERALI

INTRODUÇÃO A 2ª EDIÇÃO

Nada tendo a acrescentar a esta segunda edição a não ser que, em vista do espirito avançar muito no Brasil aumentei alguns números a respeito do mesmo prevenindo o povo para a última invenção de Satanás.

Uruguiana, 3 de maio de 1942

P. RICARDO D. LIBERALI

UMA CARTA DO PAPA ABENÇOANDO O AUTOR

N. 241310

Dal Vaticano, 4 novembre 1950

REVERENDO PADRE

Sua Santità ha vivamente gradito l'omaggio che la Vostra Paternità Le ha umiliato con la sua pubblicazione dal titolo "Horas de Combate".

In mezzo a tanto dilagare di errori, lottare per portare luce a tante anime ottenebrate da propaganda insidiosa, è opera degna di lode, che spetta anche a Lei, che appunto nel suo libro procura di mettere nella sua giusta luce la dottrina della Chiesa Cattolica contro le deformazioni e gli errori degli avversari.

Perciò Sua Santità con sincero affetto ed animo riconoscente invia alla P. V. la Sua Benedizione Apostolica, che la conforti e sostenga nel suo lavoro in difesa della verità.

Con sensi di religiosa stima mi professo

della P. V. Rev. dev.mo nel Signore

Ass. G. B. Montini

Revmo. Pe. Luís Maria de Tomás Flores — Padres Capuchinhos — Veranópolis.

DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL CÂMARA

"Agradeço sinceramente a oferta de "Horas de Combate". Vão minhas bênçãos.

Cardeal Câmara

PARECERES SÓBRE O LIVRO: «HORAS DE COMBATE»

DO CARDEAL LEME:

"Ao prezado Mons. R. Liberali, com votos e bênçãos em N. S. J. C. O CARDEAL DOM SEBASTIÃO LEME MUITO AGRADECE A OFERTA DO BEM LANÇADO E OPORTUNO Livro "Horas de Combate".

DO ARCEBISPO PRIMAZ DO BRASIL:

TENHO PRESENTE o Livro "HORAS DE COMBATE", que se dignou de me oferecer. Muito obrigado e muito bem...

Muito bem porque adivinho de que trata o PRECIOSO LIVRO. A defensiva já está enfastiando, de longa demora; chegou a hora da OFENSIVA PACÍFICA, mas ENÉRGICA. O título de seu livro lembra isso...

Augusto, Arc. Primaz.

DO ARCEBISPO DE PORTO ALEGRE:

"Recebi, com muita satisfação, o seu belo livro intitulado "HORAS DE COMBATE", o qual, repleto de salutares ensinamentos, merece a mais larga difusão".

† João Becker Arc. Metr. de P. A.

DO ARCEBISPO POETA:

"Ao caro e saudoso amigo Mons. Liberali cordialmente saúda, Dom Francisco de Aquino Corrêa, muito agradece o mimo de suas "Horas de Combate" que tamanho bem promete fazer ao povo cristão, PELA SIMPLICIDADE, BREVIDADE, com que aí são tratados assuntos da mais viva atualidade e interesse.

Cuiabá, 13 - 11 - 1937.

UM BISPO DINÂMICO DE UBERABA:

"...Em pequeno volume, escrito em linguagem clara e incisiva, V. Revma. soube vingar vitoriosamente, as verdades dogmáticas e históricas do catolicismo contra os erros e os sofismas que contra os mesmos têm acumulado a ignorância, a impiedade, e a má fé dos inimigos da verdade. "Horas de Combate" será, nas mãos dos católicos uma excelente arma de defesa contra os detractores da religião. Aos que ingenuamente alimentam prevenções contra a doutrina da Igreja, será um ótimo guia e mestre. Quanto aos "profissionais do erro, cuja entorpecida está menos no cérebro do que na vontade perversa, esses não se renderão à força de argumentos, como não se renderam os judeus, testemunhas da ressurreição de Lázaro. Entretanto se eles lerem "Horas de Combate" serão menos inexcusáveis.

Uberaba, 19 - 11 - 37 † Fr. Luís, Bispo de Uberaba.

UM BISPO SANTO:

"...HORAS DE COMBATE, pelo que dele tenho lido, salteadamente, acredito que V. Revma. fez ao povo que lê, um ótimo serviço. Que "Horas de Combate", exerça nas almas todo o apostolado que, compondo-o tinha V. Revma. em sua alma de sacerdote.

Joaquim, Bispo de Pelotas, 14 de outubro de 1937.

O BISPO DE CAXIAS DO SUL:

Revmo. Sr. Frei Luís Maria

Venho agradecer-lhe, de todo coração, a oferta do seu livro "Horas de Combate". Li-o atentamente, e agradou-me muitíssimo. Servirá aos católicos para defenderem a sua Religião dos ataques mais comuns que lhe fazem os inimigos.

A sua leitura será também de grande utilidade aos adversários de boa vontade.

Dou portanto, de boa vontade o "Reimprimatur".

Caxias, 5 - 4 - 1947 † José, Bispo de Caxias.

DO BISPO DE LAJES:

"Venho agradecer-lhe mui o penhorado, a valiosa oferta do exemplar de seu magnífico livro: "Horas de Combate" que tão nitidamente revela o talento privilegiado de V. Revma. e seu grande ardor pela pureza e integridade da fé católica. Formulo os melhores votos a Deus por que "Horas de Combate" tenha a maior difusão. Abençoa-o o irmão e amigo

† Daniel Hostin O. F. M. — Bispo de Lajes.

DO BISPO DE PENEDO:

Venho agradecer mui cordialmente ao prezado amigo a gentil oferta de um exemplar de sua obra "Horas de Combate".

Não é necessário uma palavra minha para recomendar a obra. A melhor recomendação está na própria obra: o facto de haver alcançado em tão pouco tempo já a 4ª edição, especialmente entre nós é do mais alto significado!

† Frei Felício O. F. M.

UM REITOR DE SEMINÁRIO MAIOR:

"De coração agradeço a V. Revma. pela esplêndida e chispante metralhadora da verdade "Horas de Combate", felicitando-o pela feliz escolha da forma dialogada e pelos diálogos dramáticos, augurando copiosas bênçãos do céu para a sua pena..." Padre Luis Argenpointer (Reitor do Seminário de S. Leopoldo, dirigido pelos Jesuitas)

UM CUSTÓDIO PROVINCIAL DOS CAPUCHINHOS:

"Antes de sair de Garibaldi recebi seu interessantíssimo livrinho de ouro "Horas de Combate". V. Revma. sempre foi destemido batalhador como um verdadeiro BONUS MILES CHRISTI. Com este novo e poderoso canhão segue o inimigo de todas as plagas "usque ad ultimum terrae". Felicito-o e faço votos para que seu livrinho abra os olhos a tantas pobres almas que jazem nas trevas do erro..."

Padre José O. M. C.

UM MISSIONÁRIO:

"Meu ótimo Mons. Ricardo, aceite meus cumprimentos pelo seu otimismo "Horas de Combate". Bravol

Padre Cláudio Mascarello, S. J.

UM PROFESSOR:

"...Horas de Combate" é admirável e provoca animação nos alunos a vastíssima erudição em matéria de seitas que pululam em derredor da barca de Pedro. Surge o mestre consumado em teologia e direito canônico, mestre que, pode jogar a luva aos adversários e não há quem se atreva a arguê-lo..."

Fr. Vendelino Junges, S. J. (Seminário de Gravataí)

O VIGÁRIO DE GETÚLIO VARGAS:

"...O livro é ótimo na sua doutrinação e na sua exposição em forma de diálogo que o torna agradável e atraente. Meus mais sinceros parabéns!"

Mons. João Farinon

O VIGÁRIO DE JÚLIO DE CASTILHO:

"Li de um fôlego sua excelente obra *"Horas de Combate"*. Que tanto manancial de refutação aos ataques que de continuo apesar de mil vèzes refutados se dirigem à Santa Igreja! Dou-lhe sinceramente os meus elusivos parabéns e vivam sequentes. É realmente um precioso vademecum de apologia. Desejo que me remeta 10 exemplares, pois quero colocar *"Horas de Combate"* nas mãos de cada zeladora".

Padre Antônio Corrêa

O VIGÁRIO DO PARAÍ:

"...*Horas de Combate*" é um triunfo apologético e literário. Eu sei que o Sr. não tem em mira os aplausos do público, mas unicamente a glória de Deus e o bem das almas. Não posso, porém, deixar de cumprir o grato dever de felicitar o companheiro de minha infância, que não medindo esforços, tornou-se um benemérito batalhador da Verdade. Gostei muito do livro: não lhe faltam clareza, nem energia, de modo que sua leitura é atraente. Não se estende em longos arrazoados que tornam quase sempre em prejuízo da obra destinada a um público de pouca cultura. Além disso a forma dialogada dá vivacidade e argumentação. É um ótimo manual, tanto para nós católicos como para os nossos adversários de boa vontade".

Pe. Felix F. Busatti.

UM CARMELITA:

"...*Horas de Combate*" li-o com grande interesse e o achei INTERESSANTÍSSIMO sob todo ponto de vista. Linguagem clara, argumentação de aço, e, sobretudo, uma linha filosófica irrepreensível... Deus abençoe o ilustrado autor..."
Dr. Frei Carmelo Lambooy Ord. Carm. Cidade de João Pinheiro
Estado de Minas Gerais.

UM CONVERTIDO:

"...*Horas de Combate*" proporcionou-me momentos de sumo prazer. Vem este PRECIOSO LIVRO satisfazer uma grande necessidade em nosso meio, tão carente de obras desta natureza. *"Horas de Combate"* é espada do espírito que manejada com perícia acha-se talhada para ser instrumento nas mãos de Deus na conversão de muitas almas. Vosso na causa do Mestre

Clementino Araújo. (Ex pastor protestante)

UM LITERATO, LINGÜISTA E GRAMÁTICO:

"...*Horas de Combate*..." não quis escrever a V. Revma. sem que primeiro lesse atentamente seu livro. Agora que já o li, posso dizer com toda a sinceridade que V. Revma. sabe perfeitamente compreender o papel do católico moderno, que deve ser homem de ação, de luta, de combate, sãbiamente orientado pelos generais da fé como V. Revma. Na verdade, *"Horas de Combate"* é verdadeiro BREVIÁRIO DOS LEIGOS, e oxalá fôsse ele conhecido de todos os católicos brasileiros".

José de Sá Nunes

UM ESTRANGEIRO:

"*Horas de Combate*" encierra um estúdio ameno instrutivo. Mui necessário em los hogares de todo território.

Lino Indarte, Salto Uruguay

O QUE DIZ A IMPRENSA CATÓLICA SÔBRE O LIVRO "HORAS DE COMBATE"

Da "ESTRÊLA DO SUL" de 21 - 10 - 1937, nº 41.

"Horas de Combate" ou *Vademecum* apologético para uso dos leigos — por Mons. Ricardo D. Liberali —

Mons. Liberali não dá tréguas às heresias, às superstições, que, no zeloso exercício do seu múnus sacerdotal encontra a invadir, quais ervas daninhas, a vinha do Senhor.

Fruto do seu zelo e do combate incessante é este volume de 200 páginas onde tomou por objetivo defender a verdadeira religião de Cristo e esclarecer católicos e acatólicos sobre os erros das seitas protestantes e o espiritismo.

Escolheu a forma de diálogo, mais acessível à gente simples. E deve-se reconhecer, soube conduzir a discussão de forma viva, clara e interessante, e por vezes, com modos de dizer que caem no gosto do povo gaúcho.

Quem percorre as discussões travadas sobre os diversos assuntos verifica que o autor não foge das objeções e dificuldades e que é senhor da matéria e hábil na explicação e refutação.

Assim, por exemplo é admirável o capítulo sobre as "Inovações do Romanismo", onde estabelece a verdade sobre treze "inovações" de que os protestantes acusam a Igreja católica.

Em conclusão, as "Horas de Combate" merecem difusão: postas nas mãos dos católicos, os previnem contra os assaltos do erro e os habilitam a responder às objeções; lidas por nossos irmãos dissidentes de boa vontade abri-lhes-ão os olhos para a verdade. M. M.

"DE «A GAZETA», DE PERNAMBUCO »:

"Horas de Combate" ou *Vademecum* apologético para uso dos leigos. Mons. Ricardo Liberali. Pedimos à Catedral Uruguaiana, Rio Grande do Sul.

Mais um livro apologético para uso dos leigos e um dos melhores que conhecemos. Erro protestante ou espírita não

existe, que nestas páginas não encontre sua refutação, completa irrefutável. Depois de uma Hora de Combate com Mons. Liberali há só duas deliberações: ou a conversão ou a permanência no erro, por burrice, crônica incurável ou por má fé. "Horas de Combate" é um livro escrito com ardor pela verdade, uma linguagem que todos compreendem e apreciam. Protestantes até o apreciaram e deram a mão à palmatória, ou melhor converteram-se. Poderá o autor aspirar a maior triunfo?

Através de tudo ressalta a vasta erudição de Mons. Liberali.

O QUE DIZ «O APÓSTOLO» DE PENEDO, nº 426 de 9 de janeiro de 1938

"HORAS DE COMBATE"

Mons. Ricardo Liberali é um sacerdote moço, mas muito culto. Conheciamo-lo de há muito pela sua colaboração quase assídua na "Estrêla do Sul" de Porto Alegre. É um temperamento combatido e não lhe têm faltado por isto algumas provas de fogo.

O seu livro "Horas de Combate" nós desejamos que esteja em tôdas as mãos, e seja lido com toda a atenção. É um livrinho precioso. No gênero poucos livros lemos que nos agradassem tanto.

Não é fácil fazer obra atraente em matéria tão batida e repisada. Mons. Liberali entretanto o fez. Trata-se de uma exposição clara e metódica das dificuldades que os protestantes e maçons nos atiram e das tolices e "inovações" de que nos culpam. O autor segue a forma de diálogo.

Uma conversa animada às vezes azedinha, entre um protestante e um católico, ou entre um católico e um maçom. O protestante fundamentado sempre nas "Inovações Romanistas" atira contra o católico argumentos e fatos que parecem ir lançar por terra a infalibilidade da Igreja. O católico retruca, mostrando com clareza a inanidade, a falsidade das acusações. Às vezes descem ou sobem à argumentações in-

interessantes em que o autor revela uma invulgar cultura dogmática e histórica.

O leitor tem vontade de ir ao fim do livro. Sente-se atraído pela resposta que espera. O livro é movimentado e instruí agradável, sem que o leitor se enfiasse ou se canse.

Mons. Liberali é vigário geral da Diocese de Uruguaiana, onde é Bispo o nosso ilustre conterrâneo D. Hermeto Pinheiro. A ele pelo seu ótimo livro, nossos cumprimentos. "Horas de Combate" vão fazer um grande bem a católicos e protestantes. Por isso nós aconselhamos sua leitura a todos.

O QUE DIZ A «UNIÃO» DO RIO:

Os protestantes desenvolvem em todo o Brasil uma campanha vigorosa contra a Igreja. Não há cidade ou pequenos lugarejos em que não apareçam as suas caravanas, o "exército de salvação", os pastores norte-americanos. Não raro há localidades onde a simplicidade do nosso povo naturalmente cristão, mal informado sobre a verdade da religião, dada a escassez de sacerdotes, deixa-se empolgar pelas lábias dos pastores. E o erro penetra ali através de sofismas, deformações, embustes de toda a ordem.

No sentido de combater esse mal, faz-se mister uma literatura adequada, também simples, à altura da inteligência do nosso povo. Dá-nos essa contribuição, num livro de quase duzentas páginas, o Revmo. Mons. Ricardo Liberali, vigário geral de Uruguaiana.

A questão da autenticidade das bíblias distribuídas pelos protestantes, a velha chapa de que a Igreja proíbe a leitura dos Evangelhos, o que os protestantes denominam de "inovações do romanismo", tudo isso Mons. Liberali refuta com segurança, em forma dialogada que agrada sobremaneira. Também o espiritismo é vivamente criticado.

Intitula-se "Horas de Combate" o livro do zeloso sacerdote, livro com o qual os nossos católicos especialmente do interior devem se familiarizar, pois, nele encontrarão subsídios preciosos, para enfrentarem as manobras luteranas ou calvinistas.

«O LUTADOR» DE MANHU-MIRIM — MINAS:

"Horas de Combate" ou Vademecum apologético para uso dos leigos, por Mons. Ricardo Liberali.

As "Horas de Combate", escritas num estilo popular, versam sobre assuntos populares, é um dos melhores livros de apologética que conhecemos.

Responde às mil objeções e às duas mil dúvidas que os protestantes costumam suscitar contra a nossa religião; e o faz com fundamento, com doutrina, ciência e lógica.

Para os católicos que vivem no meio dos protestantes, — ou melhor ao lado de protestantes, pois o nosso Brasil é católico — este livrinho é quase uma necessidade. Procurem adquiri-lo quanto antes, e não se arrependam.

O QUE DIZ O «CRUZEIRO DO SUL» DO RIO GRANDE DE nº 25 de 13 de novembro de 1937

Mons. Ricardo D. Liberali — "Horas de Combate"

Mons. Ricardo D. Liberali acaba de nos enviar seu primeiro livro. Primeiro ao que nos consta. É um livro de utilidade incontestável para a defesa do Cristianismo puro.

Arsenal de conhecimentos apologéticos, é este livro, segundo o fito do Autor destinado a servir aos simples, para que se defendam da heresia e possam com os hereges discutir e vencer. Toda a linguagem é de fato, acessível e em geral, — explica Mons. Liberali, — são palestras que ele teve com diversos acatólicos.

O lobo entra no rebanho de Cristo coberto com a lã da ovelha. Assim diz o Autor, no Proêmio, sobre as seitas acatólicas que, vindo disfarçadas com a lã da ovelha da Bíblia, a palavra de Deus, arrogam-se o direito de ensinar os erros em que laboram. Mais. O livro ocupa-se de rebater os erros pregados pelo espiritismo.

O Autor preferiu a forma de diálogo e, aqui e ali, amenizou com expressões usuais, quase sempre jocosas, e ao gosto de grande número de leitores.

Quem discute com acatólicos sobre a religião muito ganha sabendo de cor o livro do operoso Cura da Sé de Uru-guaiana.

"O Cruzeiro" agradece o recebimento de "Horas de Combate" que tem moderna e artística capa.

Da Inglaterra

O QUE DIZ O DIÁRIO CATÓLICO LONDRINENSE:

«CATHOLIC HERALD» EM SEU nº 2742 de 16 de setembro de 1938:

"Horas de Combate" é o título muito apropriado para uma série de diálogos sobre a Apologética Cristã para uso dos leigos. Depois de um prefácio introdutor no qual o autor expõe as tendências bibliólatras de muitos protestantes, divide o livro em quatro partes, das quais a mais extensa se refere às "Inovações Romanas".

O católico, nestes diálogos, prova a seu amigo protestante que a inovação de Nossa Senhora e dos santos, a veneração das suas imagens, a validade dos sete sacramentos, a doutrina da transubstanciação, a doutrina do Purgatório, a existência de certas devoções particulares, concordam perfeitamente com a Sagrada Escritura e com a Tradição da Igreja universal. As "Inovações Romanas" concluem com diálogos sobre o celibato do clero e os motivos do uso da língua latina na Missa.

O capítulo seguinte, intitulado "Miscelânea" trata de diversos pontos, tais como a Papiza Joana, a noite de São Bartolomeu, a Inquisição Espanhola, etc... Neste diálogo está em vez do protestante um maçom, o que permite também discorrer sobre a maçonaria... Segue-se então um diálogo com um Adventista do sétimo dia, dando ensejo de discorrer sobre o Apocalipse.

A terceira parte de "Horas de Combate" consiste em argumentos contra um Espiritista.

A quarta é a exposição franca e sucinta da vida privada de muitos chamados "reformadores".

Grande mérito da obra e coisa utilíssima ao apologista é a referência ao texto original em todos os argumentos usados.

É pena que o livro esteja escrito em Português e portanto inacessível a grande número de pessoas que dele se poderiam beneficiar. Devido ao grande número de expressões adverbiais e alusões à história local, será a tradução quase impossível e impraticável. Contudo, uma pessoa com bastante conhecimento de alguma língua neolatina será capaz de ler com proveito e com pouca dificuldade "Horas de Combate".

PARTE PRIMEIRA

PREPARANDO O TERRENO

EXPOSIÇÃO DE PRINCÍPIOS

I. O PLANO DE CRISTO A RESPEITO DE SUA IGREJA

Segundo o cálculo de Dionísio Exíguo, monge beneditino, cálculo universalmente aceito, embora haja uma pequena dúvida sobre a exatidão do ano do nascimento de Jesus, contamos desde o nascimento até hoje, 1959 anos. Assim reza a **era cristã**.

Apresentou-se Jesus como Filho de Deus, portanto como Deus, pregou publicamente e escolheu doze apóstolos, para chegar aos **homens por meio dos homens** aos quais instruiu oralmente durante três anos, e incumbiu de continuarem a sua tarefa: « Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós » (Jo 20, 21). Ora, a missão de Cristo foi **pregar oralmente porque assim o fez**. Logo, essa era a missão dos apóstolos e seus substitutos até o fim do mundo, pois essa missão alcançaria todos os povos contemporâneos de Cristo e posteriores a Ele: « Ide e ensinai a **todos** os povos » (Mt 28, 19).

E a Igreja que viesse representando a missão dos apóstolos teria sempre a verdade e nunca se corromperia. «E as portas do inferno (isto é, o poder do inferno) não prevalecerão contra ela». «E eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mt 28, 20).

E onde está Cristo? Está com o elemento humano deixado por Ele para executar a sua missão através de todos os séculos. Ora, este elemento humano foi sempre único por quinze séculos. Foi o Magistério da Igreja Católica, Apostólica, Romana. Se remontassem ao tempo de Cristo duas sociedades cristãs, poder-se-ia duvidar, talvez, qual delas fôsse a verdadeira.

Mas tal não se deu. Só nos veio uma: a Igreja Católica, Apostólica, Romana. Logo, ela e só ela é a religião de Jesus Cristo, o verdadeiro cristianismo.

Os protestantes, estes, vieram, os mais antigos, com quinze séculos de atraso. Logo, a sociedade cristã protestante, fundada por Lutero, em 1517, é obra de homens e não é a de Cristo. Veio tarde demais.

O mesmo se diga das demais seitas que se dizem cristãs.

2. PLANO PROTESTANTE

A estas alturas, saltam na arena os protestantes indignados, esgrimindo a velha arma usada por tôdas as seitas.

Vejamos:

Protestante — Católico, o Sr. nos injuria. Nós viemos suceder a Cristo.

Católico — Mas os Srs. chegaram tarde demais. Quinze séculos de atraso!

P — Qual atraso, qual nada! Nós tiramos a nossa doutrina da Bíblia. Pela palavra de Deus nós achamos a verdade escondida pela Igreja.

C — Disse bem. Os Srs. tiram o protestantismo com suas cabeças da Bíblia eu o creio. Mas que tiraram só dela a «verdade», isso não, pois contra a verdade não há «verdade». Há só uma!

P — Está aí; não disse que os Srs. não querem saber da Bíblia? Então da Bíblia não se tira a verdade?

C — Calma! Tira-se e não se tira. Tira-se, sendo a Bíblia bem interpretada.

P — Então a Bíblia pode errar?

C — Não Sr., absolutamente. Mas os intérpretes é que podem errar e posso lhe garantir que os Srs. erraram.

P — Nós? Pois sim!

C — E é fato.

P — Então diga em que é que nós erramos?

C — Em quererem tirar da Bíblia e só da Bíblia a verdade.

(Já não falando da influência do leitor!)

P — E isso é errado? Então erramos, bonito.

C — É erro, e erro nunca é bonito.

P — E, se não se tira da Bíblia, de onde se há de tirar a verdade?

C — Da Igreja de Cristo, do Magistério, do elemento humano, que Jesus deixou sobre a terra com a missão de pregar e de se perpetuar «até ao fim do mundo» (Mt

28, 20). Não se podem fabricar novas religiões de Cristo à vontade.

P — E a Bíblia fica posta num canto?

C — Não Sr., a Bíblia é base da verdade, mas só sendo interpretada de conformidade com a Igreja, o elemento humano deixado por Cristo, o qual também é base de verdade (I Timóteo), e por excelência.

P — Qual Igreja! A Igreja somos nós, a Igreja é a Bíblica!

C — Deixe-se de absurdos! Diga-me lá: que é que apareceu primeiro, a Igreja ou a Bíblia?

P — ?

C — Não sabe? Pois eu sei. Antes de Cristo havia o Antigo Testamento. O Cristianismo foi fundado por Cristo, quando começou sua vida pública, lá pelo ano trinta mais ou menos.

P — Logo, a Bíblia é anterior à Igreja.

C — Mas qual é a base do cristianismo dos Srs., o Novo ou o Antigo Testamento?

P — É tudo.

C — Perdão. Se os srs. não são judeus, mas cristãos, e querem tirar a religião cristã da Bíblia hão de tirá-la do Novo Testamento.

P — Pois, sim, é admissível. E daí?

C — Pois bem, o Novo Testamento terminou com o Evangelho de S. João escrito no último decênio do 1º século e o Sr. há de admitir que tomam por base todo o Novo Testamento e não só partes...

Pois bem, se o Novo Testamento fôsse a base da Igreja de Cristo, seria uma base que veio depois do edifício pronto. Logo não seria base.

P — Como assim?

C — Cristo fundou sua Igreja oralmente, com plenos poderes de representá-lo. Morreu Cristo, e os apóstolos espalharam o cristianismo por toda a terra conhecida, propagaram a Igreja já existente para nunca se terminar — sempre a mesma.

P — E o Novo Testamento e a Bíblia?

C — A Bíblia, o Novo Testamento era o cristianismo posto em prática. Só dez anos depois da morte de Cristo é que apareceu o primeiro escrito do Novo Testamento, o Evangelho de S. Mateus (1).

E conforme as necessidades, foram sendo prontificados os outros escritos, que eram auxiliares e dependentes da Igreja, nunca bases únicas desta.

A Bíblia faz para a Igreja papel da escrituração para o comerciante; auxilia-o, mas não é a causa dos seus negócios.

E o mesmo Deus que inspirou os escritores sagrados fundou antes a sua Igreja, como sua intérprete autorizada. Logo, aparecendo os tais escritos, ela é que tinha a última palavra na sua interpretação, pois a palavra escrita não era mais palavra de Deus do que a palavra pregada.

Além disso, no último capítulo de (Jo 21, 25) está que NEM TUDO o que Jesus fez e disse foi escrito, mas TUDO

(1) E o Pastor luterano Upton Kritch escreveu no «Correio do Povo» de Porto Alegre, que foi só vinte anos depois.

É EVANGELHO NECESSÁRIO PARA A SALVAÇÃO. A IGREJA Católica, Apostólica, Romana TEM TUDO: O Evangelho ESCRITO e o não escrito. Com este interpreta-se aquele. O protestantismo, tendo só o escrito não passa de uma ponte que tenha apenas metade das pranchas. Tem verdade, mas não tem toda a verdade. Essa é uma religião incompleta que não salva, assim como ninguém atravessa um rio com metade da ponte. Isso é claro como o cristal.

3. PERENIDADE DA ÚNICA IGREJA DE CRISTO

P — Sua conversa está muito boa, mas o Sr. está equivocado. É que a Igreja de Cristo verdadeira é o protestantismo. Nós viemos suceder ao catolicismo.

C — Alto lá, alto lá, querer suceder a alguém que ainda esteja vivo é vingarice. Como vou herdar de quem não morreu?

P — Mas é que a Igreja Católica se desviou do cristianismo, se corrompeu, morreu.

C — Só que se apaguem das páginas sagradas a profecia de Daniel e o livro de S. Lucas.

P — Que tem de ver com a Igreja Católica a profecia de Daniel e S. Lucas.

C — Muita coisa. Tudo.

P — Vejamos a profecia de Daniel a que se refere.

C — Não conhece o sonho de Nabucodonosor, explicado por Daniel?

P — Sim, consta do livro de Daniel, no capítulo segundo.

C — E não entendeu nada? Será que não quer entender?

P — Entendo que Nabucodonosor sonhou que vira uma grande estátua, a qual representava a humanidade. As quatro partes de que era composta representavam quatro reinos universais que ela teria até o fim do mundo. Depois se desprende do monte uma pedrinha sem ser por mão de homem e cobriu a terra. Seria o Messias.

C — Vamos ler o texto mesmo desde o verso 31: «Tu, ó rei, estavas olhando e parecia-te que vias uma grande estátua; a tal estátua de uma grandeza e altura extraordinária, se detinha em pé diante de ti, e sua vista era espantosa. 32 A cabeça desta estátua era de ouro finíssimo, porém, o peito e os braços de prata, já o ventre e as coxas eram de cobre. 33 E as pernas eram de ferro, uma parte dos pés era de ferro e outra de barro. 34 Tu estavas vendo atentamente até que uma pedra foi arrancada de um monte SEM INTERVIREM MÃOS DE HOMEM, a qual feriu a estátua nos seus pés de ferro e barro, e os fêz em pedaços. 35 Então se quebraram tudo a um tempo, o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como miúda palha que o vento leva fora da eira em tempo de estio; eles desapareceram de todo lugar; MAS A PEDRA FEZ-SE UM GRANDE MONTE QUE ENCHEU A TERRA TODA.

36 Este é o sonho; diremos também na tua presença, ó rei, a sua interpretação. 37 Tu és o rei dos reis e o Deus

do céu te deu o reino e a força e o império e a glória. 38 Tu és a cabeça de ouro. 39 Depois de ti se levantará outro reino menor que o teu, que será de prata e outro terceiro que será de cobre, o qual mandará em toda a terra. 40. E o quarto reino será de ferro; assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim ele quebrará e fará todos estes em migalhas... 44 Nos dias, porém, daqueles reis SUSCITARÁ O DEUS DO CÉU UM REINO QUE NÃO SERÁ JAMAIS DISSIPADO E NÃO PASSARÁ PARA OUTRO POVO... »

Quais são os reinos universais que a história registra?

P — O Babilônico, o medo-persa, o grego e o romano.

C — Pois no tempo deste último, sob o Império de César Augusto que mandara fazer o recenseamento de todo o universo apareceu a tal pedrinha misteriosa, O MESIAS, que nasceu sem ter pai na terra (desprendida do monte sem ser por mão de homem) e fundou UM REINO QUE NÃO SERÁ JAMAIS DESTRUÍDO... A Igreja Católica.

P — Alto lá, eu não disse que o reino de Cristo se tenha destruído, apenas disse que nós somos os sucessores da Igreja primitiva, que era a Católica.

C — E continua Daniel «E NÃO PASSARÁ PARA OUTRO POVO». O que começou, este continuará, sem mudar de pessoas dirigentes, sempre o mesmo. Não há papa, nem bispo que o poderá destruir e nem protestante que o poderá corrigir e melhorar, para devolvê-lo a Cristo em perfeitas condições.

P — Mas nós reformamos A MESMA RELIGIÃO. Neste sentido é que vos sucedemos.

C — Perdão, mas o protestantismo NÃO É A MESMA RELIGIÃO QUE A NOSSA.

Se o protestantismo quisesse reformar a Igreja eram as pessoas que deveria reformar DENTRO DO CATOLICISMO. Não era fazendo OUTRA IGREJA, que se reformava a antiga. Se uma casa requer reforma, não é fazendo outra casa que ela fica arrumada, como deve ser.

O protestantismo é uma igreja contra Igreja: há dogmas contra dogmas.

E veio depois: é o falso profeta, nem mais nem menos.

P — E que diz S. Lucas sobre a perenidade da Igreja, uma vez começada?

C — Em Lucas I, 32 e 33, se encontram as palavras do Arcanjo Gabriel referindo-se a Jesus e à sua Igreja: «Será chamado Filho do Altíssimo e o SENHOR DEUS lhe dará o trono de Davi seu PAI E REINARÁ ETERNAMENTE NA CASA DE JACÓ E SEU REINO NÃO TERÁ FIM».

O próprio Cristo prometeu que sua Igreja não se esmagaria (Mt 28, 20), porque Ele a assistiria «TODOS OS DIAS» até o fim do mundo.

P — Como surgiu então o protestantismo?

C — Pela revolta de um infeliz frade católico, da ordem de Sto. Agostinho, o qual não tinha credenciais para reformar coisa alguma, além de sua pessoa.

E nem isso fez. E afundou-se ele e arrastou atrás de si muita gente. Ah! se Erasmo, quando consultado por Carlos V sobre que fazer do padre apóstata, tivesse aconselhado mão de ferro, não teríamos hoje esse descalabro no cristianismo!

P — Como pôde, então, o protestantismo impor-se na Europa?

C — Pelas lutas do momento e pelas ambições dos príncipes que cubigavam os bens das Igrejas, como de fato com eles se locupletaram.

P — Mas nós temos a verdadeira interpretação da Bíblia.

C — Agora quem protesta sou eu. Não há verdadeira interpretação sem a verdade e esta está com o catolicismo e não com uma das seitas protestantes. Para bem interpretar a Bíblia deve saber pelo menos qual o Cânon dos livros sagrados. Não basta comprar na livraria uma Bíblia para se saber de sua autenticidade. Façamos, pois, algo sobre:

4. INTERPRETAÇÃO E CÂNON

C — Acho graça dos Srs. quererem saber de um livro quinze séculos depois de ser escrito automaticamente.

P — Mas o caso é que nós achamos a verdadeira explicação d'ele, e ele vem de Cristo.

C — Há mais de 11.000 qualidades de protestantes diferentes que afirmam o mesmo. Qual d'eles tem razão?

P — Não diga «diferentes». Há modalidades, entre eles, não diferenças. É assim como entre as ordens da Igreja Católica.

C — Depois falaremos sobre isso. Vamos agora ao que estávamos falando. Não me consta que houvesse entre

os protestantes alguma «avis rara» em matéria de interpretar a Bíblia.

P — Mas nós somos inspirados.

C — E os outros não? E a Igreja não? Houve neste caso quinze séculos de inspirados antes dos Srs.

P — Mas a Igreja proibia ao povo a leitura da Bíblia.

C — Isso é calúnia. É até pecado afirmar isso. Durante quinze séculos anteriores aos protestantes leu-se a Bíblia. Mas o que não se podia era profanar a Sagrada Escritura com ousadas interpretações pessoais, diferentes das dos antigos intérpretes e da oficial.

P — Aí bate o ponto, aí está o mal.

C — Para os senhores; para nós aí está o bem, meu amigo. A mãe não dá o pão seco e cru à criança; coze-o e prepara-o ela, primeiro; só assim o dá, depois, à criança. Ora, nem todos têm compreensão das coisas e, se forem todos interpretar a Bíblia, haviam de profaná-la com absurdas conclusões. A Bíblia passando pelo cérebro do indivíduo é como a luz passando por um vidro: fica da cor do mesmo. E que a Igreja tenha razão em adotar este sistema de controlar a leitura da Bíblia, prova-o a multidão de seitas protestantes surgidas, da profanação da Bíblia, pois, de uma só Bíblia tiraram conclusões diferentes.

P — E o livro exame? E a inspiração particular?

C — Não há inspiração particular, e, se houvesse inspiração particular verdadeira, não haveria ela de contradizer a inspiração oficial da Igreja. E o livre exame é a confusão do protestantismo.

P — Então não seria preciso ler a Bíblia. Se a toda a

Bíblia se deve dar um só sentido, para que lê-la? Ouço da Igreja o que me diz.

C — Esse seu pensamento está correto em parte. A verdade é uma só. Ora, essa, a Igreja a tem, desde que escreveu o Novo Testamento e mesmo antes, desde que ela existe. Logo, deve-se aceitar sua interpretação como sendo a mais autorizada. Se o Sr. escreve uma carta, quem é o melhor intérprete da mesma?

P — Eu. Quem mais havia de ser?

C — Exatamente. E, pode alguém interpretar a sua carta contra o Sr.?

P — Nunca, não admito. Seria « blague », engano, velhacaria.

C — O que o Sr. faz com sua carta, faz a Igreja com a Bíblia. O Antigo Testamento, recebeu-o dos Apóstolos e de Cristo. O Novo Testamento, ela mesma o escreveu. Logo, a sua interpretação é a mais fiel; tanto mais que ela é assistida por Cristo. De outro lado, não é inútil ler-se a Bíblia, como falsamente conclui o Sr., mas de muita utilidade, especialmente por causa dos preceitos morais de que é vastíssimo repertório e por confirmar os ensinamentos dogmáticos da Igreja. Lá se encontram a vida e as palavras de Cristo, vida e palavras de inúmeros varões tementes a Deus. Logo, é de muita utilidade a sua leitura e a Igreja a recomenda a todos.

P — Ora, vir me dizer a mim que a Igreja não proíbe a leitura da Bíblia! Pois eu vi padres queimarem Bíblias!

C — Duas afirmações merecem duas respostas. O padre bem podia ter queimado Bíblias, não por ódio, mas por amor à mesma Bíblia.

P — Que absurdo! Como assim?

C — Por não estarem as Bíblias nas devidas condições.

P — Então a Bíblia, a palavra de Deus, tem condições?

C — Por ser palavra de Deus, tem e deve ter, a saber: que seja tal.

P — Essa é boa! E quais seriam estas condições?

C — Que a Bíblia traga notas explicativas e tenha aprovação de algum bispo (Cânon 1391).

P — Por que essas condições?

C — Para se ter certeza de que essa Bíblia é mesmo a Bíblia e para que todos possam lê-la « bem ». A Igreja é a guarda da verdade. Ela recebeu toda a verdade de Jesus e é, portanto, sob o seu « controle » que se deve propagar a palavra de Deus. Ela quer que as edições saiam corretas.

P — E não será para tirar alguma passagem incômoda?

C — Isso ela faria se procedesse como os protestantes que alijaram sete livros da Bíblia e pervertendo muitas passagens que lhes convêm.

P — Mas isso é calúnia!

C — Não sou um protestante para caluniar. Dê-me a sua Bíblia. Onde é que se acham nela os livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e os dois dos Macabeus, ao todo sete? Onde está a passagem da Casta Susana, libertada por Daniel? E por que estão pervertidos os textos que falam da « penitência », traduzindo-se por « arrependimento? »

P — De certo, esses escritos eram apócrifos.

C — Mas os Srs. é que não têm autoridade para dizer isso. Se os Srs. têm a Bíblia e sabem quais e quantos são os evangelhos, as epístolas e os outros livros, devem-no à Igreja. Se ela mereceu fé quando apresentou uma parte da Bíblia, porque não merece, apresentando também o resto?

P — Mas a Bíblia não se refere a esses livros.

C — Mesmo que não se referisse, não deixariam de ser autênticos, pois, dos livros admitidos pelos protestantes como autênticos, há diversos que não são citados pelo resto da Bíblia e nem por isso deixam de ser autênticos, como quase todas as epístolas.

P — Mas, se o resto da Bíblia se referisse aos livros apócrifos, citando-lhes frases, repetindo histórias nêles contidas não se poderia duvidar da sua autenticidade.

C — E casualmente quase todos os sete são citados desta forma.

P — Impossível!

C — De fato. Na epístola aos Hbr 11, 35 alude-se ao suplício de Eleázaro, narrado no 2 Mac, 6, 19. O livro da Sabedoria é citado em Hbr 1, 3 correspondendo ao seu cap. 7, 26; o texto dos Romanos 11, 7-31 coincide com Sab 13. O Eclesiástico é citado em 1 Tim 6, 9 - (Ecl 9, 10) - Gál 6, 10 - (Ecl 12, 4) - Cor 9, 7 - (Ecl 30, 11). O livro de Tobias é citado em Mt 7, 12. Judite, o profeta Baruc, não são citados, mas em compensação estão na tradução dos 70, como todos os outros livros sagrados; e demais a mais, são reconhecidos por toda a Tradição. Ninguém duvidou

dêles a não ser os protestantes. Só o estarem na tradução dos 70 é prova suficiente de sua autenticidade. Como é sabido, 70 sábios traduziram, antes de Cristo, a Bíblia (a existente até então) do hebraico para o grego. Pois, no rol dos livros sagrados, apareciam estes dois.

E depois, estes, como os outros, são aceitos com unanimidade pela Tradição.

P — Qual Tradição, qual nada! Que é Tradição?

C — Tradição é a voz da Igreja; é o elemento humano deixado por Cristo na terra. No nosso caso, a Tradição está na aceitação dos livros em questão pelos Santos Padres, que registraram em seus escritos a pura doutrina de Cristo. É, em outras palavras, a voz da história.

P — Nós não admitimos Tradição de jeito nenhum. Em todo caso, seria curioso ouvir alguma coisa a este respeito. Falam os antigos escritores dêstes livros?

C — Falam. O livro de Baruc é citado diversas vezes por S. Clemente Alexandrino, S. Hipólito, Melito, Sto. Atanásio, calando os demais por não terem oportunidade de falar, sobre o assunto. O livro da Sabedoria é citado por São Justino, Tertuliano, S. Hilário, Eusébio, S. Jerônimo e os nomeados acima. Os de Macabeus são citados por quase todos os Padres acima citados e mais por S. Cipriano e Sto. Efrem, e Orígenes. O mesmo vale para os outros livros, cujos citantes é inútil nomear.

P — Sim, porque não admitimos a Tradição.

C — Porque não lhes convém. Quando, porém, algum dos Santos Padres parece favorecer os protestantes, então é citado de bom grado e com rasgados elogios. É o caso da rapôsa que, não podendo alcançar as uvas madu-

ras, desculpou-se dizendo: «São verdes, não prestam». Tendo, porém, caído uma folha, virou-se mais que depressa para ver se era algum bago. Infelizmente era folha.

Assim sucede com os protestantes: Combatem a Tradição por princípio. Se porém, algum Santo Padre parece falar a favor dêles, tomam-no como autoridade, coisa que se vê nos escritos de Lutero e em outros escritores como as «Inovações do Romanismo». Mas são infelizes. Os poucos autores citados por eles, ou são mal interpretados ou em todo caso, não fazem Tradição por discordarem da maioria. São parra, não são bago. E, assim como a uva é desprezada pela rapôsa, por não ter ela podido alcançá-la, assim também a Tradição é desprezada pelos protestantes porque não lhes favorece as opiniões.

P — Mas voltemos ao nosso assunto. A Igreja proibiu ou não a leitura da Bíblia em língua vernácula?

C — Proibiu e não proibiu. Proibiu, como disse, a leitura da Bíblia sem notas e editada fora de suas vistas. Permitiu e permite as Bíblias em vernáculo desde que tenham notas e sejam publicadas com a sua aprovação, pelos motivos acima expostos, e para evitar sacrílegas interpretações do texto sagrado.

P — Assim que, se eu quiser, poderei ter uma Bíblia em português, editada pela Igreja Católica?

C — Perfeitamente. Qualquer livraria católica pode fornecê-la.

P — Então farei o pedido.

C — E perderá um mau conceito sobre a Igreja.

P — Contudo, resta-me ainda uma dúvida a este res-

peito. Com certeza é de agora que a Igreja põe ao alcance do povo a Bíblia.

C — Engano. Sempre o fez. Nos primeiros séculos, lia-se a Bíblia e se explicava nas chamadas homilias. Hoje em dia, continua-se a ler o trecho evangélico ao povo e se faz a correspondente explicação a homilia, e isso todos os domingos e festas.

P — Mas de certo antes era tudo em latim e agora em português ou nas outras línguas vivas. Isso sempre será resultado de Reforma.

C — A Igreja nunca ligou à Reforma. Ela é a norma dos seus próprios atos. A pregação sempre foi feita na língua do povo.

P — Mas as Bíblias em vernáculo só apareceram depois de Lutero. Lutero sacudiu o pó da Bíblia.

C — Puro engano. A Bíblia foi traduzida em todas as línguas então faladas, antes de Lutero.

P — Prove-me isso e eu serei católico.

C — Não creio. O lobo, se não condena o cordeiro num ponto, condena-o em outro, embora irrazoavelmente. Assim os protestantes fanfarroneiam que serão católicos se lhes provar um ou outro ponto. Explica-se-lhes o ponto, faz-se-lhes entrar pelos olhos a dentro a verdade, mas eles sempre têm «saltos», como o lobo. Se não condenam a Igreja num ponto, condenam-na em outro e continuam protestantes. Em todo caso, se quiser provas da existência da Bíblia nas línguas vernáculas, antes de Lutero, tê-las-á. Não sou eu quem as fornece. É a história. É Cantu.

P — Lutero traduziu a Bíblia dele em 1520.

C — Antes disso, vejamos a Bíblia através dos séculos. A princípio, o povo cristão tinha a Bíblia em grego, pois esta era a língua geralmente falada. Tendo o povo substituído a língua grega pela latina, foi feita uma tradução para essa língua. É chamada *Itala*, corrigida mais tarde por São Jerônimo, que a comparou com o original. É a *Vulgata*.

Com a queda do Império romano, o latim se restringiu ao ocidente e, por isso, se fez, na Ásia, a tradução siríaca, e, no Egito, a copta. Logo após apareceu em Árabe. Antes disso, porém, tendo-se convertido as hordas bárbaras dos gótos, para elas, fez o bispo Úlfilas uma tradução em gótico; o seu original se conserva ainda hoje em Upsala, na Suécia, é o código «argênteo», assim chamado por serem as suas letras de prata. No ocidente demorou-se mais para traduzir-se a Bíblia, por dois motivos: o primeiro porque o povo todo, embora falasse em latim «macarrônico» que depois foi dando as línguas latinas (italiana, francesa, portuguesa, espanhola, rumena, etc.), entendia perfeitamente o latim gramatical; e, em segundo lugar, porque as línguas latinas modernas não estavam perfeitamente constituídas. Mas, logo que foram tomando fôros de língua, nelas se fez a tradução.

P — Isso são palavras. Eu quero fatos, datas e nomes.

C — O que disse são palavras... mas palavras que exprimem a realidade... Quer fatos? Ei-los:

As línguas derivadas do latim constituíram-se bastante tarde. Para os povos latinos, a edição latina, portanto, já servia, pois apresentava-se na língua em que eram redi-

gidos os documentos oficiais; estava na língua oficial. As universidades ensinavam tudo em latim.

P — Mas o latim, dizem os nossos pastôres, foi introduzido pela Igreja para enganar o povo.

C — Deixe-se de tolices. Ouve-se muito isso, mas não passa de calúnia.

A língua latina começou com Roma, 753 anos antes de Cristo. O célebre código do direito romano, base de muitos códigos foi escrito por Júlio César uns 50 anos antes de Cristo, e em latim, como até hoje se conserva. Cícero, no «Senado romano, do alto do rostrum», falava latim. E antes dele, Catão, no mesmo Senado, terminava os seus discursos com a célebre frase latina: «*Delenda est Carthago*», que em português significa — Cartago deverá ser destruída. E depois, não decante muito isso, que o recomenda mal por ser um sintoma de ignorância.

P — Mas ouvi isso dos meus pastôres.

C — Isso não obsta que eles possam ter, ou a má vontade do lobo para com o cordeiro, ou alguns palmos de orelha a mais...

P — Isso nos injúria! Prove!

C — Provo-o. O pregador N. N. sabe ler? (1)

P — Até hoje, infelizmente, não aprendeu.

C — E isso não basta para ter orelhas compridas? Mas voltemos ao nosso assunto.

«Quando o latim passou a ser língua morta, fizeram-

(1) Era um italiano sabatista de Cacequi que se atrevia interpretar a Bíblia sendo redondamente analfabeto.

se logo edições na língua do povo, desde os tempos mais remotos.

Assim, temos em italiano as seguintes edições da Bíblia: 1) a de Tiago de Voragine, bispo de Gênova; 2) a de Nicolau Malerbi, frade beneditino; 3) a de Veneza; que obteve, antes de 1500, nada menos de trinta e três edições; 4) a de Frei Guido, de Veneza; 5) a de Pantaleão Giustiniani, bispo de Nébbio (ao depois Frei Agostinho de Gênova).

Em francês temos: 1) a de Médar; 2) a de Jaques Lefevre; 3) a de Guiar de Moulins; 4) uma anônima, em 1378.

Em outras línguas que não sejam latinas, apareceram mais as seguintes traduções: em alemão — 1) a de Nuremberg, que obteve três edições, antes de 1500; 2) a de Augsburgo, com 8 edições; 3) a de Fausto; 4) outras anônimas.

Em flamengo são conhecidas: 1) uma editada em 1475, em Colônia, a qual obteve três edições, antes de 1488; 2) outra versão católica apareceu em 1518.

Em boêmio temos uma, 1488.

Em inglês, diz Tomaz de Moore que era conhecida uma tradução anterior a Wicleff.

E todas essas edições da Bíblia, em língua vernácula, foram feitas sob os auspícios da Igreja Católica, antes do aparecimento do protestantismo organizado, isto é, antes de 1520; e, exceto uma só, todas foram publicadas, mesmo antes de Lutero se revoltar, com a publicação de suas famosas teses, em 1517.

Depois, foi Lutero que tirou a Bíblia do pó!!!...

Isso, sim, que é calúnia. Isso, sim, que é injúria.

P — Mas isso será certo e realmente histórico?

C — Tirei estes dados de César Cantu, o grande historiador imparcial, e de outros.

P — ?!

P — Mas há no papismo muitos erros que não posso admitir.

C — Esperava por essa resposta. *Delenda est Carthago*, dizia Catão; *delenda est Ecclesia*, dizia ele se fôsse protestante, parafraseando a fábula do lobo e o cordeiro. O cordeiro deve desaparecer ou por bem ou por mal. Por isso «deve» ser culpado. A Igreja «deve» desaparecer, e por isso «deve» ter muitos erros, muitas inovações.

Entretanto, esses erros, essas «inovações» não passam de «inovações» do protestantismo. Vejamos um pouco o livro de Seymour: «Inovações do Romanismo». (1)

(1) Este livro com o chamado «Noites com os Romanistas», ao qual respondeu H. Brandão com o «Noites com os metodistas» são os mais virulentos panfletos anti-católicos.

INOVAÇÕES DO ROMANISMO

I. PRIMEIRA «INOVAÇÃO» — PRIMADO DO PAPA S. PEDRO EM ROMA

P — Então o Sr. nega que haja erros ou inovações na Igreja Católica?

C — Erros não há, pois onde está Cristo não pode haver erros, e Cristo está com sua Igreja: «Eu estarei con-

«...sempre ao lado de vós todos os dias»

P — Com a Igreja, mas não com o «romanismo».

C — Nós não somos «romanismo», somos a Igreja de Jesus Cristo. Mas, se a esta Igreja os Srs. chamam, injuriosamente, de Romanismo, — o Romanismo não pode ter erros, pois com ele está Cristo, por ter sido a única sociedade religiosa-cristã que remonta aos tempos de Cristo, e de Cristo deve vir a Igreja dêle, porque lhe fez promessas de perenidade.

P — Mas nós viemos do tempo de Cristo, também.

C — Só se fôssem encadernados na Bíblia ou encaixotados como múmias. Aliás, o autor da «Inovações do romanismo» diz que o protestantismo «atravessou os séculos como uma semente encontrada na mão de um múmia, a qual,

tirada da sepultura em que jazeu por muitos séculos, plantada, brotou ».

P — E diz lá também que antes não pôde brotar por ser oprimida pelo romanismo.

C — Por isso, não. Por não existir tal elemento é que foi. Em todos os séculos, houve revoltas contra a Igreja Católica. Até nos primeiros séculos. Temos os exemplos dos Ebionitas, Nicolaitas, Marcionitas, Monotelitas, Monofisitas, Donatistas, Arianos, Nestorianos, Maniqueus, etc.

Santo Agostinho enumerou, em seu tempo, nada menos de 88 heresias contra a Igreja Católica. Se o protestantismo, de fato, existisse, como medraram as outras sementes contrárias à Igreja, podia perfeitamente ter brotado também. E, se não brotou, foi porque não existia. Esperou quinze séculos para brotar, porque a semente não veio da Bíblia, mas partiu de Martinho Lutero — o Pai.

P — Mas a Igreja o teria perseguido.

C — Não mais do que as outras seitas religiosas acatólicas, as quais, aliás, não foram perseguidas, mas acabaram por si mesmas por terem sido obra de homens. Só subsistem pequenas irmandades, como as dos Nestorianos e dos Caldeus. Se fôsem obra de Deus, não se haveriam terminado, porque « a obra de Deus vence o mundo » disse Cristo.

P — Mas o protestantismo aumenta.

C — Aumenta, fragmentando-se em centenas de seitas. Se fôsse sustentada por Deus, ficaria firme como o Pão de Açúcar, como a Igreja Católica, e não se desmoronaria em mil seitas, desde o tempo de Lutero. O protestantismo

é um reino dividido, um... saco de gatos, perdoe-me a comparação.

P — Mas já lhe disse que entre as seitas protestantes há só pequenas diferenças, assim nas ordens religiosas.

C — Oportunamente provarei como não é verdade isso, pois no protestantismo há dogmas contra dogmas, verdades contra verdades. Mas voltemos agora à porta de entrada. Falou em erros do Romanismo.

P — Sim, no Romanismo há erros.

C — Na Igreja primitiva também houve erros?

P — Só não houve até o sexto século. Até lá a Igreja foi pura. Perverteu-se depois que a Igreja Romana tomou o primado, no sexto século.

C — Escute: quem é mais forte, Deus ou as criaturas?

P — Deus.

C — É mais forte Satanás ou os homens?

P — Satanás.

C — E não jurou Jesus que suas palavras não voltariam atrás?

P — Sim, quando disse: « passarão o céu e a terra, mas minha palavra, não ».

C — Pois não disse Ele que Satanás nunca prevaleceria contra a sua Igreja?

P — Disse com a expressão de que « as portas do inferno não prevalecerão contra ela » (Mt 16, 18).

C — E como é que os Srs. chamam a Cristo de mentiroso?

P — Nós não o chamamos.

C — Escute. Quem falta a um juramento não é mentiroso?

P — Mais do que isso, é perjuro.

C — Pois bem, se Cristo disse que a sua Igreja não se perverteria, como seria possível que ela se pervertesse no sexto século, sem que Ele fôsse mentiroso?

P — Perverteu-se a visível. Ficou pura a invisível, que depois ficou sendo a protestante.

C — Protestante? Mas qual delas? É engraçado que centenas de seitas essencialmente diferentes digam o mesmo, cada qual puxando a brasa para a sua sardinha. Mas estão bem arrançadas, se se fiarem na igreja invisível que nunca existiu, nem existirá, a não ser no Além.

P — Como assim?

C — Escute, Cristo era visível ou invisível?

P — Visível.

C — E os Apóstolos?

P — Visíveis.

C — E os fiéis que se batisaram?

P — Visíveis.

C — E o que formava Cristo, os Apóstolos e os fiéis?

P — A Igreja.

C — Pois o plano de Cristo era que assim mesmo continuasse. « Assim como meu Pai me enviou eu vos envio a vós » (Jo 20, 21). Ide e instruí a todos os povos (tradução literal é: « ide e fazei discípulos »). ... eu estarei convosco todos os dias ». Mas, com eles, como? Como estavam. « Assim ». Visíveis, portanto. Logo, visível é a Igreja das promessas de Cristo, visível deve ser a Igreja que atravessou os séculos.

P — Entretanto a Igreja visível fracassou. Os homens, papas e bispos, a perverteram.

C — Logo, segundo o que diz o Sr., Cristo não passa de um mentiroso vulgar: promete e não cumpre.

P — Deus me livre de afirmar tal coisa!

C — Mas é a conclusão lógica do seu asserto.

P — Como se explicam, então, as inovações erros desmandos do Romanismo?

C — Explicam-se pela má vontade do protestantismo para com a Igreja. Analise com calma o « Romanismo » e verá que erros não há, nem desmandos por culpabilidade dele e nem tão pouco há « inovações » em dogmas e verdades reveladas, fundamentais, essenciais...

P — Pelo jeito, o Sr. não nega as inovações.

C — Não nego inovações « acidentais », mas nego as inovações « essenciais ». O que se ensina e pratica na Igreja Católica é essencialmente o que Cristo mandou se ensinasse e praticasse.

P — Logo, há inovações no romanismo.

C — Mas inovações acidentais e assim mesmo sancionadas por Cristo.

P — Explique-se.

C — A Igreja de Cristo é uma sociedade, não acha?

P — Perfeitamente.

C — E em uma sociedade há chefes e súditos.

P — Mas Cristo disse que todos somos iguais, que os maiores devem se considerar como os menores.

C — Mas isso não destrói a verdade de haver numa sociedade chefes e súditos (1). As palavras de Cristo são

(1) Cristo não foi anarquista.

normas pelas quais se devem nortear os chefes. E o próprio Cristo fala em maiores e menores. Logo, há «maiores», chefes.

P — Qual nada, Cristo não falou em chefes.

C — Uma sociedade sem chefes não é sociedade. É anarquia. Diga-me lá! Podiam os Apóstolos desobedecer a Cristo e fazer como entendiam?

P — Nunca!

C — Logo, Ele era o seu chefe. Logo, a Igreja era organizada de chefes e súditos, como todas as sociedades perfeitas.

P — Admitimos. Ele disse: «Como meu Pai me enviou eu vos envio».

C — E um chefe sem autoridade não é chefe. E, tendo autoridade, pode dar leis, para boa regulamentação da sociedade.

P — Perfeitamente.

C — Pois bem, estas leis para boa regulamentação da sociedade cristã, os protestantes chamam erros, acréscimos, inovações. Que «fiasco»!

P — Mas, alto lá, alto lá! Cristo não deixou substitutos.

C — Julga, então, que deixasse acéfala a sua sociedade, que deixasse em anarquia a obra que lhe custou tantos suores e a própria vida?

P — Mas o chefe é Ele mesmo.

C — Invisível, sim. Mas, além disso, quis deixar outro visível. Assim como foi enviado, enviou...

P — Evasivas do Romanismo.

C — Podia fazê-lo ou não, se quisesse?

P — Se quisesse, é claro, podia fazê-lo.

C — E convinha ou não que o fizesse? Convinha ou não que continuasse a ser guiada por um seu substituto, a sociedade perfeita que Ele regia de modo visível?

P — ? (Sacudindo os ombros).

C — É claro, não quer condenar-se a si mesmo. Mas o caso é que Ele o fez.

P — Ah! Isso não, nunca o fez!

C — Diga-me lá: de que elementos era constituído o rebanho de Cristo?

P — Do povo fiel.

C — Perfeitamente. E, se Cristo se tivesse lembrado de pôr a alguém para capatazear este rebanho, que tal?

P — O rebanho de Cristo seria o do capataz posto por Ele.

C — E fora deste rebanho não haveria rebanho de Cristo, pois não é?

P — Perfeitamente.

C — Pois, meu caro, no último capítulo de S. João temos estas palavras de Cristo dirigidas a S. Pedro: «Apascenta os meus cordeiros e as minhas ovelhas». (Jo 21, 15-18).

P — A S. Pedro, sim, mas não ao Papa.

C — Ora, o Papa não passa de um sucessor de Pedro. É o S. Pedro prolongado através dos séculos.

P — Mas S. Pedro nunca esteve em Roma. Logo o Papa não pode ser o seu sucessor.

C — Diga-me lá: onde morreu S. Pedro?

P — ? (interrogando com os olhos).

C — Não convém sabê-lo. A história, entretanto, nos confirma que morreu no mesmo dia que S. Paulo, sob Nero, em Roma, no ano 67.

P — Historiadores romanistas e parciais de certo.

C — E mais os protestantes instruídos. Lutero e Calvino não negaram a estadia de S. Pedro em Roma; antes, admitiam-na abertamente.

Lutero dizia textualmente: «Tôdas as histórias unanimemente afirmam que Pedro foi o primeiro Papa de Roma». E Calvino: «Não contesto que Pedro tenha estado e tenha morrido em Roma».

E, mais, ensina-o a Tradição em pêso.

P — Nós não admitimos a Tradição, já lho disse.

C — Quando não lhes convém, mas, em todo o caso admitem a história e a arqueologia.

P — Naturalmente.

C — Pois bem. Há dois anos desenterrou-se em Roma uma casa dos tempos antigos e na parede se achou uma inscrição: «Nesta casa foram hospedados Pedro e Paulo».

E assim rezam outros documentos. A própria mesinha em que S. Pedro oferecia o Santo Sacrifício da Missa ainda se conserva em Roma.

P — Mas tudo isso pode ser invencionice.

C — Mas é de admirar que ninguém durante mais de dezenove séculos se lembrasse de negar a estadia de S. Pedro em Roma. Todos a admitiam. É que só agora apareceu a conveniência de negá-la... Entretanto, os homens de estudo não a negavam e acrescentam que só os ignorantes a podem negar. (Vêde em Dr. Júlio Motti — metodista, num opúsculo publicado em Garibaldi — Rio Grande do Sul).

Logo, invencionice é a negação protestante.

P — Mas eu queria que a Bíblia o dissesse para acreditar.

C — Assim é que o Sr. não acredita que esteja no Brasil, se a Bíblia não o disser? Essa é boa! A Bíblia não pode dizer tudo. O que a Bíblia não diz, di-lo a razão, di-lo a história. Mas descanse. Casualmente a Bíblia também o diz. Ou, senão, diga-me lá: que é que significa a palavra Babilônia, no Apocalipse?

P — Roma, por causa das sete colinas.

C — Pois bem. S. Pedro escreve a sua carta desta Babilônia (I Pdr 5, 13). Logo, esteve em Roma. Di-lo a Bíblia!

P — E a história não nega a estadia de Pedro em Roma?

C — Os que tratam do assunto são unânimes em admitir a estadia de S. Pedro em Roma.

P — Por exemplo?

C — Sto. Irineu diz ser a Igreja Romana a «máxima» e fundada pelos Apóstolos Pedro e Paulo (Heres., 2, 3-2).

Traz mais a lista dos dirigentes da Igreja Romana desde S. Pedro, até o Papa reinante no tempo dêle, que era Sto. Eleutério. Ao todo eram só doze. Eis a lista de modo ascensional.

- 1) Eleutério
- 2) Sotero
- 3) Aniceto
- 4) Pio
- 5) Higino
- 6) Telésforo
- 7) Xisto

8) Alexandre

9) Evaristo

10) Clemente

11) Anacleto

12) Lino, o qual sucedeu a S. Pedro Apóstolo.

Egesipo faz idêntica lista. O mesmo faz Eusébio.

Além de Eusébio, afirmam a estadia de S. Pedro em Roma mais os seguintes historiadores.

Teodoreto: «o grande Apóstolo Pedro foi o primeiro que pregou aos romanos a doutrina do Evangelho». (In. cap. I. Ep. aos Rom.).

Sto. Inácio de Antioquia, escrevendo ao povo romano, dizia que não se podiam impor leis a Pedro e Paulo (dos quais o povo romano tinha ouvido o Evangelho).

S. Jerônimo, escrevendo a S. Dâmaso, Papa, diz: «Eu me estreito a Vossa Santidade que equivale à cátedra de Pedro. É esta a pedra sobre a qual Jesus Cristo fundou a sua Igreja. Seguro em vossa cátedra eu sigo a Jesus Cristo».

Xisto III. «O Beato Pedro transmitiu aos seus sucessores o que recebeu».

Fala nisto direta ou indiretamente mais Sto. Epifânio, Osório, Pedro de Alexandria, Dionísio de Corinto, S. João Crisóstomo, Papias, etc. Todos eles dos primeiros séculos do Cristianismo, formando a mais universal das tradições, a mais firme convicção histórica.

Logo, S. Pedro, esteve em Roma, e protestante algum poderá destruir esta verdade, tanto mais que seus dois primeiros fundadores e mais os modernos Harnack, Keller, Cava, Ducier, Schaff, Thiersch, Wiesinger, Ervald, Baur, Schweigler, próceres do protestantismo, o reconheceram.

P — Mas, mesmo admitindo a estadia de Pedro em Roma, os papas não se mostraram dignos do seu primeiro antecessor, por causa das inovações, erros e desmandos.

C — Esses títulos honoríficos são gratuitos e irracionais. Diga lá quais são as pedras de escândalo que vê na Igreja Católica?

P — Muitas. O Primado Romano começado em 605. O culto das imagens, a invocação da Virgem Maria e dos Santos; a confissão ao padre, fundada em 1215, o uso do rosário, fundado em 1090; a Ave Maria, introduzida por João 22; a transubstanciação estabelecida em 1215; a procissão do SSmo. fundada em 1360; o número sete dos sacramentos, estabelecido em 1547; o purgatório, a infalibilidade dos Papas, o celibato dos padres, o ofício da Missa, fundado em 600, a Missa em latim, ano 666. E outras.

C — É a chapa gasta de todos os acatólicos. Acrescente ainda a troca do sábado pelo domingo...

P — Não sou sabatista, para criticar-lhe isso.

C — Mas os sabatistas põem isso também no rol das inovações. Começemos pelo Primado. Aceita-o?

P — Não. E dois Santos Padres certamente não falaram no Primado: Gelásio e Leão Magno.

C — Está muito enganado.

Leão Magno entende melhorar a Bíblia dos protestantes. Afirma ele que, estando todos os Apóstolos em igual perigo, só por Pedro teve Jesus cuidado especial e pela fé dêle foi que orou, como dizendo que o estado futuro dos mais seria garantido se a fé do chefe não fôsse vencida. A firmeza é concedida por Pedro aos mais Apóstolos. Diz mais que foi introduzida em Roma a Sé que governa o mun-

do por Pedro. Da Sé de Roma diz: «É a Sé que julga as mais e não é julgada por nenhuma». «**Por meio do bem-aventurado Príncipe dos Apóstolos**, a Santa Igreja Romana possui o primado (primatus) sobre todas as igrejas do orbe terráqueo» (Ep., 45, 4).

No Concílio de Calcedônia, leu-se uma carta de Leão Magno e, tendo-a ouvido, os padres do Concílio exclamaram: «Pedro falou por Leão».

É este o parecer de Leão Magno, Papa.

P — E de Gelásio que diz?

C — Na sua «Decretal», citada pelos protestantes contra o primado, diz: «Embora a Igreja universal seja um só tálamo de Cristo, contudo a Santa Igreja Romana é superior às outras igrejas, não por determinação sinodal, mas pela voz do Senhor e Salvador: Tu és Pedro — disse e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela; e eu te darei as chaves do reino dos céus e tudo o que ligares sobre a terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu (Mt 16, 18 e 19).

Acrescentou-se também a campanha de Paulo Apóstolo, vaso de eleição, que morreu gloriosamente no mesmo dia que Pedro, e não em diverso, como dizem os hereges: e em Roma, sob o imperador Nero... «Logo a primeira Sé é a de Pedro Apóstolo, a Igreja Romana, a qual não tem mancha, nem ruga, nem coisa parecida» (Gelásio — Decretal).

E assim interpretam as palavras sagradas os antigos. Logo, o primado não é inovação do romanismo.

E é de notar que estes testemunhos são todos anteriores ao ano 605. Para eles o primado da Igreja de Roma é coisa antiga e de instituição divina. E é de admirar que os protestantes não interpretam assim também a passagem escriturística supra citada por S. Gelásio, eles que se julgam tão inteligentes e inspirados.

Mesmo os autores que parecem faltar com o devido respeito ao Papa, não o fazem por negar-lhe a primazia, nem tão pouco por interpretar à moda protestante os textos sobre os quais se baseia o Primado, mas unicamente por se excederem. Mas retrataram o seu procedimento com palavras claras, como vimos há pouco. É que os antigos não tinham má fé e não tinham necessidade de terminar com o «Papismo» que eles consideravam nota distintiva da verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Alguns, é verdade, interpretaram a passagem (Mt 16, 18 e 19) no sentido protestântico, mas fizeram isso, porque não conheciam o aramaico, língua essa em que não existe a palavra Pedro, mas só Pedra — Cefas — sendo, portanto, impossível qualquer má interpretação. Mesmo assim, nenhum deles chegou a negar o primado, nem de Pedro, nem do Papa.

P — Mas S. Paulo não reconheceu o primado de Pedro, pois lhe resistiu e até o repreendeu.

C — Não é caso raro ser um superior repreendido por um inferior. Aliás, sabemos por Papias que ele gostava de estar junto de Pedro. Vimos que achava honroso, em Acorato, que Pedro lhe cedesse a direita. Este «ceder» significa que por direito, ela pertencia a Pedro, mas que por um caso excepcional era cedida a Paulo.

P — Mas isso são palavras de homens.

C — De cuja autenticidade não se pode duvidar, por serem de homens como Sto. Epifânio e S. João Crisóstomo.

P — Mas se a Bíblia se referisse a isso, seria melhor.

C — E se refere. Veja lá: Gálatas I, 18. Af. S. Paulo escreve: «Dali [Damasco] no fim de três anos, vim a Jerusalém, para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias.» Entendeu?

Foi a Jerusalém para visitar a Pedro. Diga-me lá: em geral, de quem parte a obrigação da visita: do inferior ou do superior?

P — Geralmente do inferior.

C — Logo, S. Paulo, se reconhecia inferior a S. Pedro, lá vê-lo...

P — Mas o primado de Diotrefes, foi condenado pela Bíblia (3 Jo 9).

C — Por ser um primado usurpado e não um primado fundado por Cristo, como o de Pedro.

P — E, de fato, quem era Diotrefes?

C — Um João Ninguém. Como se arrogou, pois, ele a primazia? Logo, fica de pé que Cristo concedeu o primado a Pedro e por ele aos seus sucessores; e que esse primado tem sido sempre, universalmente, reconhecido e respeitado. Logo, não é inovação. Negá-lo é que seria.

2. — SEGUNDA «INOVAÇÃO» — AS IMAGENS

P — Mas não poderá negar que ao menos o culto das imagens é uma inovação; é uma paganização do cristianismo.

C — Não é inovação, nem paganização; é simples-

mente obediência à lei de Deus, o qual mandou honrar seus servos fiéis.

P — Aos servos fiéis, sim, mas às imagens, não.

C — Se eu honro a um amigo, eu lhe venero também o retrato; uma coisa tem relação com a outra.

P — Mas Deus proibiu tôdas as imagens.

C — Se fôsse assim, teria proibido também os retratos, que também são imagens.

P — Mas é que os retratos não se adoram; e os católicos adoram as imagens. São idólatras.

C — O Sr. pecou, e merece o inferno.

P — Por que?

C — Porque Jesus disse: «quem disser a seu irmão «ímpio» merece o fogo do inferno», e o Sr. disse pior, disse que os católicos são idólatras.

P — Mas eles se ajoelham diante de uma imagem; e isso é idolatria.

C — Ajoelhar-se ainda não é adorar. Adoração é um ato interno: é reconhecer alguma coisa como Deus. E isso não fazem os católicos.

P — Eles adoram um pau, uma pedra; e rezam aos mesmos.

C — O que fazem é venerar, não o pau, ou a pedra, em si mesmos, e sim pelo que representam.

P — Mas eles dizem «este é Sto. Antônio, aquela é Sta. Teresinha».

C — Dizem isso figuradamente, assim como o Sr. diz diante de um retrato de seu pai «este é meu pai». O sentido é «este representa meu pai», pois não é?

P — Deixo de saber. O que sei é que ouço muitos católicos dizerem: « Eu adoro os santos ».

C — Mas não com o sentido de adorar, como se adora a Deus.

P — Deixo de saber. Adorar é adorar, e só se adora a Deus.

C — Então em português uma palavra só pode ter uma significação? Meu caro, há muitas palavras que têm muitos sentidos. Por exemplo, há no campo certo animal a que chamamos burro. E o mesmo nome damos a certa classe de gente...

P — Adorar é adorar!

C — Olhe que a teimosia tem parentesco com a ignorância.

P — Lá sei eu! Só sei que adorar é adorar.

C — Escute, os pais são Deus?

P — Não, Sr.

C — As noivas são Deus?

P — Não.

C — E no entanto, os filhos e os noivos, quando escrevem aos pais ou às noivas, dizem: meus adorados pais ou minha adorada Fulana... É ou não é?

P — Mas, embora os católicos não adorem as imagens, Deus proibiu que se fizessem imagens.

C — Isso é que não.

P — Sim Sr. — Disse Deus (Êx 20, 4). Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no Céu, e do que há debaixo na terra ». Está aí a condenação do Romanismo idólatra. Esta eu ganhei.

C — Eis um exemplo de má interpretação de um texto bíblico. Nenhum texto deve ser separado do resto da Bíblia nem deve excluir a história e as circunstâncias em que se deu e nem menos, o contexto. E tudo isso excluiu o protestantismo, para condenar o odiado « Romanismo » para a pecha de idolatria. O Cordeiro deve desaparecer: por isso deve ser idólatra.

Mas vejamos o que o protestantismo omitiu, por desfaçatez ou ignorância. Reconstruamos os fatos, olhemos o contexto e os textos referentes ao caso. Diga-me: quantos anos faz que o elemento italiano entrou no Brasil?

P — Pouco mais de 70; não chegam a 100.

C — E não há italianos completamente brasileiros, com língua, usos e costumes nossos?

P — Conheço muitos assim.

C — Quantos anos durou o cativeiro da Babilónia?

P — 70 anos.

C — Imagine; em 70 anos, o povo perdeu o uso da língua hebraica, aprendendo a língua dos assírios, o aramaico. A prova está que quando voltaram a Jerusalém, um velho, Esdras, foi obrigado a traduzir os livros sagrados do hebraico para o aramaico, para que o povo os entendesse.

P — A que vem essas tiradas. Isso são voltas...

C — Não me interrompa. Ouça. Quantos judeus entraram no Egito e quantos anos ficaram lá?

P — Entraram Jacó, seus doze filhos e a criadagem. Ao todo eram umas 70 pessoas. Ficaram no Egito 400 anos.

C — E eram livres ou escravos?

P — Escravos, pois conta que eles fizeram algumas das pirâmides do Egito, a que se chamava Terra da Servidão (Êx 20, 1).

C — Pois agora vem a conclusão. Se o povo italiano, livre e independente modificou-se por influência mesológica em pouco mais de 50 anos, se os próprios hebreus em 70 anos, tornaram-se assírios perfeitos, e os judeus escravos ficando no Egito por 400 anos, tornar-se-iam, logicamente, egípcios perfeitos. Não acha?

P — É lógico. E daí?

C — Daí se deduz que, eles adotaram também os costumes egípcios.

P — É de se supor, pois era um povo abandonado.

C — Pois bem. Narra-nos a história e a arqueologia que no Egito quase todas as criaturas eram tidas como que deuses. Havia o deus sol, a deusa lua, o deus Nilo, o deus Leviatan (jacaré), o deus Ibis (um pássaro), o deus Isis, o deus Apis (boi), o deus gato, e uma infinidade de outros deuses. Só não conheciam o Deus verdadeiro. Ora, o povo hebraico, naquele meio, foi na «onda». Nem podia deixar de ser assim.

Mas Deus não estava satisfeito com isso. Passados 400 anos, quis tirar o seu povo da terra da escravidão. Destacou Moisés para esse fim. Confirmou a sua palavra com prodígios, a fim de que o povo ficasse ciente de que Ele era o Deus verdadeiro e não um deus do Egito.

Nenhum lugar é mais apropriado para a reforma de um povo do que o deserto. No deserto, pois, enquanto sustentava o seu povo com o maná, Deus chamou Moisés ao

monte e, desde o princípio do capítulo 20 do Êxodo, se vê que implica com os deuses. Vejamos: «Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás deuses estrangeiros diante de mim». Entendeu?

Só depois especifica os deuses: «Não farás para ti imagem...» Imagem de que? Do que tinha acabado de declarar. De deuses. Isto diz o contexto e não eu.

P — Bem. Mas no texto citado por mim não diz deuses. Só fala em imagens e nada mais.

C — Mas o contexto o diz. Aliás, a sua confusão originou-se pela pontuação e pela separação dos versículos, coisa que Moisés não conheceu. E Deus supõe, quando lemos a Bíblia, que enxerguemos um palmo adiante do nariz e vejamos o que vem antes e depois, para do todo inferirmos alguma coisa. Um exemplo: Responda a pergunta — Jesus é maior de todos os homens?

P — Sim. Ele é o homem-Deus. Di-lo Lutero.

C — E Maria é maior que todos os homens, excetuando-se Cristo?

P — Perfeitamente, porque é mãe de Jesus, que é Deus.

C — Como se explica, então, as palavras de Jesus em S. Lucas, referentes a S. João Batista do qual diz: «dos nascidos de mulher ninguém há maior que João Batista?» E Jesus e Maria eram nascidos de mulher... Logo, o texto, tomado sem o contexto, diz uma heresia: que João Batista é maior do que Jesus e Maria. E não pode ser. Pode explicar-se o caso?

P — No momento não recordo a saída.

C — A explicação é esta. Alguns versículos antes falou Jesus em profetas. Depois de alguns versículos diz: dos nascidos de mulher não há... Dos o que? Dos profetas dos quais falara antes.

Assim também no nosso caso. Proscreeve imagens, mas que imagens? Tôdas? não. As imagens a que se referiu antes, dizendo: não terás outros deuses estrangeiros diante de mim. Não acha?

E, como prevendo as dúvidas protestantes, Deus especificou as tais imagens (Dt 4, 16-19).

P — Que é que se lê aí?

C — Vers. 16: « Por não suceder que enganados, façais para vós alguma imagem de escultura, ou alguma figura de homem ou de mulher.

17 — Nem semelhança de qualquer animal que há sobre a terra, ou das aves que voam debaixo do céu.

18 — Ou dos répteis que se movem na terra, ou dos peixes que debaixo da terra moram nas águas.

19 — Não seja que levantando os olhos ao céu, vejais o sol e a lua, e todos os astros do céu, e caindo no erro, adoreis e deis culto a essas coisas que o Senhor vosso Deus criou para serviço de tôdas as gentes que vivem debaixo do céu».

Então viu quais são as imagens? De **deuses**, dos deuses que se adoravam no Egito.

Em S. Paulo, (Rom 1, 23) se acha a mesma coisa:

«E mudaram a glória de Deus incorruptível em semelhança de figura de homem corruptível, de aves, e de quadrúpedes, e de serpentes».

Falar mais claro, é impossível. Que pensa disso?

P — ?

C — Vejamos os outros textos que se referem ao de (Êx 20, 4). Deus quis dar leis ao povo que Moisés tinha diante de si. Eram leis práticas. Deus não havia de proibir coisas que o povo não conhecia. Ora, no Egito podia haver tudo, mas não imagens de santos. Logo, Deus não tencionava condená-las, pelo menos naquela ocasião. Vejamos, em contra-prova, as imagens que o povo conhecia.

Em seguida, (32, 1) o povo, vendo que Moisés não descia do monte julgando, provavelmente, que Deus que os tirara do Egito se esquecera deles, foram ter com Aarão e lhe disseram: « Faze-nos deuses ». Não disseram: « Faze-nos santos », mas « faze-nos **deuses** ». E, tendo Aarão feito um bezerro de ouro (imitação do boi Apis, do Egito), disseram: « Estes são ó Israel, os teus **deuses** que te tiraram da terra do Egito » (Êx 32, 4).

Parafraseando a Escritura se poderia dizer: « Estes são ó protestantes, os deuses atingidos por Deus nas proibições das imagens, porque esses eram os deuses, conhecidos por Israel ». E, quando Moisés desceu, logo condenou o povo, acusando-o de pecado: « Vós cometestes o maior pecado ». — E a Deus disse: « Rogo-te; este povo cometeu o maior pecado, fazendo para si deuses de ouro » (Êx 32, 31).

Os salmos e os outros livros estão cheios de contraposições: de um lado, aparece o Deus verdadeiro, e de outro os deuses falsos ou os ídolos, aos quais se tomava por divindades. Contra estes é que Deus se rebela, e não contra simples imagens, que não tomamos como deuses, e sim que para nós representam servos de Deus.

Não nota diferença entre as imagens dos santos dos católicos e os ídolos pagãos?

P — Mas extremamente se parecem.

C — Parecer não é ser. Semelhança não é igualdade. Não deve tomar, a nuvem por Juno. A semelhança externa não faz dificuldade. Tudo depende do culto prestado às imagens. A Igreja condena a idolatria, mas aprova a veneração das imagens de servos de Deus.

P — Mas os que observam a Igreja, pensam que os católicos têm as imagens por ídolos. Daí a pecha de idolatria.

C — Nunca se deve fazer juízo temerário do próximo. Não há católico, por mais atrasado que seja, que julgue serem ídolos as imagens. Todos sabem que são retratos dos servos de Deus, não divindades.

E depois, Deus não só não proibiu imagens de anjos e santos, como pelo contrário as apoiou.

C — Quem foi que, no c. 25, v. 18 do Êxodo, mandou que Moisés fizesse dois querubins de ouro batido?

P — Foi Deus, mas mandou fazê-los só para ornamento.

C — Deixo de saber o fim para o qual tinha sido. Aqui se trata de saber se se pode fazer imagens ou não. Se Deus mandou que se fizessem, nós podemos fazer, pois Deus não é o princípio da desordem, mas da ordem. Ele não podia mandar fazer coisas por Ele proibidas. Ainda mais, essas imagens não eram simples ornamentos.

— «E no meio delas eu hei de falar-lhes» disse Deus. Se fossem simples ornamentos, seriam dois vasos de flôres, duas rosas. Faziam parte integralmente da arca que o povo não podia tocar, sob pena de morte. Logo, não eram um

mero ornamento. E que fossem... Não haveria nisso dificuldade nenhuma, visto que a questão está em saber se se pode ou não fazer imagens.

P — Admito imagens de querubins, mas de homens não.

C — Não admitir imagens de homens é pôr o homem abaixo do próprio bruto, é injuriar a humanidade.

P — Misericórdia! Que absurdo!

C — Absurdo, não Sr.! Realidade é que é.

P — Desejaria saber porque.

C — Sabê-lo-á. Deus, no livro dos Núm 21, 8 mandou que Moisés fizesse uma serpente de metal! E Moisés a fez v. 9.

Ora, se se pode fazer imagens de cobras e não de homens, é pôr o homem abaixo da cobra, abaixo do bruto.

P — Mas depois Deus mandou quebrar a cobra.

C — Sim, porque a coisa virara em idolatria.

P — Logo, Deus se arrependeu de tê-la mandado fazer.

C — Deus não se arrepende de seus atos. Pode-se até hoje fazer imagens: não só de cobras, mas de todos os animais: o que não se pode fazer é adorar estas imagens como divindades.

P — E assim como os judeus no deserto adoravam a cobra, os católicos adoram as imagens dos santos.

C — Isso não é lógico. Os católicos não têm tendências para a idolatria, como os hebreus, que tinham vivido nela 400 anos. Eles não se detêm na exterioridade, como os idólatras: da imagem vão ao que ela representa, vão a Deus.

Logo, as imagens dos santos não foram proibidas mas, sim, o culto dos ídolos. São coisas completamente distintas.

P — Mas não disse também Deus: «...e não te curvarás diante delas»?

C — Eis uma prova da corrupção da Sagrada Escritura. Por isso é que a Igreja quer controlar as edições da Bíblia.

P — Como? Então não é: «não te curvarás diante delas»?

C — Na vulgata, traduzida por S. Jerônimo, temos: «Non adorabis ea» que traduzido em bom português, significa; e não as adorarás (as imagens). Aliás, a recente edição de A. Pereira de Figueiredo (edição protestante) dá também a tradução correta: «não as adorarás».

Portanto, mais uma vez: Deus não proibiu as imagens de um modo absoluto, mas relativo: as dos ídolos.

Proibiu o modo de se lhes prestar culto: o de adoração: Só isso que se infere da Bíblia. Não é erro ter-se o culto das imagens, não é esse culto uma «inovação» do Romanismo: é uma prática apostólica. E, mesmo que inovação fosse, seria accidental. Não é da essência da religião católica o ter-se imagens.

É bom, é útil e recomendável, porque desperta piedade e fé, mas não é condição *sine qua non* do catolicismo.

P — Em todo caso, Deus não mandou fazer. Não é da Bíblia, ao menos para o caso dos santos.

C — Como não? Não há na Bíblia descrição de personagens?

P — Há, e muitas: um é pescador, o outro é rei, o outro profeta.

C — Pois, meu caro, uma descrição é uma imagem. Se alguém desenha o que foi descrito, a imagem está feita. O mesmo vale descrever, pintar ou esculturar. Não há diferença essencial. Esta é uma modalidade, uma forma daquela. Logo, Deus permitiu as imagens, pois foi Ele quem as mandou delinear nos livros Sagrados.

Se fossem proibidas as imagens, como teria Jesus feito o milagre de estampar a imagem de seu rosto no véu da mulher que lho enxugou no caminho do Calvário?

Mais: A S. Lucas se atribui o primeiro quadro da SSma. Virgem. Temos, em todo o caso, uma descrição magistral da Virgem de S. Dionísio Areopagita que a viu ainda em vida, em Éfeso.

P — Mas, ao que me conste, os primeiros cristãos não as usavam, pois morriam para não adorarem ídolos pagãos.

C — Entretanto, vá o Sr. ver as «catacumbas» e lá nos mármores das sepulturas e na rocha das paredes encontrará uma infinidade de imagens de santos.

P — Será fato? Como se explica isso?

C — Que seja fato, ninguém o pode hoje contestar. Lá estão as pedras seculares a atestá-lo. Agora, como explicá-lo? Muito simplesmente: Era de supor que eles não fossem idiotas. Se morriam para não adorar os ídolos dos templos pagãos, embora tivessem imagens nas catacumbas, era porque tinham inteligência suficiente para perceberem a diferença colossal que há entre uma imagem de santo

(que eles veneravam) e um ídolo (que era adorado nos templos pagãos e que eles aborreciam).

Só os protestantes é que não vêm a diferença. É que não querem ver. A Igreja deve aparecer culpada e, por isso, deve ser idólatra. Mas atribua-se ao menos a tão decantada idolatria romana, à fantasia protestante e não à realidade dos fatos. Fazer o contrário é agir de má fé, é fazer o papel do lobo em face do cordeiro. Papel indigno de um cristão.

3. TERCEIRA « INOVAÇÃO »

A INVOCAÇÃO DA VIRGEM MARIA E DOS SANTOS

C — Então, acha que a invocação da Virgem e dos Santos seja erro do romanismo, seja « inovação »?

P — Com toda razão. Di-lo Seymour.

C — Escute. O culto de Jesus é também erro do romanismo, é « inovação »?

P — Não brinque! O culto de Cristo é a base fundamental da religião cristã: nasceu com o cristianismo.

C — Pois bem. Se o amigo tem mãe e amigos, poderei eu dizer-me seu amigo se lhe desprezar a mãe e os amigos?

P — Impossível!

C — Logo, a invocação da Virgem e dos santos não é inovação, nem erro do « romanismo ».

P — Que é então?

C — Simplesmente uma consequência do culto a Jesus. Se amo a Jesus, devo amar-lhe a mãe e os amigos. Eis o culto a Maria e aos Santos.

P — Mas os católicos exageram o culto de Maria e dos Santos, colocando-os acima de Jesus.

C — Não há católico que coloque Maria e os Santos acima de Jesus. E se há, erra; e a Igreja não se responsabiliza pelos erros de particulares.

P — Mas os católicos podem prestar culto a Maria, sem recorrerem a Ela, sem dar-lhe o título de Imaculada, e sem chegar ao absurdo de lhe admitir a Assunção.

C — E tudo isso ainda é pouco. Ela é, antes de tudo, Mãe de Deus por isso é que é Imaculada e foi levada ao céu.

P — Mas, então, Deus tem mãe? Que absurdo!

C — Escute. Maria era Mãe de Jesus?

P — Era.

C — E Jesus não era Deus?

P — Perfeitamente.

C — Logo, Maria é Mãe de Deus.

P — Mas eu não admito isso, não posso admitir.

C — É que o Sr. confunde duas coisas.

P — Qual nada, Sr. Qual confundir! É tão claro!

C — Entretanto, confunde. Provo-o. O Sr. supõe que nós, católicos, admitimos que Maria tenha dado à luz a divindade. Não é?

P — Sem isso, não poderia ser Mãe de Deus...

C — Maria, segundo os católicos, não criou a divindade. Esta, já existente, quis tomar um corpo em Maria.

P — Logo, não é Mãe de Deus.

C — Se Deus nasceu de Maria, Ela é Mãe de Deus. Uma comparação. Que é que faz o homem pensar, que o faz dizer « eu »?

P — A alma.

C — E o Sr. chama de Mãe à sua progenitora?

P — Chamo. Que dúvida!

C — Mas, segundo o Sr., não deveria chamar, pois ela não criou a sua alma e a alma é a parte principal do homem...

P — Não entendo.

C — A alma no homem é criada pelos pais ou vem de Deus?

P — Vem de Deus para cada indivíduo.

C — Logo, o Sr. acha que a sua progenitora é sua mãe só porque lhe deu o corpo. Logo, Maria, que forneceu só o corpo a Jesus, que era Deus, era Mãe de Deus. Deus nasceu por Ela...

P — São palavras. Eu quero provas bíblicas.

C — Quer Bíblia? Bíblia terá. Mas se com a razão não tem razão, menos com a Bíblia. Esta nunca trouxe sorte aos protestantes.

P — Quer dizer que ela também diz que Maria era Mãe de Deus?

C — Di-lo. Vê-lo-á sem demora.

Abra a Bíblia. Em Isaias (7, 14) lerá: « Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho e o seu nome será Emanuel ».

Que significa Emanuel?

P — Deus conosco.

C — E este Deus conosco nasceu de Maria. Logo, Maria é Mãe de Deus, pois nascer é ter por mãe a própria progenitora.

P — E o Novo Testamento?

C — Aí também, não têm sorte os protestantes. Veja (Lc 1, 35): « O santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus ».

Logo: Maria é a Mãe do Filho de Deus — da Segunda Pessoa da SSma. Trindade, e, portanto, Mãe de Deus. É mais claro que água.

Mas há mais. No mesmo capítulo de Lucas, vemos que Sta. Isabel dizia a Maria: « De onde me vem a mim a honra de me visitar a mãe do meu Senhor? » Ora, Jesus como homem não era Senhor de Israel, mas sim como Deus. Logo, Maria é a Mãe do Senhor dela, Mãe de Deus.

P — Diante da Bíblia não há que retrucar...

C — E, sendo Ela Mãe de Deus, todas as outras afirmações sobre Maria, por ousadas que pareçam, não passam de conseqüências lógicas de corolários desta grande verdade e ficam muito aquém do que ela merece.

P — Mas não se explica a invocação de Maria e dos Santos.

C — Tratemos primeiramente de Maria. Sua invocação é por sua vez, uma conseqüência da maternidade divina.

P — Mas — dizem as Escrituras — não há outro mediador entre Deus e os homens.

C — É a afirmação católica. Sem Cristo, nós não seríamos salvos, sem Ele não teríamos os santos, pois Ele é o autor da Santidade. Mas isso não obsta à existência de intermediários secundários entre Jesus e os homens.

P — E as provas?

C — O Sr. mesmo mas vai dar.

P — Como assim?

C — Maria não é Mãe de Jesus?

P — Sim Sr.

C — Logo, Jesus nos veio por intermédio de Maria. E, se nos veio por meio de Maria o principal, que é Jesus, pode vir também o secundário, que são as graças alcançadas por Ele.

Por esse motivo, podemos invocar Maria. E Jesus, como bom filho, não deixará de atender os seus pedidos.

P — E que pensa sobre a expressão que diz ser a religião católica como religião de Maria? Que não seja de Cristo?

C — De forma nenhuma. Religião de Maria significa a religião em que é venerada Maria, e essa só pode ser a de Jesus porque não se pode separar a Mãe do Filho.

Toda a religião que quer ser de Cristo deve ser religião de Maria. Logo, o protestantismo está condenado...

P — Pelo Sr. pode ser, mas pela Bíblia não.

C — Pela Bíblia é que é. E já o provo.

Em Lucas I, 48, lemos que Maria diz: «E chamar-me-ão bem-aventurada todas as gerações». Ora, os protestantes, não a cultuam, não a chamam de bem-aventurada. Logo, não pertencem às gerações que cumprem este preceito divino. Para os Srs. não passa de uma mulher vulgar. É ou não é?

P — Mas isso ainda não inclui a obrigação de invocar Maria.

C — Conclui-se facilmente da Bíblia. Maria é «cheia de graça», é a «bendita entre as mulheres» (Lc I, 28). Tem-na feito «grande o que é poderoso» (Lc I, 49).

Se Ela é bendita entre as mulheres, se é grande, certamente não é só para admirarmos isso, para sermos coerentes com as nossas crenças. Cristo é grande e rezamos a Cristo. Maria é grande e será só para «inglês ver»? Deus não fez nada em vão.

P — Mas Ela não nos pode socorrer.

C — Quem lho disse? Não pode, acaso, pedir ao seu Filho Jesus?

P — Neste caso, vou direito a Ele.

C — Acha que o Sr. é de tanto merecimento como Maria? Se Jesus quis vir a nós por meio de Maria, não pode acaso, enviar-nos as suas graças por meio dela? Não terá prazer que isso assim se faça?

P — Passe a invocação de Maria. Mas os santos por que se invocam?

C — Porque são servos fiéis de Deus. E Jesus prometeu que havia de servi-los: «Ao servo fiel, o Senhor constituirá sobre todos os seus bens» (Mt 24 e Lc 12). E diz

que eles são encarregados de distribuir os bens do amo. Se Deus quer distribuir os seus dons, porque os protestantes não querem que Ele o faça por meio de quem Ele quiser?

Será que eles poderão corrigir a Deus?

P — Mas nem Maria, nem os santos, ouvem o que nós dizemos.

C — Responda: os Santos e Maria onde estão?

P — Estão em Deus, no céu.

C — O Sr. já respondeu a si mesmo. Estão em Deus... Ora, Deus é a mesma Ciência e eles sabem das nossas necessidades por Deus, no qual estão. Um exemplo: «Os anjos do céu se regozijam com um pecador que faça penitência» disse Cristo. Como sabem eles quando um pecador se converte? Por Deus? É lógico. E depois, a maior parte dos protestantes admitem isso.

P — Impossível!

C — A maior parte dos protestantes conservam intacto o símbolo dos apóstolos.

P — E a nossa denominação também.

C — Pois, meu caro, um dos artigos do símbolo é «Creio na comunhão dos santos». Logo, nós podemos socorrer as almas do Purgatório e sermos socorridos por nossa vez. Há comunhão entre os santos. Dos céus só podemos ser socorridos, daqui socorrer...

P — Mas nós não admitimos o purgatório.

C — Deixo de saber. Voltaremos oportunamente ao assunto. Quanto à comunicação, pergunto: Não forma a Igreja um corpo místico?

P — Forma. Di-lo S. Paulo, A cabeça é Cristo (Ef 4 e 5).

C — Perfeitamente. É um membro do corpo não pode valer ao outro?

P — Pode.

C — Logo, na Igreja, todos os que a ela pertencem, nesta ou na outra vida, comunicam-se. Logo, os santos nos podem auxiliar. Nesta comunicação se baseiam também as famosas indulgências.

4. QUARTA «INOVAÇÃO»

IMACULADA CONCEIÇÃO

P — Mas, ao menos, a virgindade de Maria não se pode provar. A Bíblia fala em irmãos de Jesus. De uns sete, até.

C — É preciso ver o que significa «irmão» em linguagem bíblica. Às vezes significa parente. Assim Lot e Abraão se chamam irmãos. Acha-se na Bíblia que eles tiveram uma desavença e para se apaziguarem, Abraão que era tio, falou a Lot seu sobrinho, convencendo-o de que era inconveniente a desavença entre parentes: «pois somos irmãos», disse. E não o eram.

Depois alguns dos «irmãos» de Jesus apareceram em outros lugares como filhos de Zebedeu. Ora, se fossem realmente irmãos carnis, teriam sido filhos de José e não de Zebedeu.

E depois, é contra a razão.

«E uma Virgem dará à luz um Filho», dissera Isaías. O Anjo apareceu à Virgem, a qual não conhecia nem conheceria varão (Lc 1).

P — Pare aí. Não conheceu sim, mas não conheceria, não Sr.!

C — Conclui-se das palavras santas. Quando o Anjo falou a Maria em Filho, ela se perturbou, dizendo: «Como há de ser isto, se não conheço varão?»

Só ficou descansada quando soube que conceberia de modo milagroso, sem conhecer varão. Ora, pergunto eu, se Deus para respeitar a virgindade de Maria operou uma concepção milagrosa, para seu Filho, Maria, o sacrário da divindade, seria tão leviana, tão sedenta de gozos terrenos, que, por sua vez rompesse sua virgindade, por um capricho? Não repugna isso? Se só aceitou o Munus de Mãe-do-Redentor uma vez que ficasse intacta a sua virgindade.

P — Mas, ao menos, é certo que o dogma da Imaculada Conceição só se conheceu em 1854.

C — Está muito enganado. Foi crença geral.

P — Mas as «Inovações do Romanismo» provam o contrário.

C — Rio-me das provas do autor das «Inovações». Tira conclusões que não estão nas premissas.

P — Mas cita Sto. Anselmo e S. Bernardo contra este dogma.

C — Dois Santos Padres não são a Igreja. Aliás é costume daquele autor citar Santos Padres e Concílios sem reparar se aquêles padres representam de fato o pensamento da época ou se estes são ecumênicos e reconhecidos por

Roma. Assim, por exemplo, para destruir o efeito do 2º Concílio de Nicéia sobre as imagens cita uma porção de conciliábulos provinciais que não têm peso na balança da verdade.

De mais a mais, S. Bernardo diz o contrário. «Pois convinha — são palavras dele — que o Imaculado que vinha tirar as manchas de todos, nascesse da Imaculada.»

Se através dos séculos não encontramos muitas citações é porque nunca tinham surgido discórdias. É porque a posse desta verdade era mais prática do que teórica. Era uma posse pacífica. Entretanto, há passagens claras entre os primeiros escritores, como Sto. Efrém e Sto. Agostinho.

Sto. Efrém diz: «Tu, oh, Senhor, e tua Mãe sois os únicos belos, sob todos os aspectos, pois em ti, oh! Senhor, não há mancha alguma e mancha alguma se encontra em tua Mãe (Carmina Nisibena E. Bickell 40, 122).

Sto. Agostinho lê no III cap. do Gênesis: «Ela (a mulher — Maria) há de te esmagar a cabeça».

Sto. Ambrósio lê também assim o mesmo texto (De fuga). Ora, se Maria esmaga a cabeça da serpente, é porque não foi por ela esmagada, o que aconteceria se tivesse o pecado original.

P — Mas Sto. Ambrósio, e Sto. Agostinho não sabiam hebraico e a tradução latina, a itálica, usada por eles, estava mal traduzida.

C — Deixo de saber tudo isso. Aqui só vem ao caso a crença destes dois grandes luminares. Eles criam na Imaculada Conceição. E o testemunho deles representa o da cristandade dos primeiros séculos.

Mais: Arbécio, bispo dos primeiros séculos, mandou pôr no seu epitáfio: «A fé me trouxe um peixe (ichthys — Cristo) já pescado por uma Virgem pura.» Se fôsse pecadora não seria pura.

P — Mas tôdas as virgens são puras.

C — E por isso mesmo, se se tratasse de pureza-vingindade não era preciso repetir a mesma palavra. Seria pleonasma. Se repetiu, referiu-se à outra pureza, à atribuída pela Igreja desde os tempos apostólicos, sem interrupção e sem protesto de quem quer que seja; isto é, que Maria é Imaculada, como o povo a festeja há uns catorze séculos ou mais.

P — Então, por que é que se declarou o dogma só em 1854?

C — Os dogmas são declarados só para dar mais vigor a uma crença já existente. Assim por exemplo, era crença geral que Maria subiu aos céus.

Faz-se a festa da Assunção há bem catorze séculos. Veio agora o dogma da Assunção da Virgem. É uma inovação?

Não. É uma confirmação da crença já existente.

A propósito da Assunção: **Os mais belos trechos sobre ela foram escritos por S. Bernardo e Sto. Anselmo,** citados pelos protestantes contra a Imaculada Conceição.

Defenderiam eles um dogma ainda inexistente? O mesmo aconteceu com a Imaculada Conceição, cuja festa se celebra há, pelo menos, catorze séculos, e não é inovação do romanismo, porque as seitas orientais a admitem também, embora tenham feito o propósito de não seguirem o romanismo, como diriam os protestantes de hoje.

P — Mas será que a Tradição não conta mais testemunhas que os citados?

C — Conta ainda com muitos. Por exemplo S. Justino, Sto. Irineu, S. Germano. Diz este: «É Maria imaculada, ilibada».

S. João Damasceno diz: «Só Ela é pura e sem mancha».

Theódoto Ancisano, Sto. Hipólito, Sto. André Cretenso...

P — Mas sempre fica em pé que Sto. Anselmo é contra.

C — Absolutamente. Ele deixou escrito que a pureza de Maria é tão grande que, abaixo de Deus, não se pode conceber maior. Logo, defende a Conceição Imaculada de Maria, pois só é isento do agulhão impuro quem nasceu sem ele.

P — Pois, meu caro, eu não entendo mais nada.

C — E eu lhe aconselho que não se meta naquilo que não conhece. Não se «meta no mato sem cachorro.»

Na Igreja Católica não há inovações. Esta é a verdade. Daí os apuros dos que lhe querem impingir «inovações» que nunca fez.

P — Mas a confissão não foi fundada em 1215?

C — Já quer saltar, hein? Pois chegaremos lá, também.

5. QUINTA « INOVAÇÃO »

A CONFISSÃO

C — Então está convencido de que a confissão foi fundada em 1215?

P — Estou.

C — Mas isso não será má vontade do Sr. para com a Igreja Católica?

P — Não Sr. O autor das « Inovações do Romanismo » está comigo. É verdade...

C — Talvez que tôdas as « verdades » dos protestantes sejam assim: não passam de mentiras.

P — Então não houve inovação em 1215? Não se obrigou ali a confissão anual?

C — Disse bem. Regulamentou-se a confissão que vinha sendo praticada desde o tempo de Cristo. O 4º Concílio de Latrão, 1215, supunha a confissão e a fez obrigatória anual.

P — Mas não há provas de que antes de 1215 se houvesse praticado a confissão!

C — Há provas desde os primeiros séculos, vendo-se claramente que não é inovação do romanismo.

P — Sou curioso. Desejaria conhecer essas provas.

C — Pois abra a história. « A Didaché » ou seja a « Doutrina dos doze Apóstolos » que Harnack e todos admitem como autêntica e do primeiro século, diz (cap., 4):

« Na Igreja confessa os teus pecados, não te aproximes à oração com má consciência. »

E no cap. 14:

« Reuni-vos, aos domingos, parti o pão, agradecei, tendo antes confessado os vossos pecados. »

P — Mas aqui se trata da confissão pública.

C — Se assim fôsse aquela prática, assim teria continuado.

Ora, como veio continuando a confissão secreta, esta era a praticada na « Didaché ».

P — Mas aí está a prova da inovação romanista.

C — Mas em que época a supõe?

P — Em 1215.

C — Mas até lá temos aluvião de testemunhos sobre a confissão secreta. Assim Leão I (Ep., I, 168, 2) do V século:

« É contra a regra apostólica... exigir-se de cada qual um libelo público de tôdas as faltas, quando basta declarar as faltas da consciência só aos sacerdotes em confissão secreta. »

Note bem: Diz que é contra o uso apostólico a confissão pública. E quando os outros Padres falam da confissão, deve-se entender sempre a de origem apostólica, isto é a apontada por S. Leão I, a secreta.

Assim Tertuliano diz: (De Poenit., cap. 9).

« Os penitentes que se ajoelham aos pés do sacerdote... »

« Podemos felicitar-nos se não confessamos publicamente as nossas iniquidades. »

Sto. Irineu (202), discípulo de S. Policarpo, que foi discípulo de Papias que o foi de S. João Evangelista, diz: « Que é melhor: contar os pecados e salvar-se ou calá-los e condenar-se? »

S. Cipriano, (De lapsis, cap. 29), diz: «Cada qual confesse seu delito enquanto está em vida, enquanto... a remissão é feita por meio dos sacerdotes e é aceita por Deus».

S. Calixto (Papa de 221 e 222) regula a confissão na África.

Sto. Efrém diz:

«Sem o venerando e divino sacerdócio, não se concede aos mortais a remissão dos pecados.»

S. Basílio:

«Os pecados devem ser confessados àqueles aos quais foi confiada a administração dos mistérios de Deus, porque assim fizeram os primeiros penitentes diante dos Santos» (Regula 228).

Sto. Agostinho: «Abandonar a confissão é lançar-se na perdição».

S. Jerônimo: «O sacerdote... depois de ter ouvido os pecados, sabe quem deve ligar ou quem absolver».

P — Mas a idéia de confissão auricular não aparece claramente.

C — Quer negar isso em Leão I?

P — Aí não, mas ele está sozinho.

C — Mas os padres supõem a confissão auricular e secreta, ao menos para as faltas que não fossem públicas. Vê-se claro isso em Tertuliano.

Vê-se confirmada essa verdade em Orígenes (Ep. I in ps. 37, hom. 25) que compara o sacerdote com o médico. «Deve-se ser prudente na escolha do confessor, e prossegue: Se esse (o confessor) disser que a eternidade (da alma) seja tal que exija seja exposta e curada na reunião de toda

a comunidade, faça-se isso, conforme o conselho experimentado daquele médico».

Logo, o comum era a confissão particular. Só no último caso, pública.

Afrate, bispo sírio (século IV) diz: Hom. 3º 3, 4:

«Se alguém vos mostra suas chagas, dai-lhe o remédio da penitência. A quem tem vergonha de mostrar-vos a sua pena, exortai-o a não calar nada. Mas a quem vo-la abre, sinceramente, não a publiqueis.» Logo, é secreta a confissão.

S. João Crisóstomo (De Lázaro, 4, 4):

«Por que te envergonhas de confessar os teus pecados?... Eu não exijo que te ponhas no meio do teatro e tenhas muitas testemunhas em redor: dize-me **privadamente** os teus erros, para que eu te sare as feridas.»

Sto. Agostinho faz mais. Tem como princípio que as faltas ocultas tenham reparação secreta, e as públicas, pública. Diz ele (Sermo 32, 7, 10):

«Devem-se repreender publicamente as faltas públicas e privadamente as privadas.»

P — Alto lá! Então havia duas penitências. E como a Igreja tem uma sómente?

C — Ela tem uma confissão, mas duas penitências. É como na Igreja antiga.

P — ? !

C — Sim, os pecadores comuns, são perdoados logo pela confissão. Mas os pecadores públicos devem, antes, fazer pública penitência, isto é, devem dar provas de que mudaram o teor de vida. Só depois são absolvidos.

P — Mas qual é a penitência pública de hoje?

C — A exclusão do banquete eucarístico até o penitente se corrigir ou por tempo determinado.

P — Mas se não fôr inovação, deverá constar na Bíblia, como os outros pontos controvertidos.

C — Deverá não; poderá. Não é de necessidade absoluta que uma verdade se encontre na Bíblia. Podíamos até não ter a Bíblia e teríamos as mesmas verdades, porque a Igreja, não depende da Bíblia, mas a Bíblia da Igreja. E depois, a mesma Bíblia diz que ela não consignou tudo (Jo 21).

P — Mas sempre seria um alívio se se achasse na Bíblia a confissão.

C — E se acha. Abra o Evangelho (Jo 20, 23):

«A quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados e aos que os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.»

P — Mas onde está a confissão?

C — Não viu? está cego?

P — Mas aqui se trata de perdoar as ofensas particulares.

C — Quantas vezes devo perdoar a meu irmão?

P — Respondo com Cristo: «setenta e sete vezes sete».

C — Disse bem: Quer dizer: «Sempre».

Diz Jesus no Pai Nosso: «... perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores». Para as ofensas particulares não há retenção, mas devemos perdoar sempre.

E, se aqui se fala de retenção, é que se trata de ofensas, de pecados contra Deus, os quais se podem perdoar, se o penitente está nas devidas condições para ser perdoado.

P — E como conclui daí a confissão?

C — Muito facilmente. Para se saber quais os pecados a se perdoar e quais a se reter, é mister conhecê-los. Está aí a confissão.

P — Mas os apóstolos não confessavam.

C — Como não? Está em S. Tiago 5, 1: «confessai os vossos pecados uns aos outros». Que mais quer?

P — Mas S. Tiago dá o poder a todos.

C — Se todos têm o poder, por que não os sacerdotes?

Logo, fica provado que a confissão secreta não é Inovação do Romanismo.

E tão pouco não é «inovação», que já entra esta verdade pelos olhos a dentro dos protestantes, pois estão querendo praticá-la, também!

P — Alto lá! Não admito injúria!

C — Advenha-se lá com os seus. Eu não costumo injuriar. Entretanto, não deixa de ser verdade que existe a reunião da Federação das Igrejas protestantes, em Norte América.

P — Lá, isso é verdade.

C — Pois bem, na reunião que se efetuou em Nova York a 7 de fevereiro de 1927, apareceram uns 1.000 (mil) ministros. Neste comício, o aqui-herage o Dr. Forsdick, da seita batista fez uma apologia da confissão e atacou violentamente o protestantismo que a aboliu. Consultados vá-

rias seitas, tôdas acharam que era coisa razoável. Um comentador de Forsdick dizia:

«Eu, apesar de batista, levo há seis anos de serviço no que me chamo confessionário. Nós, protestantes, desleixamos a formosura do culto, o confessionário, e a pregação evangélica à antiga» (Da «A União» de 17 de abril de 1827).

Que tal, não está farto de «Inovações»?

A propósito da confissão, lembro-me de ter lido na «Rainha dos Apóstolos» o seguinte caso intitulado «Resolução na hora da morte» que aqui transcrevo a título de sobremesa para os protestantes:

Há alguns anos, numa cidade austríaca, um militar protestante se achava em transe de morte.

Mandou chamar o pastor. Apresentando-se êste, o enfermo disse: Senhor pastor, tenho pecados, pode me perdoar?

— Sim, sr., Deus lhe perdoou.

— Não pergunto, Sr. pastor, se Deus me perdoou, mas se o Sr. mesmo me pode perdoar.

— Posso lhe declarar que Deus lhe tem perdoado.

— Declarar que estou perdoado? Porém, o Sr. mesmo não me pode perdoar? Se não me engano, Cristo disse aos apóstolos:

«A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados» (Jo. 20).

Então o pastor confessou:

— Não Sr., essa faculdade não tenho.

— Bem. Neste caso me chamem o vigário católico; prontamente compareceu o padre.

— O Sr. pode me perdoar os pecados? perguntou o coronel.

— Pois não, com muito prazer, mas o Sr. coronel não é católico.

— E se fôsse católico, me perdoaria os pecados?

— Com tôda certeza.

— Então, declaro, na presença da minha mulher, que quero morrer católico.

— Fêz a profissão de fé, confessou-se e foi sacramentado. Radiante de satisfação, disse à espôsa:

— «Depois de minha morte, você faça a mesma coisa e chamará a felicidade e a bênção divina sobre os nossos filhos.»

E agora vem a bomba maior. O próprio Lutero defende a confissão pública e particular. Eis suas palavras: «Na verdade, não se pode obrigar ninguém à confissão particular, mas **nesta o cristão** recebe o consôlo que a absolvição lhe é anunciada de um modo **especial** (Lutero: Catecismo Menor para os pregadores, muito em voga no Rio Grande do Sul, página 158, capítulo «Do poder das chaves»).

6. SEXTA «INOVAÇÃO»

O ROSÁRIO — A AVE MARIA

P — Mas não pode negar que o uso do Rosário começou no ano 1090.

C — E que seja. E daí?

P — Daí se tira que é inovação do romanismo.

C — Escute, em que ano começou Lutero a pregar a sua doutrina?

P — Em 1517. E daí?

C — E daí se prova que se iniciou o abuso da «Inovação do Protestantismo», em 1517.

P — Mas que tem que ver uma coisa com outra?

C — Muita coisa. Se foi «Inovação» o Rosário, que não é dogma, que é apenas uma contagem metódica das Ave Marias, contendo a meditação dos principais mistérios do cristianismo, com muito mais razão é inovação a teoria protestante, que, não recebendo suas doutrinas diretamente de Cristo, quer fundar a verdadeira religião sobre uma base incompleta, contra a vontade de Cristo, que, sendo cabeça da Igreja, não quer mudar de corpo.

P — Mas se o Rosário não passa de contagem metódica das Ave Marias, que se pode omitir ou não, sem deixar de ser católico, como tenho ouvido, a Ave Maria, essa ao menos, será inovação, pois, a introduziu João 22, em 1317.

C — Escute, meu caro. Acha que o que Deus instituiu é inovação do romanismo?

P — Absolutamente, não.

C — Pois a Ave Maria é toda da Palavra de Deus, da Escritura Sagrada.

P — Eu não vejo como.

C — Abra a Bíblia. Veja S. Lucas 1, 28: «Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és entre as mulheres». Aí temos uma parte da Ave Maria.

P — Mas na minha Bíblia está «Deus te salve» e não «Ave Maria».

C — Deus te salve é uma saudação e «Ave» também. Na saudação do Anjo, não havia provavelmente nem uma nem outra coisa. S. Jerônimo, na sua vulgata, traz a saudação latina «Ave» que significa «Deus te salve» ou como se quiser formular. Nós conservamos o nome antigo «Ave», como Amém, no fim das orações.

P — Pois que passe isso. Mas não vejo aí Maria.

C — Mas a quem foi dirigida a saudação Angélica?

P — A Maria.

C — Logo, o «Ave» refere-se a Maria. Nós declaramos o que o Anjo supõe. Logo, Ave Maria. E quanto ao resto da Ave Maria, veja (Lc 1, 42):

«Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre». Quem era o fruto? Jesus.

P — Admito a primeira metade da Ave Maria como autêntica. Mas a segunda metade não.

C — Quem supõe as premissas deve querer que se tire delas as conclusões. Deus declarou que Maria «achou graça diante de Deus». Logo, Maria é santa. Daí, Santa Maria. Ora, Maria deu à luz a Jesus que era Deus. «Santa Maria Mãe de Deus».

Se ela é Mãe de Deus, como vimos, é mais digna de obter de Jesus as graças do que nós, que somos pecadores. Daí: « rogai por nós pecadores ». E rogar quando? « Agora e na hora da nossa morte. » Eis tudo. Onde é que está a inovação de João 22, se a Ave Maria se encontra na Sagrada Escritura?

P — Façam o que quiserem: eu me dirijo a Deus e deixo Maria e os santos de lado.

C — E deixa Deus também de lado?

P — Ah! Não.

C — Como não? Se Deus engrandeceu a Maria, « e me fez grande o que é poderoso » (Lc I, 42) e aos seus fiéis (Mt 24), nós, desprezando-os ou não fazendo caso deles, desprezamos a Deus e fazemos pouco caso deles. Sempre foi plano de Deus chegar aos homens por meio de homens. Deus quer governar os homens ao modo dos homens.

P — E as provas?

C — Ei-las. Podia, ou não, Deus falar aos hebreus diretamente, sem Moisés?

P — Podia.

C — E como é que escolheu a Moisés para guiar o seu povo e para falar-lhe? E sem profetas não podia instruir o povo? Como é que assim não quis fazer?

P — Mas isso são coisas do Antigo Testamento.

C — Que, entretanto, são julgadas bem prestáveis ainda, quando se trata de ferir o catolicismo. Haja vista o caso das imagens. O Deus do Antigo Testamento é o mesmo do Novo.

Não podia Ele chegar aos homens, sem os apóstolos? Entretanto, não quis. Encarregou-os de continuarem a sua

própria missão: « Ide e ensinai... quem vos ouve a mim ouve ». Os servos fiéis não perdem o seu poder precatório com a morte, mas, pelo contrário, quando estão mais perto de Deus, já no pórtico da salvação, maior há de ser o seu poder, pois estão na glória. Daí o grande poder precatório dos servos fiéis.

Daí, o grande poder precatório da Serva fiel, Maria — a mãe de Jesus. Daí, a conclusão lógica — rogai por nós, pecadores. Aliás, sobre isso já se falou em outro capítulo.

Logo, a Ave Maria não é inovação e todos os santos antigos a praticavam, senão na fórmula hodierna, exprimiam, contudo, os mesmos sentimentos. E se a fórmula da Ave Maria, como hoje está, começou com João 22, não há nisso inovação do romanismo, mas apenas o uso de uma fórmula que devia ter vigorado muito tempo antes, pois, o seu conteúdo remonta ao tempo da Conceição do Verbo Encarnado. Razão tinha, pois, S. João Crisóstomo de repetir depois de ter declarado os louvores e grandezas de Maria:

« Roga assiduamente por nós a Jesus, teu Filho e Senhor Nosso, a fim de que por ti possamos conseguir misericórdia no dia do juízo. » E S. João Crisóstomo não viveu depois de João 22, mas uns 800 anos antes.

Onde está, pois, a inovação da Ave Maria por João 22?

P — Isso tudo passe. Tenho, porém, uma dificuldade.

Há um só mediador e este é Cristo. Logo, a intercessão dos santos não é necessária.

C — Que é que o Sr. lê no último capítulo da Epístola aos Tessalonicenses, versículo 25?

P — Irmãos, orai por nós.

C — E com isso fica prejudicada a mediação de Cristo?

P — De forma alguma!

C — Então, seja lógico. Se na terra pode alguém rezar a Deus pelo outro, sem prejudicar por isso a mediação de Cristo, por que seria que, fazendo o mesmo do céu, ficaria Cristo prejudicado? Estariam os santos em piores condições que nós?

Aquêlê texto a que aludiu acima, quer inculcar que tudo nos veio de Jesus. Até os próprios santos. Assim, a oração dos santos supõe já os merecimentos de Jesus.

No capítulo 12 de S. Lucas, e no 24 de S. Mateus, Jesus diz que o servo fiel, depois de morto, será colocado sobre todos os bens de seu amo para que distribua aos outros conservos a respectiva ração, quando houvesse necessidade. E se êles são os distribuidores dos bens de Deus, como posso passar por cima dêles? Será que Deus os engrandeceu para « inglês ver »? Seria injúria para Deus pensar assim. Confessa, protestante, que o sistema católico é o único que se coaduna com a Escritura, sinceramente falando.

7. SÉTIMA « INOVAÇÃO »

A TRANSUBSTANCIAÇÃO

C — Que novas inovações temos por aí a desmentir?

P — A desmentir, não. Há uma que é uma realidade inegável. Não pode negar que a transubstanciação foi instituída em 1215, no 4º concílio de Latrão.

C — Entretanto, já no nono século Pascácio Radberto fala em transubstanciação. É êle até o autor desta palavra.

P — Logo, há em todo caso inovação.

C — Pascácio só pôs o nome a uma coisa já existente e universalmente reconhecida.

P — Isso não! Não creio sem provas. Será tudo assim?

C — Quer provas? Tê-las-á. Mas diga-me antes: que entende por transubstanciação?

P — Que o pão se muda em corpo de Cristo.

C — Perfeitamente. Que Cristo esteja realmente presente na Santa Hóstia?

P — Sei lá o nome que lhe dão!

C — Está bem. Com licença. Santo Inácio de Antioquia em que ano morreu?

P — Lá pelos anos 160, depois de Cristo. Diz a história.

C — Pois numa carta aos Smirnenses (7, 1) diz: « Êles (os hereges Docetas) abstêm-se da Eucaristia e da oração, porque não confessam que a Eucaristia seja a mesma carne do Salvador Nosso Senhor Jesus Cristo, aquêlê mesmo que sofreu pelos nossos pecados e o Pai benignamente ressuscitou ». Que tal? parece que numa visão profética via nos docetas os protestantes, não?

P — Mas isso pode ser um texto suspeito.

C — Entretanto, o Sr. seria o primeiro protestante a negá-lo. Harnack lhe reconhece a autenticidade. Não menos explícito é S. Justino.

P — S. Justino, o apologeta? Não pode ser. É apelado pelas « Inovações do Romanismo » como autoridade em matéria de costumes.

C — Por ser autoridade é que o cito. Diz êle, na sua Apologia (I, 66): «Não tomamos estas coisas como comida ou bebida comum, mas no modo pelo qual Jesus Cristo, Nosso Salvador, feito carne, por uma palavra de Deus teve carne e sangue para a nossa salvação, assim também por uma palavra proveniente d'êle, do qual são nutridos o nosso sangue e carne, por conversão, o alimento da Eucaristia é, como fomos ensinados, a carne e o sangue de Jesus feito carne». Acha coisa mais clara que isso?

Sto. Irineu, 202, (adv. her. 4, 18, 4-5 diz:

«Como poderão (refere-se aos hereges que negaram a processão do Filho de Deus), como poderão êles crer que o pão, no qual foram dadas graças, seja o corpo do Senhor e o cálice contenha o seu sangue, se não o reconhecem por Filho do Feitor do mundo?» E logo acrescenta:

«E como podem (os mesmos hereges, os gnósticos), como podem afirmar que a nossa carne se corromperá sem ressuscitar, embora seja nutrida pelo corpo e pelo sangue do Senhor?»

Mas para que mais testemunhas? Tem-nos em abundância em toda a antiguidade. Poderia citar Orígenes: «Vós que costumais tomar parte nos divinos mistérios, sabeis como no receber o corpo do Senhor» etc. (In Exod. Hom. 13, 3), S. Clemente, Tertuliano...

P — Peguei o marreco. Tem a coragem de citar-me Tertuliano? Pois segundo o autor das «Inovações do Romanismo», êste como os outros Santos (e cita uma batelada d'êles) interpreta a Eucaristia em sentido figurado. Tertuliano diz expressamente: «Tomando (Jesus) o pão e distribuindo-o aos discípulos, o fez seu corpo, dizendo:

Este é o meu corpo, isto é, a figura do meu corpo (figura corporis mei). Que há de mais claro?

C — Mas por que é que o autor não continua? Foi até onde servia ao protestantismo. Falou em figura, bastou: «stop»! Entretanto, diz Tertuliano mais alguma coisa: «Este é o meu corpo, isto é, figura do meu corpo. Mas não haveria figura (figura aqui é o aspecto, a aparência, modo de ser) — ouça bem — não haveria figura, se aquilo não fôsse um corpo real».

Uma coisa vazia, como um fantasma, não admite figura, isto é, aparência suscetível de ser percebida pela visão. Ora, se tinha Ele necessidade de representar o seu corpo pelo pão, é porque o seu corpo não tinha aparência real, mas oculta realidade.

Marcion negava que Cristo tivesse corpo real. Se Tertuliano quisesse dizer que o pão tomado por Cristo, era símbolo do seu corpo, a sua argumentação contra Marcion não teria fundamento algum, nem teria podido dizer: «Cristo, no caso que não tivesse corpo verdadeiro, devia imolar o pão». Logo, não imolou o pão, mas o corpo que estava sob a espécie do pão. Até aqui os comentários de Rauschen, citando também Thomasius, Lembach, Dreves e Stekemaier.

Mas o texto mais claro de Tertuliano é (De resurrectione, 8): «A carne do homem se alimenta com o corpo e o sangue de Cristo».

Testemunho mais claro é impossível.

P — Mas é certo que pelo menos S. Cipriano não ensinava a presença real.

C — Em S. Cipriano há muitos textos que, sendo considerados separados do contexto, podem facilmente tor-

cer-se, no sentido protestântico. Entretanto, Rauschen diz dê-lo o seguinte (A Eucaristia e a Penitência nos primeiros séculos da Igreja — edição italiana, pág. 15):

« Como os mais escritores eclesiásticos, também Cipriano afirma, em vários lugares, que na Eucaristia existem o verdadeiro corpo e sangue de Cristo e por isso com razão no Pai Nosso, podemos chamá-lo de « pão nosso » (Cipriano De dom. oratione, 18).

O que se disse do Cipriano, pode-se afirmar de S. Basílio, Sto. Agostinho e outros.

Sto. Ambrósio, mestre de Sto. Agostinho, é bem explícito (De Myst., cap. 9, n. 53): « Isto, que fornecemos pela Eucaristia é o corpo que foi nascido de Maria... É a verdadeira carne de Cristo que foi crucificada, sepultada: este sacramento é a verdadeira carne dê-lo (Cristo) ».

Sempre gostei de uma passagem das atas do martírio de Sto. André Apóstolo, irmão de S. Pedro, redigidas em carta pelos presbíteros da Achaia, do 4º século.

P — Que dizem estas atas?

C — No capítulo 6º falam de como o apóstolo Sto. André se negou a sacrificar aos deuses, dizendo: « Eu ofereço diariamente ao Deus onipotente um sacrifício vivo... ofereço diariamente um Cordeiro Imaculado a Deus, o qual tendo o povo comido suas carnes e lhe bebido o sangue, fica sempre intacto ». E note bem que se trata de um apóstolo que ouviu de perto a Jesus. Logo como ele, todos teriam pensado da mesma forma, porquanto os apóstolos eram infalíveis. André não pode errar, logo para não errarem, os outros deveriam ter pensado assim.

P — Mas quem sabe que a coisa talvez passasse despercebida aos outros. Naquele tempo havia muita ignorância.

C — E como é que quando os outros erravam, todos caíam em cima e eram condenados?

Esta ata era conhecida de todos e todos a acatavam porque representava a verdade.

É de lamentar que somente depois de quinze séculos se venha pôr em dúvida uma coisa certíssima.

P — Durante tantos séculos ninguém duvidou?

C — Houve hereges sobre muitos dogmas, mas dês-te ninguém se lembrou de duvidar, tão claras foram as palavras de Cristo ao instituí-lo.

P — E há outros testemunhos ainda?

C — S. Gregório de Nissa (in Oratione catechetica cap. 37): « Com fé creio firmemente que neste instante o pão santificado pela palavra de Deus, se transmuda no corpo do Verbo de Deus ».

Na liturgia de S. Marcos, se lêem estas palavras sobre a Eucaristia: « Isto é o verdadeiro corpo e o sangue do Emanuel, nosso Deus ». E mais adiante: « Creio, creio e confesso até o último alento que seja a mesma carne vivificante do Unigênito Filho teu, Senhor Nosso Salvador Jesus Cristo. Recebeu-a (a carne) de Nossa Senhora, Santa Senhora, Mãe de Deus e sempre Virgem Maria ».

« Ainda acha possível uma inovação romanista em 1215, ou em 800 e pouco, quando muito antes disso o mesmo assunto é tratado, como coisa indubitável: « Creio, creio, creio e confesso »!... »

P — Mas como se entende essa linguagem dos antigos? Onde teriam eles tirado essa crença no caso de ser real o sentido que a atribui aos Santos Padres?

C — Da mesma Igreja, com a confirmação da Bíblia.

P — Bateu nos meus dinheiros! Então a Bíblia confirma a transubstanciação, fundada em 1215, ou, por muito favor, em 814?

C — Não confirma a palavra. Confirma o fato da transubstanciação. E a questão aqui é de fatos, não de palavras.

P — E que seja. Nem os fatos podem confirmar.

C — Não deveria, conforme a opinião dos protestantes, mas infelizmente para eles, confirma.

P — Às provas!

C — A elas! São João cap. 6, 48: « Eu sou o pão da vida... »

50. Aqui está o pão, que desceu do céu, para todo o que dêle comer, não morra.

51. Eu sou o pão vivo que desceu do céu. 52. Se alguém comer dêste pão viverá eternamente.

P — E o pão que Ele deu é a sua palavra.

C — Isto diz o amigo. Cristo, porém, é claro. Continua... « e o pão que darei é a **minha carne**. » Entendeu? Não é a palavra, é a sua própria carne. Aliás a palavra já a tinha dado e se isso entendesse não teria empregado darei, mas **dei**. O caso é que se nos tinha dado a palavra, ainda não nos tinha dado a sua carne. Esse é que é fato.

P — E o povo que o ouvia, como entendeu?

C — Entendeu no sentido que os Santos Padres e a Igreja também entenderam.

P — Protesto!

C — Não me admiro. Já traz o protesto no nome. Veja lá: v. 53:

« Disputavam, pois, entre si os judeus dizendo: — como pode êste dar-nos a comer a sua carne? » Se eles tivessem entendido as palavras de Cristo como os protestantes, isto é, que com esta linguagem quisesse entregar-nos a sua palavra ou a sua fé, como outros querem, não teriam achado dificuldade, nem teriam dito, como disseram no v. 61 — « Duro é êste discurso, e quem o pode ouvir? » Acharam dificuldade, porque não podiam compreender « **como** » Cristo nos havia de dar o seu corpo a comer. Se Cristo tivesse explicado o **modo** como havia de fazê-lo: transformando o pão no corpo dêle, ficando a aparência do pão (a tal figura de Tertuliano), como fez na última ceia, o povo teria compreendido o seu discurso. Foi por não compreender e não por outra coisa, que o povo se retirou de Cristo. E se o tivesse entendido ao modo dos protestantes, não teria tido dificuldade em compreender.

Logo, o povo compreendeu a Cristo, mas não percebeu o modo como havia de fazê-lo. De qualquer modo, a explicação protestante não é aceitável. E que se trata do modo, se vê claro na pergunta dos judeus: v. 53 « Como pode êste dar de comer a sua carne? » **Como** é advérbio circunstancial de modo. Abra a gramática e verá.

P — E entregou de fato Jesus o seu corpo aos homens?

C — Sim, senhor. Na última ceia (Mt 26, 26 a 28):

«Estando, eles, porém, ceando, tomou Jesus o pão, e o benzeu, e o partiu, e deu-o aos discípulos e disse: — Tomai e comei — isto é o meu corpo. E tomando o cálice, deu graças e deu-lho dizendo: — Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue do Novo Testamento, que será derramado por vós e por muitos.» Ponhamos os pontos nos is. Os apóstolos já estavam avisados que Cristo lhes havia de dar o corpo dele. Acreditavam porque era Ele quem o dissera. Só esperavam conhecer o modo como havia de ser-lhes dado. E eis que agora Cristo cumpre a promessa feita no ano anterior: «isto é o meu corpo...» Que corpo? O que Cristo lhes prometera dar. É claro.

P — Mas «isto é o meu corpo» deve-se entender «figuradamente», como: representa, significa, simboliza etc.

C — Isto dizem os protestantes. O passo referente ao corpo de Cristo deve ser interpretado paralelamente ao passo referente ao seu sangue. E este, em todo caso, não é suscetível a interpretações figuradas. Parafraseando, Cristo teria dito: «Porque este é aquele mesmo sangue... que será derramado...» Logo, o **este é o meu corpo** se deve interpretar também literalmente, isto é, o que será sacrificado.

P — Então não se pode mais empregar o sentido figurado, não se pode mais dizer a uma estátua, a um retrato, **este é Fulano, este é Sicrano, etc.?**

C — O sentido figurado é o último que se deve tomar, e só quando há necessidade de fazê-lo, mas todo o contexto induz a este sentido. Melhor se exprime H. Brandão nas «Noites com os protestantes».

«...segundo a regra geral da boa interpretação, as palavras que fala uma pessoa, sempre devem ser entendidas no sentido literal, a não ser que graves razões peçam absolutamente o contrário.» Estas graves razões se reduzem às três seguintes:

1ª que o assunto não permita o sentido literal (exemplo — quando Deus diz — sois deuses — o sentido literal é impossível porque há só um Deus).

2ª quando o modo de falar já ensina claramente o sentido figurado. Assim, por exemplo, quando Jesus disse aos povos — Eu sou a videira, vós sois as varas — cada um podia entender que Jesus não se tinha transformado numa videira nem eles em varas.

3ª quando a metáfora é autorizada pelo uso da língua. Por exemplo, se digo — Este homem é um tigre, aquele um cordeiro — entende-se que o homem só tem as qualidades de um tigre, de um cordeiro, mas ninguém vai pensar que o é de fato.

E referindo-se ao nosso caso, diz ainda (pág. 8 do tomo 3º) «...nenhuma destas três razões autoriza o sentido figurado das palavras» — «Isto é o meu corpo; este é o meu sangue».

P — Então a palavra «é» não se pode mais tomar no sentido de «significa»?

C — Sim e não; como, aliás, sempre foi: depende de que se exija ou não essa interpretação por uma das razões apresentadas.

P — Mas no nosso caso é impossível a interpretação literal.

C — Impossível para os Srs. que não querem entender. Deus disse pelo Arcanjo: (Lc 1, 37) — « A Deus nada é impossível ». Os judeus também acharam « duro o discurso » e Jesus insistiu no sentido literal, desprezado por eles. Digo mais, apesar dos Srs. e os judeus acharem « duro este discurso », o sentido literal é o único aceitável.

P — Ora essa!

C — E já verá. Nenhum dos motivos alegados para se entender em sentido figurado algum passo, existe nesta passagem: Isto é o meu corpo, porque:

1º não há no texto contradições algumas, como no caso da passagem « sois deuses », pois a todos os esforços dos protestantes, dizendo que milagre tão estupendo é impossível, damos resposta cabal, citando a passagem: A Deus nada é impossível;

2º nem as palavras indicam texto figurado.

P — Mas se eu digo — este é o meu pai, diante de um retrato, — a partícula « é » não tem sentido figurado? E como aqui não há de ter?

C — Porque são mais as vezes que empregamos o verbo ser em sentido literal do que no figurado. Assim, quando vemos um amigo, dizemos: « Este é o amigo Fulano, aquele é Sicrano ». Se dissermos, quando doentes, « Grande é a minha dor » — entende-se em sentido figurado ou literal?

P — Literal.

C — Já se vê que na linguagem humana o sentido literal é o mais freqüente e não vice-versa.

Não se troquem os papéis.

P — Mas ao menos nos resta o 3º motivo: as palavras « Isto é o meu corpo » são, na língua em que falou Cristo, uma metáfora autorizada pelo uso.

C — Nem isso não se dá. Pão e vinho significam, metaforicamente, em aramaico, doutrina, mas nunca corpo humano (Prov 9, 5; Ecl 15, 3). E Cristo fala insistentemente em corpo.

Depois, se o sentido metafórico existisse, seria claro, evidente, imutável. Exemplo — Quando Cristo disse: « Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; eu sou a porta » etc. ninguém duvidou do sentido figurado. É claro, evidente. Entretanto, os protestantes querendo impingir um sentido metafórico às palavras « Isto é o meu Corpo » viram-se em dificuldades para combiná-lo com « Isto é o meu sangue » e saíram em contradições na explicação metafórica do texto. Belarmino cita duzentas explicações diferentes. O próprio Lutero se revoltou contra esta confusão, dizendo que o Doutor Carlostádio tirava das palavras « Isto é o meu corpo, o pronome isto. O Ecolampádio torturava a palavra corpo e outros escarnecavam o texto todo », (como os Srs. estão pretendendo). Logo, as contradições protestantes destroem a hipótese de metáfora porque o sentido figurado de um texto não deixa dúvidas, não faz conclusões. Entra pelos olhos a dentro. É claro, evidente, imutável... Logo, não se trata de metáforas. A transubstanciação é um fato anterior a Pascásio, reconhecida pelos primeiros escritores e pela Bíblia, e negá-la, é que é inovação.

P — ? !

8. OITAVA «INOVAÇÃO»

A PROCISSÃO DO SANTÍSSIMO

P — Mas ao menos a procissão com o SSmo. é inovação do romanismo, pois este estabeleceu-a em 1317.

C — A Eucaristia, vimos, não é Inovação do Romanismo.

Jesus está presente na Santa Hóstia. A procissão faz parte das manifestações a Jesus Hóstia. Logo, não é Inovação. É só uma externalização do culto a Jesus. Devia ter sido feito muito antes, pois faz parte do culto. Se se estabeleceu em 1317, foi porque milagres estupendos da Eucaristia estavam reclamando um culto mais pomposo, mais externo, pois somos homens e a natureza humana exige manifestação externa dos sentimentos interiores. É a repetição da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém no dia de Ramos. Teria sido essa uma inovação?

Julga então que Cristo, tenha estabelecido uma Igreja com todos os poderes de uma sociedade, para nada fazer, nem regularizar? Mesmo, portanto, que inovação fôsse seria autorizada.

« Como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós ». — « Tudo o que tu ligares na terra será ligado no céu » — Apascenta as minhas ovelhas. . . o que faz a Igreja é feito por Cristo. Logo, não há inovações do romanismo, mas manifestações do cristianismo, das quais uma delas é a pro-

cissão do Corpo de Deus. Os protestantes, pelo contrário, que vêm sem autorização de Cristo, impingir ao povo, como verdadeira, uma religião que Cristo fundou, e a qual nega, por sua alta recreação, o que Jesus afirma e estabelece princípios nunca sancionados por Ele. Haja vista o livre exame, que deu origem a tantas interpretações errôneas.

9. NONA «INOVAÇÃO»

O NÚMERO SETE DOS SACRAMENTOS FUNDADO EM 1547

P. — Não negará que o número sete dos sacramentos é inovação do romanismo, pois que foi estabelecido em 1547, no Concílio de Trento.

C — Escute, acredita que haja um só Deus?

P — Acredito.

C — E que em Deus haja três pessoas?

P — Que dúvida!

C — Acredita que antes do quarto século havia a crença na Trindade?

P — Havia.

C — Mas o dogma da SSma. Trindade é posterior ao quarto século. Logo, os dogmas não estabelecem verdades, não são inovações, mas confirmações de verdades já existentes e admitidas como tais perante a fé. O mesmo aconteceu com o número septenário dos sacramentos. Os dog-

mas partem de Cristo. Todos eles têm — coisa que não era necessário tivessem — todos eles têm a sua indicação na Bíblia.

P — Todos os sete sacramentos romanistas?

C — Todos os sete, mas não romanistas, e sim cristãos. Quer conferir?

1º Batismo — Confirma-se em Mt 28, 19; Ef 5, 26; At 8, 36; 10, 47; 16, 33, etc.

2º Crisma ou Confirmação — At 8, 15 ss. 9, 31; 19, 6; Rom 5, 5; Tim 1, 14; Tes 4, 8; 1 Cor 2, 12 e 3, 16; Jo 14, 15 e ss. 7, 37, 39.

3º Eucaristia ou Comunhão. Vimos em Mt 26, 26; e Jo 6, 51. Temos mais, Lc 22, 19; Hbr 10, 10; 1 Cor 10, 17; 11, 27 e 10, 16.

4º Penitência ou confissão — Vimos Jo 20, 22-23. E a prática em Tg 5, 16.

5º Extrema-Unção — Tg 5, 14; Mc 6, 13.

6º Ordem sagrada pela imposição das mãos. At 14, 22 e 6, 6; 2 Tim 1, 6; 1 Tim 4, 11 e 14.

7º Matrimônio — Ef 5, 31; Jo 2; Mt 19, 4.

P — Mas a antiguidade sempre admitiu os sete sacramentos?

C — A declaração do número sete, da palavra «sete» não é conhecida antes de 1124, ano em que Oto, bispo de Bamberg faz a enumeração dos sete sacramentos; se não se dizia a palavra «sete», na prática eram conhecidos os «sete» sacramentos.

P — Perdão-lhe 5. Se me puder provar que a antiguidade admitia os dois mais duvidosos que são a Crisma e Extrema-Unção, sujeito-me a admitir o número septenário dos sacramentos. Mas deve provar.

C — Eis as provas. É a posse pacífica destes dois sacramentos desde os tempos apostólicos. Até as heresias que se separaram da Igreja Católica nos primeiros séculos admitem estes dois sacramentos, como aliás os outros cinco também. Se fôsse «inovação do romanismo», estabelecida no ano 1547, não os admitiriam os nestorianos, caldeus, coptas e outros de heresias antigas. O patriarca copto numa entrevista concedida em 1935 ao «Le Temps», de Paris e reproduzida pela «A União» de 6 de outubro do mesmo ano, no nº 38, entre outras coisas diz:

«Os nossos livros litúrgicos — continuou o patriarca — são os mesmos que os vossos. Temos «sete» sacramentos e cremos que, depois da consagração, o pão e o vinho se transformam na carne e no sangue do Senhor.

Como os ortodoxos, a quem mais nos acercamos, damos a Confirmação imediatamente após o Batismo e os sacerdotes podem casar-se, o que está impedido aos monges. Finalmente, sustentamos que o Espírito Santo provém do Pai e não «filioque», «também do Filho», etc.

Eis o argumento da prescrição histórica. Contemplemo-lo. Se esses hereges admitem os «sete» sacramentos, é porque eles tiveram origem, não na igreja, mas em uma ordem de Jesus Cristo.

P — E testemunhos históricos não há?

C — Trataremos deles separadamente. Vejamos a Confirmação. Tertuliano diz (de Batismo, cap. 8): «Depois dis-

so (Batismo) impõem-se as mãos para a bênção, se invoca e convida o Espírito Santo». S. Cipriano (Ep. 75. ad Jubaianum, referindo-se ao texto At 8, 14 ss. diz: «O que faltou (do Batismo administrado por Felipe, diácono) isso foi feito por Pedro e João... Isso se fez também entre nós, para que os que são batizados, sejam levados ao chefe da Igreja e por nossa oração e imposição das mãos, consigam o Espírito Santo...»

E desta época (século 3º) há muitas testemunhas. Do quarto século temos S. Jerônimo: «Não nego que esse é o costume das Igrejas que os que são batizados pelos presbíteros e diáconos, longe dos centros maiores, sejam visitados pelo bispo, que lhes impõe as mãos invocando o Espírito Santo» (Dial. adv. Lúcifer, cap. 8).

O mesmo diz S. Cirilo Jerosolimitano.

O mesmo dizem os Concílios.

Exemplo:

O Concílio Toletano (ano 400), fala do ministro da Crisma.

Inocêncio I, em 416, fala também sobre o mesmo assunto.

Sto. Agostinho, também, fala (contra lit. Petilian, livro 2º cap. 104): «O Sacramento da Crisma é como o Batismo».

P — Basta sobre êsse. E sobre a Extrema-Unção?

C — Os historiadores que tratam sobre o cap. 5 de S. Tiago, são unânimes em reconhecer a existência do Sacramento da Extrema-Unção.

Assim temos Orígenes (Hom. 2 in Lev. 4) S. João Crisóstomo (De Sacerd. 13 n. 6) Inocêncio I Ep. ad Decentium: nº 8). «Não há dúvida que se devam entender (as palavras

de S. Tiago) dos fiéis doentes, a serem ungidos com o santo óleo da Crisma, preparado pelo bispo não só para os sacerdotes, mas para todos os cristãos...

S. Pedro Damiano (Sermo I ded. acl.). «O terceiro sacramento é a unção dos doentes...»

Já vê que escritores não faltam. Todos os que tratam sobre o cap. 5 de S. Tiago são do parecer católico: que há um sinal sensível da graça administrado aos doentes pelo sacerdote.

P — Não há negar. Mas Inocêncio I fala em que a preparação dos santos óleos no tempo dêle, competia aos bispos.

C — E hoje também. É na quinta-feira santa de todos os anos que os bispos consagram os santos óleos que são, depois, remetidos aos vigários.

P — E será que os outros cinco sacramentos têm tantos vestígios assim na história?

C — De dois, Eucaristia e Penitência, já vimos. Do Batismo não pode haver dúvida por ser a base do cristianismo. E dos dois restantes, Ordem e Matrimônio temos muitos vestígios. Sobre o sacramento do Matrimônio por exemplo, exprime-se «Sto. Inácio Mártir» (Ep. ad Polic. cap. 5). «Os esposos convém que se unam por sentença do bispo, a fim das núpcias serem segundo o Senhor e não segundo as feições».

Tertuliano (Ad uxór. I. 2 cap. 9).

S. Cirilo Alex. (In Jo. Cap. 2).

Orígenes (Com. in Mat. 14 a 16).

Sto. Agostinho (de bono cong. cap. 24, n. 32); todos reivindicam o Matrimônio como Sacramento.

Quanto ao Sacramento da Ordem, todos os Santos Padres o reconhecem como imposição das mãos ao modo como se vê nos Atos dos Apóstolos e outros escritos. Assim Clemente Romano escrevia aos Coríntios:

« Quem segue as ordens do Senhor, não erra. O Sumo Sacerdote tem os seus cargos, os sacerdotes o seu lugar e os auxiliares os seus serviços... O leigo está obrigado aos ofícios do leigo... Os Apóstolos ordenavam (ou constituíram com a imposição de mão dos Atos) bispos e diáconos... »

S. Cornélio I (Ep. ad Fabium), escrevia em 251, que havia em Roma um bispo (êle), quarenta e seis presbíteros, sete diáconos, sete subdiáconos, quarenta e dois entre exorcistas, leitores, e ostiários (de ordens menores).

S. Cirilo (Ep. ad Himerium em 10-2-385). « Venhamos agora às ordens sagradas dos clérigos... Muitos sacerdotes de Cristo, depois de muitos anos de consagração, etc... »

Isto parece-me suficiente para confirmar o que foi dito, a saber, que o número septenário dos sacramentos não é « Inovação Romanista », de 1547, mas fundação de Cristo, em sua preciosa existência.

Sem mais, passaremos ao espantelho dos protestantes — o Purgatório.

10. DÉCIMA « INOVAÇÃO »

O PURGATÓRIO

C — Está ainda convencido de que o Purgatório seja « inovação do romanismo »?

P — Como não, se é um fato?

C — Imaginário, diga. Fato real é que não.

P — Como assim?

C — O Purgatório não só não é « inovação do romanismo », como é crença judaica, anterior ao próprio Cristo. Fica, portanto em pé que não é inovação, mas a negação dela é que é, como aliás o são os outros pontos protestados sem motivos pelos protestantes.

P — Que diz? A crença no Purgatório é anterior a Cristo?

C — Anterior a Cristo.

P — Nada achei na Escritura a êste respeito.

C — É porque os Srs., por sua alta recreação, alijaram da Bíblia os livros dos Macabeus.

P — É um dos livros apócrifos e tôda a antiguidade os condenou.

C — Mas por livros apócrifos entendia a antiguidade, não os que os protestantes chamam de apócrifos, mas outros que oportunamente enumerarei. Mas passe! Que seja livro apócrifo o livro dos Macabeus (o que não é). Fica

contudo, sempre em pé ao menos o valor histórico dêste livro.

P — Protesto.

C — Não perca as estribeiras tão depressa. Virão as provas, e se o Sr. fôr um animal racional, isto é, um ente racional, deverá admiti-lo.

P — Está me injuriando!

C — Estou só empregando um termo que se emprega em filosofia para designar o homem. Assim, sou eu que devo ofender-me por não me ser permitido empregar termos científicos.

P — Pois bem, vamos às provas.

C — Os fariseus são uma inovação do romanismo?

P — Não brinque. São anteriores a Cristo.

C — Está bem. Graças a Deus, não protesta. Sim, são anteriores a Cristo, mas de que época são originários?

P — Essa agora!

C — Não se incomode. Originaram-se pelos anos 160 antes de Cristo e foi uma seita nacionalista organizada no tempo dos irmãos Macabeus, a fim de combater o rei da Síria. Logo, se são históricos os fariseus, são-no também as páginas que lhes estampam a história. Mais. A festa da Dedicção que os Judeus faziam todos os anos, como consta em João (10, 22), será também inovação do romanismo?

P — Pois se está nos Evangelhos, como pode ser?

C — Pois bem. Esta festa teve origem de uma vitória dos irmãos Macabeus. É uma comemoração. Eis a ordem (I Mac 4, 59): «E estabeleceu Judas a seus irmãos que to-

do o povo de Israel comemorasse anualmente a dedicação do altar».

Em João (10, 22) vemos a confirmação desta festa.

P — E daí?

C — Daí se prova o valor histórico dos livros dos Macabeus, caso contrário não teria havido entre os Judeus do tempo de Cristo fariseus, nem tão pouco a celebração da festa da Dedicção.

P — E que seja. Para que tantas voltas?

C — Para que? Para provar que o livro dos Macabeus merece fé em tudo, ao menos como livro histórico.

P — E ele fala no Purgatório romanista?

C — Não traz o nome, traz o fato. E isto basta.

P — Quería saber como.

C — Depois de uma guerra, o general recolheu entre o povo a importância de doze mil dracmas para dar ao Sumo Sacerdote, a fim de que fizesse sacrifícios pelas vítimas. E acrescenta o livro sagrado ainda: «É um santo e saudável pensamento orar pelos mortos para serem livres dos seus pecados». Está aí. Se todos os mortos vão para o céu ou para o inferno, não teriam necessidade de orações. Logo, há um lugar onde possam ser purificados, purgados. O nome do lugar não importa. Chamou-se mais tarde Purgatório. Era, pois, costume entre os judeus orar-se pelos mortos como até hoje ainda o é. E Cristo nunca proscreveu tal costume. Logo, assentiu a ele, como o fizera toda a antiguidade...

P — Toda a antiguidade?

C — Sim, Sr. Daí se conclui que inovação é, não o acreditar-se no Purgatório, mas a negação dessa verdade.

P — Quería só ver essa crença na antiguidade.

C — Começaremos com a Didaché (I^o século). Diz ela no n^o 17: « Rogamos e por todos os **dormentes** dos quais fazemos memória ».

N. 18 (Depois de lida a lista dos mortos) « Santifica estas almas, tu que as conheces tôdas. Santifica tôdas as que dormiram no Senhor, e põe-nas no número das tuas **po-testades**, e dá-lhes lugar no teu reino. »

P — Que conclui daí?

C — Que a Didaché traz uma oração pelas almas dos justos para serem santificados e para serem recebidos no reino da glória. A Didaché não diria isso, se tivesse a crença protestante de um Céu e um Inferno unicamente. Morreu alguém? Acabou-se. Não precisa de orações, a fim de poder ser recebido no reino de Deus. Já está liquidado o assunto.

P — A razão é de peso. Mas haverá algum escritor que acompanhe a Didaché?

C — Há e muitos. Quer ouvir? Tertuliano (De anima, cap. 58). Quando (a alma) tiver passado por aquêlê cárcere... ninguém duvida que seja salva. (Só duvida um protestante do século 16!!!).

Sto. Ambrósio (in Ps. 118). « Quando Paulo diz (I Cor 3, 15) ... assim como pelo fogo » mostra que aquêlê homem será salvo futuramente, depois de passar pelo fogo, para que, sendo purificado pelo fogo, se salve e não pereça para sempre com os maus.

S. Gregório Magno (Dial. 4, cap. 39). « Para algumas leves culpas é de crença que haja um Purgatório antes do juízo. »

S. Gregório de Nissa: « Não pode (o que morreu) tomar parte da divindade (isso é, salvar-se) a não ser que tire a mancha de sua alma no fogo do Purgatório. »

S. Cirilo Jerosolimitano (Catch. myst. 5, n. 9).

P — E a Bíblia não contradiz?

C — Pelo contrário. Já viu o que se disse no livro dos Macabeus.

P — Mas é livro apócrifo e inscrito no Cânon só no Concílio de Trento.

C — Veremos oportunamente que não é verdade. Por enquanto deixemos de lado os livros dos Macabeus. Responder-me-á: O Evangelho de S. Mateus é apócrifo?

P — Absolutamente, não!

C — E a 1^a Epístola aos Coríntios?

P — Tão pouco.

C — Pois ambos êstes livros indicam o « Purgatório ».

P — Desejaria saber como.

C — E com todo o direito. Eis: Mateus, (12, 32): Diz Cristo neste texto: « Todo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoada. O que disser contra o Espírito Santo, não se lhe perdoará **nem neste mundo, nem no outro**. ».

Sto. Agostinho, comentando êste texto diz: « Nem se diria isso se não houvesse quem, não sendo perdoado neste século o será no futuro (na outra vida). O mesmo interpretam S. Gregório Magno, citado pelos protestantes contra o primado, e S. Bernardo, citado contra a Imaculada Conceição.

P — E em S. Paulo o que se diz?

C — Na 1ª Ep. aos Cor (3, 12-15) lê-se o seguinte:
12 «Se algum, porém, levanta sobre este fundamento edifício de ouro, de prata, de pedras preciosas, de madeira, de feno, de palha,

13 manifesta será a obra de cada um; porque o dia do Senhor a demonstrará porquanto em fogo será descoberta; e qual seja a obra de cada um, o fogo o provará.

14 Se permanecer a obra do que a sobreedificou, receberá prêmio.

15 Se a obra de algum se queimar, padecerá ele dano; mas o tal será salvo, se bem desta maneira como por intervenção do fogo».

Nesta passagem de S. Paulo aparece de um modo claro o Purgatório: «será salvo (esse tal), contudo, assim como pelo fogo» (como está na tradução literal). Que queremos mais?

Logo, a crença no Purgatório não é «inovação do romanismo», mas crença profundamente cristã.

P — Mas no fim do mundo, como está em Mateus 25, há só bons e maus. Não há lugar para o Purgatório.

C — Sim, purgatório, há só antes do fim do mundo.

P — E os que morrem no fim, estão dispensados?

C — Deus dará jeito nisso. Há antes, pois vimos a crença existente entre os judeus não condenada por Cristo... Não há no fim; o texto de S. Mateus é claro.

P — Pois então Deus seria injusto. A uns dá séculos de penas e a outros «dá jeito» e dispensa.

C — Dá um jeito, mas não dispensa.

P — Como?

C — Está limitado o poder de Deus?

P — De forma alguma.

C — Neste caso, pode por intensidade fazer sofrer alguém num segundo o que sofrem outros durante séculos. Não acha?

P — ? !

II. DÉCIMA PRIMEIRA «INOVAÇÃO»

INFALIBILIDADE IMPOSTA AO MUNDO EM 1870

C — V. S. subscreveria esse asserto?

P — Subscrevo e sustento.

C — Com palavras ôcas. Com provas, não.

P — Então me responda. Não foi declarado dogma a infalibilidade papal em 1870?

C — Foi declarado dogma. Disse bem: foi declarado, mas não impingido ou inventado.

P — Isso dá na mesma.

C — Para quem troca alhos por bugalhos, pode ser, mas para quem vê as coisas como são, não Sr.

P — Quer dizer, então, que também este dogma era universalmente crido antes de 1870?

C — Foi o que se deu. Nem mais nem menos.

P — Mas que absurdo! Todo homem é pecador. Somos pecadores, o Papa também o é.

C — Aqui não se trata de impecabilidade, mas de infalibilidade. Trata-se aqui de provar que antes de 1870 era crença geral o dogma da infalibilidade do Papa e não da sua impecabilidade, palavras essas de significados muito diferentes, e que os Srs. põem no mesmo plano.

P — Mas, afinal, dá na mesma. Quem diz infalibilidade, diz impecabilidade.

C — Isso é que não. Nunca defendemos a impecabilidade do Papa.

P — Mas uma coisa importa em outra.

C — Engano. S. Pedro não era infalível?

P — Era, como todos os Apóstolos.

C — E não pecou ele, negando particularmente a Cristo?

P — Não há negar. Pecou.

C — Pois se pecou S. Pedro, sendo infalível, o Papa pode ser infalível e pecador.

É pecador, agindo como particular.

É infalível, quando fala a todo o orbe sobre assuntos de fé e costumes.

P — E donde se pode deduzir a infalibilidade?

C — Escute. A Igreja é infalível ou não?

P — É. Muitos textos bíblicos assim a declaram.

C — Ora, a Igreja obedece cegamente ao Papa. Logo, para ela não errar, por força de sua infalibilidade, in-

falível deve ser o seu chefe, pelo qual ela pensa e se guia. E é infalível por si, mesmo antes do consenso da Igreja. Agora, agindo como particular, ou não representando a Igreja, ele é um mortal qualquer: pecador.

P — Sendo assim, a coisa não se pára tão impossível de se admitir. Parece que me tirou um pêso de sobre o peito.

C — Agora, voltemos à vaca fria.

Trata-se de provar que a crença da infalibilidade do Papa é anterior a 1870.

Assim temos os testemunhos de muitos Santos Padres que tiveram oportunidade de tratar expressamente sobre o assunto.

Sto. Irineu diz: « Com esta Igreja (a romana) devem convir tôdas as igrejas porque... nela se conserva intacta a Tradição apostólica » (Adv. Hereses, 3^o, 3, 2).

S. Cipriano: « ...o erro na fé não pode contaminar os romanos » (Ep. 69, 19).

S. Jerônimo: « Julguei meu dever consultar a cátedra de Pedro... Vós só conservais incorrupta a herança dos vossos antepassados » (Ep. 15 ad Damascenos).

Sto. Agostinho tem muitas passagens. Destaca-se a sua célebre frase: « Roma locuta, causa finita » — Roma falou, acabou-se a contenda. Logo, se reconhecia no Papa a última palavra em matéria de fé.

Ora, para isso se exige infalibilidade.

S. Leão Magno declarou (Ep. 93, 2): « ...não se trata de discutir, mas de crer; a minha epístola a Flaviano... já decidi clara e completamente tudo o que é de fé acôr-

ca do mistério da Encarnação.» Logo, decidia o que era de fé. Fazia terminar as dúvidas.

E ninguém se sujeitaria a isso, como todos se sujeitaram, a não ser reconhecendo em Leão a infalibilidade. Lida esta carta no Concílio de Calcedônia, os bispos presentes exclamaram:

« Assim cremos, os ortodoxos, assim cremos: anátema a quem não crê; Pedro falou pelos lábios de Leão, Pedro vive sempre na sua Sé » (Ano 454).

Ora, em Pedro todos reconhecem a infalibilidade, como em todos os Apóstolos. Logo, no Papa também... « Pedro vive em sua Sé ».

Hormisdas (514-523) propôs, depois do cisma de Acácio, uma fórmula a ser assinada por todos os que seguissem a verdade. Entre outros pontos católicos, se encontra a seguinte passagem:

« ...Na Sé Apostólica (representada por ele, Papa) sempre se conserva imaculada a fé católica », quem a segue em tudo, é ortodoxo, quem dela se aparta, é *ipso facto*, separado da comunhão da Igreja universal.

Depois de condenar hereges, dos quais alguns já condenados por outros concílios e pelo Papa Celestino (já usa o nome de Papa), depois de aprovar as cartas de S. Leão Papa, termina, propondo aos signatários o seguinte remate: « Subscrevi esta profissão (de fé) com minha mão e a enviei a ti, Hormisdas, santo e venerável Papa de Roma ».

P — E alguém assinou estas tolices?

C — Nada menos de 2.500 bispos, só do Oriente. E mais tarde, todos os padres latinos e gregos, reunidos no

oitavo Concílio ecumênico de Constantinopla (é o 4º dito), no ano 870.

P — Que conclui daí?

C — Que a antiguidade não protestante cria na infalibilidade do Papa, como consequência das promessas a Pedro; logo, como tendo origens divinas.

Logo, inovação é a negação da infalibilidade e calúnia é dizê-la instituída em 1870.

Estou vendo que todas as famosas inovações do romanismo, não passam de inovações do protestantismo.

P — E o caso de Strössmayer e Dupanloup, no Concílio Vaticano?

C — Uma ou duas andorinhas não fazem verão. E só antes da proclamação do dogma é que divergiram; proclamado este, logo o aceitaram e assinaram junto com os outros, reconhecendo seu erro.

12. DÉCIMA SEGUNDA « INOVAÇÃO »

O CELIBATO DOS PADRES

P — Os padres deveriam casar.

C — Isso lá é com eles. Dói-lhe isso? Ninguém é obrigado a tomar as dores alheias, ao menos neste caso.

P — Mas é uma judiaria impedir o casamento de tantos moços sadios que andam vendendo saúde.

C — O Sr. quer obrigar alguém a casar-se?

P — Absolutamente, não.

C — Pois os padres são solteiros por gosto. Assim quiseram.

P — Como?

C — A Igreja não obriga a ninguém a ser padre.

P — Mas impede os que querem sô-lo de se casarem.

C — Mas dá tempo suficiente para escolher, se podem ou não viver em castidade. Seja prova a lei que proíbe a ordenação antes dos vinte e quatro anos de idade, salvo em casos excepcionais e com dispensa da Santa Sé.

P — Mas os jovens são inexperientes do mundo e seus atrativos.

C — Acha que com 24 anos de idade um homem não seja responsável pelos seus atos? O soldado antes da batalha, ainda não experimentou as balas inimigas e nem por isso lhe é permitido desertar. É que o soldado é cômico dos seus atos; jurou defender a pátria com sacrifício da própria vida e por isso vai com toda a resolução.

P — Mas seria melhor que os padres casassem.

C — Isso o Sr. não sabe. Se a Igreja exige o celibato, certamente o faz conscientemente. O Papa Cirício falando sobre o celibato dos padres (9 de fevereiro de 385)...

P — Foi este Papa que estabeleceu o Celibato? Pelo menos uma inovação.

C — Engano. Ele supõe o celibato instituído. O celibato remonta aos tempos de Cristo e não há documento da sua introdução pela Igreja. S. Cirício, referindo-se a alguns padres que casaram, estribando-se no proceder do sacerdote judeu que casava, diz textualmente:

Diga-me agora, seja quem for, que siga a libertinagem... porque avisava (o Senhor) aos que entregou a arca da aliança, dizendo: «Sejais santos, porque eu, o vosso Senhor e Deus, sou santo». Por que queria vê-los afastados de suas casas no ano de seu turno de sacrifícios, senão para que não exercessem comércio carnal com suas mulheres?... nós somos obrigados à sobriedade e à castidade desde o dia da nossa ordenação, para sermos agradáveis a Deus nos sacrifícios quotidianos, como diz o vaso de eleição. «Os que estão em carne, não podem agradar a Deus» (Romanos, 8, 8).

Dêste preciso documento antigo se conclui o seguinte: assim como o sacerdote da lei antiga, no ano que lhe tocava fazer o sacrifício, devia viver afastado da mulher, assim também o levita do Novo Testamento, chamado **diariamente** para um sacrifício mais puro do que o da antiga lei deveria conservar-se puro durante toda a vida.

P — Mas é contra a natureza.

C — Contra a natureza é a sodomia ou outros pecados. Mas, não fazer uso da natureza, não é ir contra ela. Assim, se eu não faço uso da natureza, para ir de aeroplano ou passear de canoa, não ajo contra ela. É o mesmo.

P — Mas a natureza tem suas exigências, e estas precisam ser atendidas.

C — Neste caso, todos deveriam casar. Ora, é sabido que muitos, por motivos imperiosos que me dispensam de explicar, não o podem fazer. Se, pois muitos não casam por não poderem, outros não casam por não quererem... Demais a mais, o homem tem o uso da razão e deve contar sempre com o auxílio da graça divina. É com estes dois po-

derosos meios de defesa, que o moço antes do casamento, o viúvo e o sacerdote podem e devem refrear a natureza e guardar a continência.

P — Mas S. Paulo diz que os bispos e diáconos sejam maridos de uma mulher (I Tim 3, 2 e 12).

C — O que fôsse casado, não podia ter mais de uma, mas seria melhor que não tivesse nenhuma.

P — Isso são palavras suas.

C — Mas interpretando o pensamento de S. Paulo.

P — Mas éle fala claro na I Tim 3: o bispo seja marido de uma só mulher.

C — Abra I Cor 7, 1: «... digo que bom seria a um homem não tocar mulher alguma» — inclusive o bispo a que se refere.

P — Como combinar os dois textos?

C — Muito simples. A princípio precisava-se de homens instruídos para pregarem a verdade. Lançou-se mãos dos que havia. Eram casados? Toleravam-se, desde que não tivessem feito segundas núpcias (marido de uma só mulher). Digo: Toleravam-se, porque eram preferidos os solteiros. Morrendo os casados, foram-se substituindo por solteiros e foi o estado em que encontrou o clero S. Cirício. Havia alguns que abusavam, estribando-se nas práticas judaicas? (E notem bem, não se estribavam na prática da Igreja antes dêles, mas recorriam aos judeus).

Já S. Cirício os chamou a ordem.

P — Com que então o celibato não é «inovação do romanismo»?

C — É como as outras. O casamento do clero é que era tolerado, e o celibato era o estado comum exigido para ser padre. Logo, não é «inovação do romanismo», mas instituição cristã — apostólica. E diga-me lá: o celibato de Cristo é «inovação do romanismo?»

P — Está me injuriando ou cagoando?

C — E ensina-se também com o exemplo?

P — Mais do que com palavras. Verba movent et exempla trahunt — diria um latino.

C — E Cristo casou?

P — Não, Sr.

C — Logo, o celibato foi ensinado por Cristo, por que nos deu o exemplo. Então, é o celibato «uma inovação do romanismo?»

P — Mas Cristo era Deus.

C — Entretanto, também homem, como qualquer de nós.

P — Seria até injúria pensar em casamento de Cristo.

C — Logo, não queira levantar-se contra os que o querem imitar neste particular.

P — Mas êles são meros homens.

C — E Cristo não fez atos de mero homem? Não comia Ele, não bebia, não falava, não sentia dor, não foi tentado por satanás?

P — É que...

C — É que Cristo disse: «Não só de pão vive o homem...» Logo também não é só com mulher que vive o homem — mas de toda a palavra de Deus.

P — E a lei de Adão e Eva: « Crescei e multiplicai-vos »?

C — Refere-se a Adão e Eva. Os padres não são Adão e Eva.

P — E a passagem de Cristo, na qual diz que a árvore que não der frutos, será arrancada e lançada ao fogo?

C — Não se refere ao casamento, porque neste caso os impossibilitados de gerar filhos por doença atrofica, etc., etc., seriam irremediavelmente perdidos. A passagem se refere a frutos de vida eterna, frutos espirituais. É uma figura.

P — ?

C — Demais a mais, os que não casam, são os preferidos por Deus e no céu podem cantar cânticos só a eles reservados (Apc 14, 3). E acrescenta o livro santo: « Estes são aqueles que se não contaminaram com mulheres, porque são virgens. Estes seguem o Cordeiro para onde quer que Ele vá. Estes foram comprados dentre os homens para serem as primícias para Deus e para o Cordeiro » (v. 4). Entendeu?

P — !

13. DÉCIMA TERCEIRA « INOVAÇÃO »

O OFÍCIO DA MISSA FUNDADO NO ANO 600

P — A Missa é, em todo caso, « inovação do romanismo », pois seu ofício foi feito no ano 600.

C — A Missa não é outra coisa senão a pronúncia das palavras: « Isto é o meu corpo » por Cristo e das palavras correspondentes referentes ao cálice.

Será isso « inovação do romanismo »?

P — E as outras palavras da cerimônia?

C — São palavras que servem para solenizar mais este grande ato. Antes, há preparação para ele e depois, ação de graças.

P — E não se descobriu isso antes?

C — Como, não? Já a Didaché traz quase que o ofício da Missa todo, como o temos hoje. Também S. Justino e Sto. Irineu. Outros citam a parte principal da Missa que antigamente se chamava « epiclesis » e hoje « consagração ». Entre eles, há Tertuliano, Clemente Alexandrino (Ped. 2º 2), Firmiliano, Orígenes, Basílio (De Spiritu Sancto, 27) Atanásio, (Mai-Script-Vert. 9, 625) S. Gregório de Nissa, (Magna Catech, c. 37), João Crisóstomo, (De sac. 3º, 4 e outros lugares). Cirilo Jerosolimitano, (Cat. mist. 1, 7) Ambrósio (De lide 4º, 10, 124) Agostinho, (De trinitate 3º, 4, 10). Assim Jerônimo, Fulgêncio...

P — E daí?

C — Daí está provado que estavam descobertas as cerimônias da Missa antes do ano 600.

Temos acima de tudo os livros litúrgicos antigos...

P — E que fez então o Papa Gregório Magno em 600?

C — Nada de novo. Uniformizou o ritual da liturgia com o respectivo canto, que chamamos até hoje **canto gregoriano**.

P — Daí a pouco não há inovações do romanismo!

C — E não pode haver. Ao menos, essenciais. Os protestantes é que querem atirar pó nos olhos do povo, inventando um rol de inovações só existentes na própria maldade.

14. DÉCIMA QUARTA «INOVAÇÃO»

A MISSA EM LATIM

P — Mas ao menos, não negará que o latim da Missa foi ordenado em 666 pelo Papa Vitaliano.

C — Afirma isso sério ou por caçoada? Explique-se por favor.

P — Está nas «Inovações do Romanismo», pág. 244.

C — Na enumeração das «inovações»? A propósito dessas «inovações», é vergonhoso que uma seita religiosa use como cavalo de batalha um livro parcial, o qual às melhores ações que a Igreja exerça no limite de suas atribuições, chama desvergonhadamente de «inovações». Entre outras coisas, chama de «inovações» por exemplo, a in-

trodução de uma oração à Virgem, como a Salve Rainha, ao uso dos sinos, ao terem os cardiais chapéu e batina vermelhos, etc. Neste caso são inovações e com muito mais razão, os formulários de orações protestantes, o usarem eles calças e casaco, roupas de alguma cor qualquer, etc... Ver inovações odiosas e não ações dentro da legitimidade de suas atribuições na Igreja católica, é ter mau interior ou pouca dose de bom senso, ou ignorância, ou rematada loucura.

Então Cristo disse aos apóstolos: «como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós» — para eles nada fazerem? Ao Magistério compete o bom andamento da Igreja. Um Magistério inerte não seria Magistério.

P — Mas sempre ficou em pé que a Missa foi ordenada em latim pelo Papa Vitaliano, em 666.

C — Pois, meu caro, como pode ter sido a Missa ordenada em latim em 666, se já o ofício de Gregório Magno, em 600, está redigido em latim?

Se já a 753 anos antes de Cristo se falou em latim em Roma? Vitaliano não fez outra coisa, senão confirmar o uso.

P — Mas o latim não foi inventado para enganar o povo?

C — Como, se na época em que apareceu Cristo, até o tempo de Lutero, quase, os povos latinos entendiam o latim. E eram os únicos civilizados.

P — Então, agora que o povo não o entende mais, deveria mudar.

C — E se a Igreja não o faz, é porque tem as suas razões para isso.

P — É para enganar a humanidade!

C — E não acha outra interpretação para este proceder da Igreja? Já sei: é assim que os Srs. interpretam a Bíblia: entendem aquilo que não é. De duas possibilidades de diversos sentidos, os Srs. conservam para o seu gasto a pior. E a moral cristã manda que as ações e as palavras do nosso próximo se interpretem pelo melhor...

P — E por que seria que a Igreja guarda o latim, senão para enganar o povo?

C — Porque nas cerimônias se trata de coisas sagradas de mais para serem expostas ao ridículo.

P — Então as línguas vivas são ridículas?

C — Não digo isso. Entretanto, de um século para outro, ou até de um ano para outro, uma palavra grave em língua viva toma os sentidos mais ridículos ou até pejorativos.

P — Não acredito.

C — Não leu nos jornais « faleceu fulana tal... progenitora de Sicrano?... »

P — Li.

C — E não sabe o porque que a mãe é progenitora em vez de mãe?

P — Não, Sr.

C — Porque hoje, em certos círculos, a palavra mãe tem um sentido muito deprimente.

E se esta palavra tão sagrada de « mãe » não foi respeitada, muito menos as outras o serão.

P — Mas quando uma palavra se deteriora, muda-se por outra.

C — A Igreja não é protestante para mudar. Ela, protótipo da verdade, não muda. Usa a linguagem que se fala-

va no tempo em que apareceu o Divino Mestre. O povo perdeu a língua latina? Ela, firme, impávida, imutável, a conservou. É que não se curva aos caprichos dos homens. Daí a impossibilidade de se emiscuírem no massiço granítico de sua construção elementos nocivos, quais seriam as inovações, as quais, segundo o protestantismo, uma seria a abolição do latim, substituindo-se pelas línguas modernas... Essa sim seria inovação.

P — Mas diz S. Paulo: « que me vale falar a um povo que não me entende? »

C — S. Paulo se refere aí à pregação. E a pregação sim, essa é feita na língua do povo, até hoje.

P — E sendo a pregação nas línguas vivas, por que não rezar a Missa em uma língua que o povo entenda?

C — Porque a Missa não é rezada pelo povo, mas pelo padre, o qual sabe latim. O povo só assiste à Missa que o padre reza. Acompanha-o lendo algum livro em português, algum popular « livro de Missa »... Todo católico medianamente instruído sabe quais são as partes principais da Missa: Ofertório (oferecimento da matéria para o sacrifício). Consagração (o mesmo sacrifício) e a comunhão (distribuição da comunhão — consumação do sacrifício). Não sabendo ler, medita, ou reza o têrço ou canta, como lhe apraz. Outros lêem a Missa traduzida para o português, especialmente os da Ação Católica.

P — Quer dizer, o povo pode saber o que o sacerdote diz?

C — Pode só, não. Deve. É só dirigir-se aos beneditinos de São Paulo e se receberá um Missal completo com a tradução portuguesa ao lado.

15. PROVAS ESCRITURÍSTICAS E A TRADIÇÃO

P — Por que a Igreja não cita mais vezes a Bíblia?

C — Por não ser preciso.

P — E por que não é preciso se a Bíblia é a palavra de Deus?

C — Porque a Igreja já é a mesma Bíblia posta em prática.

Quando uma mãe distribui comida a seus filhos não vai dizer: olhem, meus filhos isso é feijão do Paraná, isso é arroz de tal máquina. Ministra o alimento que julga conveniente. Os filhos que comam sossegados. Vocês é que vêm com citações de fontes a torto e a direito, com razão e sem razão. Besteira. Desta maneira até vocês profanam a Bíblia. O ladrão distribui em larga escala os bens roubados porque pouco lhe custaram. Assim são vocês. A Bíblia é da Igreja Católica e ela só a cita quando tem certeza do cabimento de um texto. E quando é necessário.

P — Mas nós não admitimos a Tradição.

C — Não vamos falar nisso, porque a Tradição aqui é história. Não admite a história? Dizem que não admitem a Tradição, mas quando algum santo padre parece favorecer a algum postulado protestante como é citado com prazer! Vosso proceder é como a rapôsa em relação às uvas. Vocês não têm Bíblia e nem Tradição. São novos e em assuntos de religião cristã, não pode haver novidade. A verdade é sempre velha e sempre nova: não muda. Com citações de textos não se muda uma posição insustentável e não se muda a heresia em Igreja verdadeira.

PARTE TERCEIRA

MISCELÂNEA

I. — LIVROS APÓCRIFOS E DEUTEROCANÔNICOS

C — Ainda sustenta que sejam apócrifos os livros que os católicos denominam deuterocanônicos?

P — Sim, porque só depois do Concílio de Trento é que foram postos no Cânon dos livros sagrados...

C — Foram declarados novamente autênticos, de modo que ninguém pudesse duvidar deles, mas não foram ajuntados ao Cânon, no Concílio de Trento. Antes deste Concílio, eram reconhecidos universalmente como canônicos. Só não vinham no mesmo volume dos outros. O Concílio de Trento não fez senão unificar partes igualmente inspiradas da Bíblia, mas não fez um novo Cânon. Unificou o já existente.

P — E as provas?

C — São: os 70 os traduziram;

muito antes do Concílio de Trento se encontra o cânon Católico de 72 livros, e não o protestante de 65.

P — Mas já Atanásio no quarto século rejeitou os livros deuterocanônicos...

C — Ele é a voz que clama no deserto; é quase que único. Não é voz universal. Demais a mais, deuterocanônicos são também o Apocalipse, as epístolas dos Hebreus, a de S. Tiago, a 2 de S. Pedro e a 3 de S. João, e a de S. Judas.

Como é que os protestantes admitem uns e rejeitam outros? Ou todos os deuterocanônicos são apócrifos ou são autênticos, pois as probabilidades para todos são as mesmas. Ora, todos (dizem-no os protestantes) não o são. Logo, nenhum deles é.

P — Mas haverá recensões onde se encontrem todos os livros do Cânon católico, anteriores ao Concílio?

C — Até anteriores a Sto. Atanásio.

P — Será difícil de provar...

C — Pelo contrário. Abrindo a história, encontra-se que já no ano 382, o Sínodo Romano enumera os 72 livros do Cânon Católico de hoje (Vêde Denzinger, *Enchiridion Symbolorum*, nº 84, pág. 35-36).

No ano 397, o Concílio de Cartago (3º dito) traz o mesmíssimo Cânon (Item nº 92, pág. 42).

No ano 405, a 20 de fevereiro, Inocêncio I escrevia a Exupério uma carta, trazendo o mesmo Cânon e condenando os apócrifos (Item nº 97, pág. 44). Gelásio, em 495...

P — Pare! Isso é que eu queria. Inocêncio I condena os apócrifos. E isso muitos Santos Padres fazem.

C — Condenam os apócrifos, mas por apócrifos, não entendeu os que os protestantes aleivosamente querem entender.

Basta dizer que, à exceção de Sto. Atanásio, todos, inclusive Inocêncio I, trazem os 72 livros do Cânon católico hodierno.

P — E quais seriam então os apócrifos condenados?

C — Di-lo o mesmo Sto. Inocêncio (Ib.). São os Evangelhos de S. Matias, de Tiago Menor, de S. Pedro e João. E outros Padres enumeram outros muitos apócrifos em voga, de mistura com os livros santos. Enumeram por exemplo, o Terceiro livro de Esdras, o quarto livro de Esdras, o livro de Enoch, o livro dos Jubileus, o terceiro livro dos Macabeus, o Apocalipse de Abraão, o Testamento dos doze Patriarcas, a oração de Manassés, a Ascensão de Isaías — para falar só do Antigo Testamento (Vêde Rauschen *Manuale di Patrologia*, pág. 16-17).

No Novo Testamento encontramos (item e mais Cornely — Hagen: *Introductionis in 2 T. libros sacros Compendium*), os já enumerados por Sto. Inocêncio I e mais os seguintes: « Epístola de S. Abgar, Liturgias de S. Pedro, Tiago, Mateus e Marcos, Doutrina dos doze Apóstolos, o Juízo de Pedro, Constituições apostólicas, Evangelhos de Hebreus ou Nazarenos, Epístolas de S. Paulo aos Laodicenses, Terceira epístola de S. Paulo aos Coríntios, S. Paulo a Sêneca, Epístola de S. Barnabé, Epístola 1ª de Clemente aos Coríntios; o Pastor de Hermas. Há mais apócrifos entre os Atos dos diversos apóstolos: Atos de Pedro e Paulo, de Paulo e Tecla, de Barnabé, de Felipe, de André, e Matias, o martírio de Mateus, Atos de Pilatos, etc. »

Há uma epístola de S. João a um Hidrópico e outras de S. Pedro, S. Tiago e de S. Clemente.

Há um horror de evangelhos apócrifos. O mais importante é o Protoevangelho de São Tiago.

Há também o Evangelho da Infância de Nosso Senhor Jesus Cristo, o da Natividade de Maria Virgem, a História de José Carpinteiro, Evangelho de Nicodemos, etc.

Há muitos apocalipses: de Paulo, Pseudo de João, de Tomé, de Estêvão e Bartolomeu.

P — Que embrulhada dos diabos.

C — Pois esses são os apócrifos contra os quais se levantam os Padres Antigos... Mas os protestantes inventaram que deviam ser aqueles sete dos deuterocanônicos e pronto! São esses mesmos! Pouco importa citarem os escritores antigos como autênticos, o Cânon católico de hoje; pouco importa que nenhum santo Padre, embora no Cânon omita os sete deuterocanônicos contestados pelos protestantes, trate desses livros de apócrifos. A omissão de algum livro não é ainda exclusão dele da Bíblia. E os que o fizeram não tinham voz universal. Estes mesmos entendem por apócrifos outros livros e não os tidos como tais pelos protestantes. Entretanto, fogueira com eles! É que para estes são apócrifos os sete que caíram no desagrado dos protestantes! São porque devem sê-lo...

Têm as seitas orientais, como autênticas, os sete livros tidos como apócrifos pelos protestantes, embora se tenham separado da Igreja Romana nos primeiros séculos. Será que elas aceitariam um Cânon de livros sagrados propostos por sua adversária mais de mil anos depois?

Seria loucura admiti-lo.

Isso porém não traz dificuldade. Devem ser apócrifos e por isso devem ter sido postos no Cânon pelo Concílio de

Trento no ano 1546, em sua 4ª sessão, embora antes dessa sessão tenha havido nada menos de dez decisões oficiais, propondo o mesmo Cânon. (Vide Denzinger, números 32, 84, 92, 162, 166, 173, 245, 349, 706).

Para maior esclarecimento fazemos nossas as palavras abaixo de Dom Estêvão Bittencourt, O.S.B.

«A palavra «Cânon», que significa em grego «medida», «norma», e também «catálogo» foi assumida já pelos cristãos antigos para designar o catálogo dos livros inspirados ou dos livros da Sagrada Escritura, os quais são norma de fé e de costumes. Em linguagem bíblica, portanto, «canônico» é o livro que pertence ao Cânon ou catálogo da Sagrada Escritura, ou seja, o livro inspirado por Deus.

A distinção entre livros «protocanônicos» (primeiro-canônicos) e «deuterocanônicos» (segundo-canônicos) é assás recente; deve-se a Sixto de Sena (1520-1569), judeu que se fez batizar e se tornou franciscano; por ter abraçado opiniões heréticas, foi condenado à morte; a fim de escapar a esta, abjurou os seus erros, e, tendo sido agraciado, fez-se dominicano, este autor, na sua «Bibliotheca Sancta», volumosa obra introdutória na S. Escritura, usou pela primeira vez os termos «protocanônicos» e «deuterocanônicos». A distinção, como ela é reconhecida hoje pela Igreja, não se funda na própria índole inspirada dos livros canônicos (qualquer livro canônico, proto ou dêutero, é inspirado por Deus, é Palavra Divina); mas funda-se em algo de extrínseco, aos livros sagrados: indica que não todos os livros canônicos foram simultaneamente reconhecidos como tais pelos antigos cristãos, mas que só aos poucos na Igreja an-

tiga se foi manifestando a consciência de que alguns livros, sobre cuja inspiração havia dúvida, são realmente, canônicos; donde a denominação «deuterocanônicos» que hoje a estes se dá, desde a época de Sto. Agostinho († 430) estava praticamente fixado no Ocidente o Cânon da Sagrada Escritura como ele é hoje professado na Igreja Católica.

Os escritos deuterocanônicos são:

Do Antigo Testamento — Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, a Epístola de Jeremias, 1 e 2 dos Macabeus, Ester 10, 4 a 16, 24; Daniel 3, 24 a 90; 13 e 14.

Do Novo Testamento — A Epístola aos Hebreus, a de S. Tiago, a 2 de S. Pedro, a 2 e 3 de S. João, a de S. Judas Tadeu, o Apocalipse.

O Sagrado Concílio de Trento (1546) sancionou autoritativamente a doutrina vigente na Igreja desde o século quinto, definindo o Cânon da S. Escritura com todos os livros, proto e deuterocanônicos: «Se alguém não receber como sagrados e canônicos os Livros, inteiros com todas as suas partes, como a Igreja Católica os costuma ler e como estão na antiga Vulgata Latina... seja anátema». Este decreto foi renovado pelo Concílio do Vaticano, em 1870.

2. O SÁBADO E O DOMINGO

(Com um adventista do sétimo dia)

C — Às vezes os homens parecem acordar de madrugada, esquecer a realidade da vida e entrar em certo torpor, a sonharem quimeras. Parece-lhes que são super-homens, chamados para restabelecerem a paz e a ordem no mundo, eles, os únicos que sabem pensar... Pobres títeres!

Um desses sonhadores foi Guilherme Muller...

Adventista — O nosso fundador?

C — Em pessoa.

A — Então ele foi sonhador?

C — Nada mais. Daí para pior. Sonhador ou louco.

A — Mas isso é injúria!

C — Injúria não. Fato é que é.

O homem fala por seu proceder. Sonhador ou louco foi ele fundando a nova seita.

A — Prove!

C — Como achou ele no cristianismo a observância do sábado?

A — Está na Bíblia. Está na lei. E Cristo não veio destruir a lei, mas cumpri-la. Di-lo Ele.

C — Isso tudo já sabiam os homens antes de Guilherme Muller. Ele fez como quem quisesse descobrir a pólvora no século vinte. É ridículo! É grotesco!

A — E por que não observavam eles então o sábado?

C — Porque leram melhor a Bíblia, interpretando-a bem. As leis do Antigo Testamento só valeriam no Novo

Testamento, se fossem expressamente renovadas ou fossem leis naturais, isto é, escritas nos corações dos homens. As outras leis como a da circuncisão, dos comestíveis, da vida privada e pública, foram dadas para o povo hebraico e formaram o Antigo Testamento. Este durou até a vinda do Novo Testamento. E o sábado foi uma das leis silenciadas no Novo Testamento.

A — Mas o sábado não é lei natural?

C — Não, Sr. não é. É lei positiva que só valeria no Novo Testamento se fosse renovada.

A — Como prova que o sábado não é lei natural?

C — A lei natural é conhecida sempre e por si mesma. Assim, o homem sempre sabe que não deve roubar, que deve honrar seus pais, que não deve mentir, etc., etc. Se porém um homem perde os sentidos por alguns dias, ele, embora saiba bem que não deve mentir, nem roubar etc., não poderá por si mesmo saber qual é o dia do Sábado, sem que lhe digam. Se fosse lei escrita no coração do homem, isto é, lei natural, ele a saberia como sabe as outras.

A — Mas lei é lei.

C — Mas há lei e lei. Lei estritamente para o Antigo Testamento e lei para o Novo. Se todas as leis do Antigo Testamento valessem no Novo, para que se haveria mister de Novo Testamento?

A — Isso diz o Sr.

C — Perdão! Di-lo S. Paulo, Hebreus (8, 13).

A — Mas não consta pela Bíblia que se tenha abrogado o sábado.

C — Também não consta que fossem abrogadas as outras cerimônias e são repudiadas até pelos sabatistas do

hoje. Mas consta que na prática se observava o domingo e não o sábado.

A — Qual! Foi o imperador Constantino que estabeleceu a lei do domingo. A palavra domingo traz a idéia de dominar. Daí o domingo.

C — O «dies Dominica» que deu origem à nossa palavra domingo, significa «dia do Senhor». Logo, nada de dominar...

A — Mas foi com intuítos imperialistas que a Igreja estabeleceu o domingo de comum acordo com Constantino.

C — Deixe-se de asneiras. O domingo remonta às épocas apostólicas. Nos Atos, (20, 7) se acha o seguinte: «Ora, tendo-se, no primeiro dia da semana, reunido os discípulos a partir o pão etc...»

As reuniões para partir o pão eram a nossa Missa. E em que dia eram? No primeiro dia da semana. Logo, festejavam, não o sábado, mas o domingo: 1º dia da semana.

Na 1ª aos Coríntios (16, 2) se vê o seguinte: «Para o primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte alguma soma em sua casa, etc...»

Explicação: Hoje, durante a Missa, nos dias santos, fazem-se coletas. Naquele tempo também se fazia. E em que dia se faziam? No primeiro dia da semana, na reunião do povo.

Logo, celebrava-se o domingo, o 1º dia da semana. Mais. Em S. João (cap. 19, 31) se encontra o seguinte: «Os judeus (porque era a preparação) para que não ficassem na Cruz os corpos em dia de sábado (porque aquele dia

de sábado era grande), etc. Logo, era grande mas não o é mais. Deixou de ser tal. Passou para a história.

A — Ah! mas se refere só ao dia da Páscoa.

C — Pois tanto pior. Se já o sábado maior, o da Páscoa era relegado para as regiões históricas com aquela «era», muito mais os sábados simples e comuns. É lógico.

A — Mas Cristo disse que era «o Senhor do sábado».

C — Diga que era «Senhor» também do sábado, e não «o senhor» do sábado.

Em S. Marcos, (2, 23) lê-se: ... e num dia de sábado, começavam então os discípulos... a apanhar espigas (24). E os fariseus lhes diziam: «Olha como fazem no sábado o que não é lícito». E Cristo lhes retrucou: «que o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado» (28). Assim que o Filho do homem é «Senhor também do sábado». Logo, Senhor tem aqui sentido de dono, que pode dispor do sábado, que pode também supri-lo ou substituí-lo por outro dia, à vontade.

E que o sábado, como o Calendário judaico, baseado nas luas novas, foi suprido, prova-o a Epístola aos Colossenses: (2, 16). Portanto, ninguém vos julgue nem pelo comer, ou pelo beber (que não era ao modo judaico, como se vê em toda a epístola) ou pelos dias festivos pelas luas novas ou dos sábados, coisas que são a **sombra** das que hão de vir. Logo, o sábado é **sombra do domingo**, que é a realidade. E S. Paulo protesta contra os judaizantes que queriam teimar em fazer valer a lei antiga neste particular. Se a Igreja, veio observando o domingo, é porque este foi o dia estabelecido para ser santificado no Novo Testamen-

to. Para a Igreja era indiferente a santificação de um ou de outro dia.

A — Se houver documentos anteriores a Constantino sobre isso me curvarei ante a verdade católica.

C — Temos a Didaché, do 1º século, que no (cap. 14, v. 1), diz que os cristãos ao invés dos judeus que se reuniam nas sinagogas aos sábados, se reuniam no primeiro dia da semana.

S. Justino (165) «No dia chamado domingo há uma reunião no mesmo, quer dos que moram na cidade, quer dos que vivem nas aldeias, etc.». (Apol. 2ª Ad Senatam).

Logo, se fôsse Constantino o autor do domingo, como falariam nêle as Escrituras, a Didaché, no 1º século e Justino um século e meio antes dêle? Já antes S. Inácio de Antioquia (107) escrevia aos habitantes de Magnésia que não deviam fazer sábado, mas viver segundo o **domingo**».

O próprio Apocalipse já fala em «**dies dominica**» — ou domingo — dia do Senhor (cap. 1, 10).

Logo, verificou-se a profecia feita por Deus ao povo judaico, dizendo-lhe que repudiando-o, havia de tirar-lhe o sábado: (Os 2, 11).

«E farei cessar todos os seus cânticos de alegria, os seus dias solenes, as suas luas novas (pelas quais mediam o tempo), o seu sábado e todas as festas do ano.»

Logo, praticar hoje o sábado é querer tolher a vontade a um Deus onipotente. S. Paulo diz (Gal 5): «quem quer a circuncisão não quer Cristo». O mesmo se deve dizer do sábado. Logo, o Adventismo nasceu morto, não tem razão de ser, e quem quer impingir-lo ao Novo Testamen-

to, só pode ser sonhador ou louco, com perdão da expressão...

A — Embora. Isso ainda não explica a sua injúria contra o nosso patriarca.

C — Se alguém diz «eureka» pensando ter descoberto a pólvora agora, não seria idiota?

A — Sem dúvida.

C — Pois é o mesmo caso. A verdade não esperou até 1844 para aparecer. E se já apareceu antes, contra a verdade não pode haver verdade... O eureka veio mal, em má hora, veio tarde...

A — Mas o caso é diferente.

C — É o mesmo. Mas se não bastasse isso, para realçar a triste posição de Guilherme Muller, bastaria a sua famosa predição do fim do mundo entre 21 de março de 1843 a 21 de março de 1844, a qual deu em fiasco.

A — Se fôsse assim, ele seria falso profeta.

C — Nem mais nem menos. E digo mais. Como não visse o fim do mundo a 21 de março de 1844, transferiu a profecia para 23 de outubro de 1844, tendo resultado novo e mais formidável fracasso...

Não obstante, parece mentira, ainda há quem siga o falso profeta...

A — Mas, o Senhor mandou guardar o sábado. Vós, os católicos estais condenados por isso.

C — Os fariseus também disseram o mesmo de Jesus: «Este homem não é Deus, pois não guarda o sábado». Estamos com Jesus. S. Paulo manda que não nos assuste-

mos, quando nos condenam por causa do sábado (Col 2, 16). E depois, afinal, que significa sábado?

A — Descanso.

C — E não fazemos descanso aos domingos? Esse é o nosso sábado.

A — Mas sábado não é domingo.

C — Sábado não é descanso? então, qualquer dia pode ser sábado.

A — Mas Deus mandou o sábado mesmo para descansar.

C — Quem lhe disse isso?

A — Seis dias trabalhou Deus, e no sétimo descansou.

C — E quem lhe disse que os seis dias de trabalho de Deus correspondem aos seis dias de trabalho de nosso tempo?

A — Deus mesmo.

C — Onde? Em parte nenhuma está escrito que o primeiro dia de trabalho de Deus corresponde ao domingo e o último (o 6º) à sexta-feira, nem que o sétimo se quadra com o nosso sábado ou, aliás com o nosso domingo. Isso é indiferente. Deus, após seis dias de serviço, quer o «seu descanso» que é o «seu sábado». Ao pé da letra.

A — Mas como?

C — Sim. Os seis dias de Moisés são seis épocas que incluem camadas geológicas de milhares e milhões de anos. Se tivesse estudado, conheceria as teorias cósmicas de Kant e Laplace, conheceria que a condensação dos vapores siderais e a formação das camadas geológicas do carvão de pedra, levam muitos anos... milhões...

A — E como é que o sábado veio em determinado dia?

C — Isso foi o governo judeu que determinou. E como os cristãos, não quiseram ser judeus...

A — Quem foi o chefe dêles?

C — Pedro.

A — Que crime!

C — Absolutamente. Ele estava autorizado para legislar sobre tudo isso, como qualquer chefe de sociedade! Dissera-lhe Cristo: «Tudo o que tu ligares na terra, será ligado no céu». Que quer mais?

A — E as provas de que o fez?

C — A melhor é que veio o cristianismo desde os apóstolos praticando o descanso mandado por Deus, não no dia em que os judeus o praticavam, mas no seguinte. E ninguém achou mal feita a troca.

A — E a religião do sábado?

C — Ficou sendo a dos judeus, como até hoje.

A — E a nossa?

C — Não havia, não existia. Apareceu em 1844.

A — Havia, sim, mas só não podia aparecer porque Roma a teria perseguido.

C — Não diga tolices. Em nenhum povo, em nenhuma época se descobriu algum adventista do sétimo dia judeu que se dissesse cristão. Havia o judeu mesmo. É só...

A — Mas o pastor disse que era porque foi vencido pelo Romanismo.

C — Se se deixou vencer (suponhamos que tivesse existido), se se deixou vencer, é porque não era de Deus.

A — Como assim?

C — Está escrito que a «obra de Deus vence o mundo».

A Igreja Católica fundada por Cristo, após trezentos anos de perseguições, tinha tomado conta do mundo.

A — Mas depois que temos liberdade, vamos progredindo.

C — Faça o favor de acabar com esta mania. Quem foi que perseguiu o adventismo, em que ano, em que terra?

A — Isso sim, não sei.

C — Eu também não sei. Ninguém o sabe. Não houve tal coisa. Não houve nem o adventismo, quanto menos perseguições contra ele.

A — Mas agora estamos progredindo.

C — Tão pouco progrediram, que após cem anos de propaganda, empregando 42.000 contos por ano e 18.000 pregadores, não possuem mais de 300.000 adeptos. (Vêde o Informe anual adventista de 1929).

A — E daí?

C — Daí se prova que o adventismo é uma árvore estéril. E Cristo disse que «a árvore que não dá frutos, deve ser arrancada e atirada ao fogo».

A — E o catolicismo?

C — Esse progride assombrosamente. Em Norte América, por exemplo, em 1929, num só ano, portanto, e num só país, sem a propaganda do adventismo, ele adquiriu nada menos de 366.000 adeptos novos. Mais do que o adventismo em cem anos... E com menos pregadores e menos gastos.

A — Mas disse Cristo que o número dos escolhidos há de ser pequeno. Somos nós os felizardos do «pequeno rebanho».

C — Meus parabens se fôsse verdade. Mas está enganado. Disse Cristo que muitos serão os chamados e destes muitos, poucos serão os escolhidos. Ora, o adventismo já está fora disto. Se o chamamento fôsse para ele, visto serem poucos, não podem ser muitos os chamados... Poucos serão os escolhidos, mas de dentro da Igreja, dos muitos chamados...

E depois não são tão poucos os escolhidos...

A — Quer desmentir a Deus?

C — Eu? Deus me livre! Se digo, é porque sei o que estou dizendo. Diz Deus por S. João que, além dos 144.000 judeus (os únicos sabatistas salvos, talvez) havia no céu uma multidão tão grande, que ninguém poderia contar» (Apc 7, 9). Logo, os felizardos não podem ser os adventistas porque estes se podem contar: São 300.000...

A — E o sábado?

C — O descanso? Para os cristãos é o domingo. Não somos judeus. E mesmo há uma dificuldade. Se quero ser sabatista-cristão, não saberia qual das seitas havia de escolher.

A — Venha para a adventista do sétimo dia.

C — Somos os Católicos, adventistas do sétimo dia. Esperamos a vinda de Cristo no fim do mundo e depois de seis dias, festejamos o sétimo, mas o sétimo cristão. Somos adventistas do sétimo dia.

A — Mas entre no nosso rebanho. É o verdadeiro sabatista.

C — Então é judeu. E depois, sabatistas judeus há de umas quantas denominações.

A — Eu pertença ao adventismo do sétimo dia, não judeu, mas cristão.

C — Esta é uma seita que festeja o sábado, mas há umas quantas semelhantes.

A — ?

C — Além da sua, há mais estas:

- 1) Advt. Christians,
- 2) The Churc of God,
- 3) Life and Advent Union, e
- 4) Reformist.

A — Isso são seitas americanas.

C — Por sinal que a sua também é. O nome dela é: Saventh Day Adventist.

A — Só quero ser sabatista, tal qual a seita verdadeira.

Que devo fazer para saber qual é ela?

C — Não o sabe, nem o saberá. Nenhuma é verdadeira: não havendo, não se achará.

3. IMORTALIDADE DA ALMA

A — Estou cômico da verdade... A nossa religião ensina que a alma dorme com o corpo. E no fim do mundo Deus ressuscita os dois juntos.

C — Poderia trazer argumentos filosóficos provando a simplicidade da alma, proveniente de sua espiritualidade sendo, por isso imortal. Sem, porém, falar dessas coisas incompreensíveis para muitos, especialmente dos senhores, só citarei a Bíblia...

A — Trazendo Bíblia, já se alegra o meu coração.

C — Mas olhe que dará cheque-mate na teoria adventista da mortalidade da alma.

A — (perturbado). Desejava saber.

C — Que disse Cristo ao bom ladrão? «Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23, 43).

A — Mas, Cristo só subiu ao céu alguns dias depois...

C — Mas, meu caro, o céu só Deus o pode prometer. E como Deus, já estava no céu e em toda a parte. Note bem que as palavras de Cristo não rezam: «Hoje irás comigo ao paraíso», mas hoje estarás comigo no paraíso, logo fica em pé que as almas não morrem, mas vão ao destino que merecem, sem nunca mais «dormir»...

O mesmo se deduz mais claramente ainda do exemplo do rico avaro e do pobre Lázaro (Lc 16, 19-31).

A — Esse exemplo é uma parábola e se refere aos tempos do fim do mundo.

C — É uma parábola, concedo, mas que se refira ao fim do mundo, nego. É o estado atual das coisas. Do pro-

fundo dos abismos, gritava o rico a Abraão que, se não pudesse Lázaro aliviar a ele, perdido para sempre, que ao menos fôsse à terra avisar aos seus cinco irmãos, ainda em vida, para mudarem de proceder, a fim de evitarem a desgraça que o oprimia (vrs. 28).

Logo não se trata do fim do mundo, porque lá não se pode mais levar vida regalada como os irmãos do rico avaro levavam. Logo, trata-se desta vida presente, na qual devemos viver conforme as leis de Deus, aliás iremos, logo depois da morte, para o lugar de suplício, ou melhor, de «fogo eterno, preparado para Satanás e seus sequazes», na linguagem de Cristo.

A — Mas alma significa «sopro de vida». Exemplo: Exalou a alma. Esta cidade conta tantas almas.

C — As vezes significa isso, mas outras vezes, e quase sempre, significa espírito. Por exemplo, dizia Cristo: «minha alma está triste até a morte». S. Tiago fala que a «fé sem obras é como um corpo sem alma, isto é, morta» (Tg 2, 26).

Todos os intérpretes da Bíblia assim a interpretaram. E apareceu, à última hora, um homem bisonho, sem inteligência extraordinária e sem o conhecimento dos outros intérpretes, a impingir à humanidade, que na Bíblia não se encontram nem sequer vestígio da alma-espírito!

Não há dúvida: descobriu a pólvora no século XXI!

4. BATISMO DOS ADULTOS

A — Mas ao menos não é lícito batizar crianças.

C — Será outro « eureka »?

A — Cristo disse: « Quem não crer será condenado ».

E a criança não pode crer...

C — Escuta, nasce-se grande ou pequeno?

A — Pequeno.

C — Pois Cristo disse também: João, (3, 5): « Quem não renascer pela água e pelo Espírito Santo, não pode entrar no reino dos céus ». Ora, se se nasce pequeno, pode-se também, com vênha do Sr. Muller, renascer do mesmo modo: pequeno.

A — Como conciliar os dois textos, então?

C — É que no seu texto (Mc 16, 15), Cristo não se refere às crianças, pois, logo antes, diz: « ide e pregai o Evangelho à toda a criatura. O que crer, etc. será salvo ». É evidente que aqui se trata de adultos, pois refere-se aos que ouviram a pregação. Quanto às crianças, fala em outro lugar (Jo 3, 5).

A — Mas os apóstolos só batizavam adultos.

C — Engano. Em diversos lugares da Bíblia se encontra que foi batizado o chefe da casa com toda a sua família. (At 18, 8; 16, 15; 1 Cor, 16).

A — Mas podiam ter sido todos adultos.

C — Neste caso, algum dos adultos podia estar casado e ter criança. Logo...

A — Mas sempre resta dúvida.

C — Que ficou destruída pela interpretação dos padres apostólicos, como Irineu, Tertuliano, Orígenes, Cipriano, Agostinho. De qualquer modo, Muller veio tarde demais.

E foi a prática universalmente aceita até pelos protestantes que seguem só a Bíblia, como única regra de fé.

A — ?

5.666 — A BÊSTA DO APOCALIPSE

A — O Papa é a bête do Apocalipse, é o Anticristo.

C — Obrigado pelo desaforo. E qual é dos 260 papas?

A — O papado em geral.

C — Antes era o Papa. Mas, sendo-lhe impossível determinar qual deles o seria, atira a pecha ao papado. Mas não sabe, então, que o Anticristo é pessoa física? É de um só homem que se trata.

A — Mas o caso é que o número do « Vicarius Filii Dei », dá exatamente 666, que é o número da bête, conforme o Apocalipse (13, 18).

C — Quanto não terão matutado os adventistas para impingirem ao Papa um título que nunca usou, mas que dê 666! Mas estão enganados.

A — Como?

C — Esse não é título que o Papa usa. E depois, o número 666 deve-se computar em letras gregas, pois o Apocalipse foi escrito em grego. E o número grego é diferente do romano. Mas, como não sabem o grego, forjaram o n.

666 em latim. Neste caso, eu posso forjar em português a frase: «adventistas visionários bíblicos» e dará também 666. Logo, retorcendo, o argumento com a mesma autoridade com a qual os Srs. impingem ao papado o n. 666, eu o lanço em rosto aos adventistas. Eles é que são a bêsta do Apocalipse.

A — Injúria!

C — Quem tem telhado de vidro, não atire pedra no do vizinho. Estude grego e depois que achar nessa língua o número 666 aplicável ao Papa (é um absurdo), então venha discutir. Mas aplicável com um dos títulos que êle use em grego.

6. A GRANDE BABILÔNIA

A — Mas não pode negar que a Igreja é a grande Babilônia.

C — Isso diz o Sr. Poderia reforçar o argumento contra o adventismo ou outra seita protestante, porque em baixo não se acha escrito a quem toca a carapuça.

A Babilônia podia ser a Roma pagã antiga, ou a nossa Nova York moderna, ou Londres. Em todo caso, refere-se a uma cidade **material** e de muito comércio. Será a cidade mais comercial do mundo como se vê da linguagem dos mercadores, no (Apc 18, 15 a 18).

Que foi cidade material e comercial, diz-se nos versos (12 e 13 do cap. 18) do Apocalipse, pois fala em «mer-

cadorias», e «ouro, prata, vinho, azeite, bêsta de carga, cavalos, ovelhas, carroças e escravos».

A — E que diz da grande prostituta?

C — Era, provavelmente o império romano, pois a Igreja Católica sempre foi inimiga das orgias praticadas por aquêlê personagem. Logo, poderá ser outra seita religiosa, algum império, o romano por exemplo, mas não a Igreja Católica, inimiga radical do procedimento dessa figura. De mais a mais, ela é a espôsa de Jesus Cristo, santa e imaculada (São Paulo, Efésios 5, 27).

A — Mas muitos papas foram maus.

C — Muitos não. Alguns foram pouco recomendáveis em seus costumes **particulares**. Mas a Igreja não deve ser julgada pelo procedimento de quem a desobedece. Ela tem a sua doutrina e por esta é que deve ser julgada. E a doutrina da Igreja é a de Cristo: «Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós» (Jo 20, 21).

7. O PAPA E CRISTO

C — Ninguém pode duvidar que Cristo deixou a S. Pedro por substituto. E S. Pedro teve também os seus nas pessoas dos Papas.

P — Mas Cristo andava descalço e o Papa anda calçado.

C — E daí a Igreja não presta? Que tem que ver a verdade divinal ou a moral com o calçado? Cristo não usa-

va calçado, porque naquele tempo não se conhecia. Os imperadores, tão amantes do luxo, não tinham calçado.

O mesmo se diga das vestes. Eram diferentes das atuais.

P — Mas Cristo não tinha coroa, senão de espinhos e o Papa tem coroa de ouro.

C — A verdade não depende da matéria. Pode-se pôr um turbante como Lutero ou um chapéu a Tom-Mix, a verdade nada tem que ver com isso.

Cristo usou a coroa de espinhos, mas não foi toda a vida. Foi só no ato de consumir a Redenção da humanidade. E nunca se fez lei para que os seguidores, usassem coroas de espinhos. Ou senão, donde está a sua?

P — Mas Cristo nunca se fez carregar, e o Papa, por sua soberba, se faz carregar em ombros de homens.

C — E em Roma, antigamente, a cadeirinha era a condução usual; como ainda hoje, em muitos lugares da China e do Japão. Não é sinal de soberba. Só se conservou um costume antigo, muito natural.

P — Mas ele agora não usa mais cadeirinha. Passa ao descoberto, num trono.

C — Isso, por um motivo muito plausível.

Quando atravessa as multidões, todos querem vê-lo, e ele, por sua vez, quer abençoar a todos. Não é outro o proceder do pai para com os filhos e vice-versa.

P — Mas o Papa mora em palácios suntuosos.

C — Que, entretanto, não são deles. São da Igreja universal, do povo, nossos.

P — Mas para que tão grandes e tão luxuosos?

C — O Papa tem uma correspondência enorme.

Recebe mais de 20.000 cartas por dia. Para estar a par de todas e responder às mais importantes, deve ter boas dezenas de secretários. Acrescentem-se ainda a isso as visitas de todo o mundo, a convocação dos bispos, como no Concílio Vaticano, e teremos provada a necessidade de uma casa muito grande.

P — Mas ao menos não tivesse tanto luxo.

C — Isso é o resultado da proteção dada pela Igreja às artes. Tivesse a Igreja desprezo pelas artes — e ela seria inimiga do progresso. Protegê-las é ser amante do luxo? Quem poderá satisfazer aos protestantes? Condenam-nos por termos cão e por não termos.

P — Mas se ela quisesse proteger as artes, que enviasse esmolas aos artistas.

C — Mas não sabe que há pobres envergonhados, que nunca aceitariam abertamente uma esmola? A arte que se vê no Vaticano, não passa de um resultado da caridade disfarçada, a exigida por Cristo na nova lei. Rafael e Miguel Ângelo eram sustentados pelo Papa, a troco de serviço. Eis tudo.

8. MAÇON — CATÓLICO

M — Tenho a honra de me apresentar como bom maçom e bom católico.

C — Isso é que não pode ser.

M — E como é que eu sou?

C — Porque não leu o órgão oficial da Maçonaria Brasileira.

M — Pois se eu assino o Boletim do Grande Oriente do Lavradio... Custa Cr.\$ 10,00 por ano.

C — Então não leu o que esse órgão dizia em 1915, (ano 40, 3, páginas 172 e seguintes?):

O maçon pode ser católico romano?

O católico romano pode ser maçon?

Não pode, a incompatibilidade é radical.

Não: o maçon não pode ser católico nem o católico pode ser maçon. Este tem a imperiosa necessidade de combater a Igreja Católica, o maior óbice aos fins da Maçonaria.

M — Mas eu não vejo essa incompatibilidade.

C — É que não sabe os segredos da Maçonaria. O Sr. não é maçon, senão para constar e contribuir. Dos 8.500.000 maçons que há no mundo só 500.000 sabem dos segredos da Maçonaria. Os outros vão na onda, sem saber o que seja Maçonaria. Pobres títeres!

M — Mas eu vejo tanta amizade entre os maçons e o clero...

C — Entretanto, ficam em pé as palavras do Irmão Cocq G.: M. da Maç. Belga (Bulletin des travaux du Supreme Conseil Belgique, 1909, n. 51, pág. 59). «A guerra entre a Igreja e a Maçonaria é de vida e morte, guerra sem tréguas, sem perdão».

A revista maçônica Acácia (1908 n. 62, pág. 81-89), depois de um artigo violento diz: «Acha-se ela (a Maçonaria) empenhada em uma luta aberta contra a Igreja Católica».

Poderia citar ainda neste sentido outros testemunhos

insuspeitos, como «O Harold», «Le Français» e outros órgãos maçônicos.

M — Mas isso será com a Maçonaria Européia.

C — Entretanto, o Congresso Maç. do Gr. Or. do Lavradio, levado a efeito em 1909, tinha entre outras teses as seguintes:

3ª) A Maçonaria se esforçará porque seja suprimida a legação brasileira junto à Santa Sé.

4ª) A Maçonaria aspirará à proibição da equiparação dos colégios mantidos por Congregações Religiosas.

M — Mas ao menos a rio-grandense será diferente.

C — Engano. Num Congresso realizado por ela em Porto Alegre, de 22 a 26 de junho de 1902, foram aprovadas teses como esta: «A Maçonaria tratará de combater o clericalismo no Estado, negando aos padres os recursos de qualquer natureza».

M — Então que fazer?

C — Quem não quer ser lobo, não lhe vista a pele. Se quer salvar-se, deve sair da Maçonaria.

M — Mas posso salvar-me também desistindo do catolicismo e abraçando a Maçonaria. São tantas as vantagens que oferece aos sócios...

C — Materials, pode ser, mas termina com um grande prejuízo: a perdição da alma, um prejuízo eterno.

M — Mas por que?

C — Por que Cristo disse: «Quem não está comigo, está contra mim».

A Maçonaria foi condenada muitas vezes pela Igreja.

E, por sua vez, a Maçonaria se desmascarou na Itália, cantando em Roma e em Gênova, por diversas vezes, o hino de Satanás do Ir.: Josué Carducci, que começa:

« Salute, o Satana,
O Ribellione,
O forza vindice
Della ragione ».

E depois a maçonaria menoscaba a dignidade humana.

M — Como?

C — A dignidade humana exige que alguém saiba o que vai fazer. E a maçonaria exige a quem vai entrar nela, sob juramentos espantosos, o cumprimento de obrigações que NÃO SABE QUAIS VÃO SER. O juramento tem passagens como esta: « Se eu faltar ao meu juramento, seja-me arrancada a língua, cortado o pescoço e meu corpo atirado ao Oceano onde o fluxo e o refluxo das ondas me atirem em eterno esquecimento ». Em outro, diz que seu corpo sirva de alimento aos abutres.

É um mentecapto sem dignidade o que JURA CUMPRIR uma coisa que não sabe qual é.

M — A Maçonaria é boa mãe e não nos forçaria a um juramento tão feroz senão para uma causa santa e boa...

C — De duas uma: ou a maçonaria é boa ou não é. Se ela é boa, para que segredos? Devem-se proclamar aos quatro ventos. E se é má, não se deve entrar nela. Não há como ver tudo em pratos limpos, ANTES DE JURAR.

M — Mas até agora não achei nada na Maçonaria que me fizesse corar. Cuida-se da caridade e nos protegemos uns aos outros, etc.

C — Isso tudo é para USO EXTERNO. O querido amigo não deve ter chegado mais que até o grau 18.

M — Justamente, estou no grau 18.

C — Até lá tudo é nuvem branca. Até lá o Grande Arquiteto do Universo AINDA é Deus.

M — E DEPOIS não será mais?

C — Segundo um maçom que passara além do grau 30, não. Do grau 18 a 30 êsse tal Grande Arquiteto do Universo SÃO AS FORÇAS DA NATUREZA.

M — E depois que será?

C — O tal maçom em questão diz que « DEPOIS DO GRAU 30 EIS QUE ME VI ADORADOR DE SATANÁS ».

Êsse é o GRANDE segrêdo da Maçonaria, que se vislumbra no hino do Irmão Carducci, « Salve Satanás! »...

M — Que devo, pois fazer?

C — Dar o fora, quanto antes, na Maçonaria.

M — E as ameaças da água tofana, etc.?

C — Isso deixe por conta da polícia. Já se passou o tempo das matanças pela maçonaria, assim como passou o tempo dos escravos. Filho pródigo, volta à casa paterna. É o desejo de todos os bons.

M — E sobre a origem da maçonaria que diz?

C — Que é uma seita judaica anticristã.

Se havemos de seguir a um judeu seja, então Jesus, o Filho de Deus, e não os judeus que mataram a Cristo, os quais com a Maçonaria, filial da Kábala e do Kaale, querem dominar os cristãos menos avisados, fazendo-os praticar um papel miserável: de serem cristãos e agirem contra Cristo. É o cúmulo.

9. NOITE DE SÃO BARTOLOMEU

Protestante — Mas a Igreja é má. Prova-o a noite de S. Bartolomeu.

C — Que é que tem a Igreja com a noite de S. Bartolomeu?

P — Se o Papa mandou cunhar uma medalha comemorativa pelo banditismo...

C — Mas enganado. Os emissários da França avisaram-lhe que o rei escapara de um atentado. Daí o regosijo do Papa. Depois, sabendo dos pormenores, verberou a crueldade do rei.

Mas, dizer que a Igreja é culpada, isso é calúnia.

P — Como? Não é culpada a Igreja?

C — Ouça Cantu: Coligny tinha um poder igual ao do rei: Tinha uma grande agremiação protestante que obedecia às suas ordens. Tinha governadores próprios nas províncias, recebedores de impostos, lugar-tenentes, sublugartenentes e conselheiros.

E será lícito a um súdito arvorar-se em soberano? Pois foi o que ele fez.

Carlos XII escrevia ao Senhor de Schönberg, depois do atentado: «O almirante era mais poderoso e obedecido do que eu, e podia, por causa da grande autoridade que tinha **usurpado**, sublevar os meus súditos contra mim, quando lhe conviesse, como me mostrou diversas vezes... Depois... eu já não me podia chamar rei absoluto, mas somente de uma parte dos meus estados». Dissera, certa oca-

sião, Coligny, ao rei: «Senhor, fazei guerra aos espanhóis, quando não, seremos forçados a fazer-vos guerra».

Já se vê, que se crime houve, não passa de crime político, ao qual, aliás o chefe dos huguenotes forneceu razões de sobra. Sua alma, sua palma. A Igreja é que não entra nisso...

P — Sendo assim...

10. A INQUISIÇÃO ESPANHOLA

P — Em todo caso, na Inquisição espanhola a Igreja está comprometida.

C — Engano. A Inquisição foi fundada por Fernando IV, contra os mouros.

P — Mas eram padres os juizes.

C — Que, entretanto, não passavam de empregados do govêrno, nomeados e pagos por ele.

P — Mas cometiam demasiadas crueldades.

C — E nem por isso a Igreja se torna mais culpada. Digo mais. O Papa foi o primeiro que protestou contra ela, em carta a Torquemada, Inquisitor geral, em 1473, pedindo-lhe benignidade sob a ameaça de excomunhão.

P — Que, entretanto, nunca fulminou.

C — Como não? Já no ano seguinte, em 1474. E Torquemada, embora **excomungado**, ficou ainda à testa da Inquisição. Se o Papa fôsse responsável e tivesse tido voz ativa, não teria permitido que um excomungado continuasse ocupando um cargo de tamanha responsabilidade.

Mais. Durante o Concílio de Trento, prendeu a Inquisição a um arcebispo. Protestaram contra isso o Papa e 200 bispos. Entretanto, o arcebispo foi julgado e condenado a oito anos de trabalhos forçados. Era o Arcebispo de Toledo. Logo, a Igreja entra na Inquisição Espanhola como Pilatos no Creio em Deus Pai...

P — Mas como se explica o furor dos reis espanhóis contra os mouros e judeus?

C — Porque a custo conseguiram subjugar-los. Temiam um levante contra os poderes recém-estabelecidos. Sentiam-se fracos. Só tinham como Fiel à Pátria Nova quem fôsse católico; o que não o fôsse, era suspeito como inimigo da pátria.

Daí os ódios e a Inquisição.

11. A PAPISA JOANA

P — Não será verdade que dentre os Papas houve uma papisa que deu à luz numa procissão?

C — A cabeça de certo protestante é que dá à luz à fantasias absurdas. A papisa Joana é uma lenda.

P — Diz o sr.

C — Di-lo o protestante Schaff e mais Galante, Cantu e outros. E é. Ou senão, em que ano teria ela aparecido?

P — Em 855.

C — Quantos anos reinou?

P — Mais ou menos dois anos.

C — Pois naquele ano, a 17 de julho morria o Papa

Leão IV e antes do fim do mês e ano, o seu substituto, Bento III estava eleito. Onde se acham os dois anos para a papisa Joana?

P — Sendo assim...

12. MARTÍRIO DE GALILEU

P — Com Galileu, o Papa errou feio. Por defender a verdade, sofreu vexames e foi prêso e martirizado o grande Galileu.

C — Ele foi prêso porque afirmara que a Bíblia mentia, quando Josué disse ao sol: « pára ». Devia ter dito à terra « pára », e não ao sol. O sábio esquecia-se de que a Bíblia fala popularmente. Logo, ele foi prêso por injuriar à Bíblia e não por defender o sistema Heliocêntrico, defendido antes dele por Copérnico e conjuntamente com ele pelos padres Jesuítas Clávio, Griemberger, Guldin, Shiner, Grimaldi, Ricenil e pelos padres Castelli, Rimieri, Cavallieri, e Gassendi. No próprio Vaticano havia partidários dele, pois tinha ativa correspondência com os cardeais Barberini e Conti e Monsenhores Clampi, Picolomini e Vergílio Cesarini.

Torturas. Só se teve notícias no ano 1770, tendo ele morrido em 1642, 128 anos depois...

Prêso: Foi prêso em 1632. Durante o processo habitava a casa do embaixador de Toscana, Nicolini, seu amigo.

Na véspera do seu interrogatório, passou para o Palácio Minerva, onde ficou entre 12 a 30 de abril de 1633,

tendo por morada os compartimentos do procurador do Sto. Offício, com liberdade de passear pelos jardins, sendo servido pelo seu próprio criado e pelo do embaixador. Sobrevindo-lhe pequena indisposição, foi levado à casa do embaixador, onde podia receber os amigos. Ficou ali até 22 de junho, dia de sua **condenação**.

Condenação: Era de morar nos compartimentos do procurador do Santo Offício. Mas no **dia seguinte**, 23, deu-se-lhe licença para ir morar em casa do Duque de Toscana. Depois passou a morar com seu amigo, o arcebispo de Siena e, por fim, em sua casa de campo de Arcetro, onde morreu em 1642, recebendo sempre desde 1630 a pensão que o Papa designava a ele e a seu filho. Diga-me que preso é tratado com maior benignidade?

Entretanto, Galileu é o «mártir da ciência», embora ele mesmo escreva em 1634 «Nada ter sofrido nem em seu corpo, nem em sua honra!» É que a Igreja deve ser condenada...

Por isso, deve-se mistificar a história.

13. A IGREJA CATÓLICA OFICIAL

(Com um positivista liberal)

C — Eu sempre reclamo o ensino religioso nas escolas, o Cristo no juri, a assistência religiosa ao exército e à marinha, o casamento religioso reconhecido, etc. São reivindicações justas.

Positivista — Isto seria oficializar a Igreja Católica.

C — Que mal haveria nisso?

Seria um mero dever para o Brasil.

P — Mas daí se cercearia a liberdade das mais seitas religiosas.

C — Estas poderiam ser toleradas, como o eram no tempo do império, como o são hoje em dia.

P — Mas seria pô-las em condições inferiores à da Igreja Católica.

C — Mas só politicamente e como seitas. E isso com justiça.

Tratando o Brasil a Igreja Católica como qualquer seita, equiparando-a ao metodismo, adventismo, etc., mostra-se ele mal agradecido para com ela. É a Igreja Católica, a religião do seu povo, à qual deve o território que tem, pois deve-o aos bandeirantes de São Paulo e não teríamos São Paulo sem um Anchieta e um Nóbrega que o fundaram e defenderam. O nosso gentio foi educado e defendido pela Igreja Católica. Boa parte das nossas cidades trazem nomes de santos e as que não o trazem são providas da sua matriz e outras igrejas. «O Brasil nasceu e cresceu católico» — diz Ruy. Logo, se ele não faz caso do catolicismo, não passa de um ingrato. Liberdade não inclui opressão, e a maioria do povo está oprimido em sua crença religiosa, pois o quartel e as escolas que deviam ser continuações da família, não passam de escolas de ateísmo (1) donde os ensinamentos familiares, ao invés de serem fortificados, desaparecem. E daqui a pouco teremos um povo de ateus; e um povo sem

(1) Em outro tempo. Nota do autor.

religião cai na anarquia e é inimigo do progresso e da ordem. É o que os judeus «negocelam» para nos fazer des-cambar para o comunismo. De mais a mais, Deus disse: «Por mim é que reinam os reis». Ele quer ser reconhecido como Rei dos reis. Todos os países são filhos de Deus e os que não o reconhecem são filhos ingratos, sujeitos a castigos tremendos. As nações sem Deus, são carriadas; o caruncho trabalha no seu interior e terminará sua obra destruidora se não voltarem à Igreja a tempo. O Brasil, para não admitir nenhuma religião razoável, tomou para si o ateísmo, que é também religião, mas de uma ridícula minoria. É que numa República repúblicanamente as minorias prevalecem... fazendo contra a maioria conquistas republicanas...

E sempre viva a república! Quanta hipocrisia em certos fariseus! Mesmo no tempo do Império, quando a Igreja estava unida ao Estado, não dispensava este à religião o cuidado que esta merecia. Daí, talvez, o seu desastre. No ano 1882-1883, por exemplo, foram determinados para o culto, em todo o país, só Cr.\$ 1.003.000,00, quando para a marinha se gastou, no mesmo período Cr.\$ 10.695.290,00 e para o exército nada menos de Cr.\$ 14.076.396,00. Via-se que a causa de Deus era quase abandonada, no tempo da Monarquia e o foi de todo, no tempo da República, e por isso Deus fazia pouco caso do Brasil no tempo do Império e nenhum no nosso tempo. Daí o caos em que nos encontramos, daí a velhice precoce que nos oprime (1).

* As nações rejuvenescem voltando a Deus.

(1) Este livro foi escrito antes da revolução de 30. Nota do autor.

O ateísmo é a «rêmora» das nações.

P — Deus me livre. Depois que o Brasil fôr católico seremos oprimidos.

C — Não mais do que agora. Agora todos os religiosos somos oprimidos pelo ateísmo. O protestantismo seria tolerado, não, porém, oficializado. O governo poderia até reconhecer-lhe a validade do casamento religioso. A propósito de casamento religioso é curioso notar que na Alemanha e Norte América, países de maioria protestantes, o casamento perante o padre católico é válido perante a lei e aqui, num país católico, o casamento pelo padre não tem a proteção da lei!... E viva a democracia! É triste dever-se notar isso num país de liberdade... Para o positivismo e ateísmo, talvez (2).

No tempo do Império, por lei de 17 de abril de 1863, o casamento protestante era conhecido legalmente. Mas o ateísmo oficial é mais ferrenho, mais inflexível, menos democrata do que o império mais absolutista!

P — Mas os protestantes não tinham igrejas no tempo do império. Eram muito oprimidos.

C — Ouça o que diz o protestante Selin (Geografia Geral do Brasil, tradução de Capistrano de Abreu, pág. 114): «Embora, segundo a Constituição, todas as religiões, exceto a católica, sejam apenas toleradas, entretanto o governo já tem mandado construir templos protestantes nas colônias alemãs, e às vezes pago eclesiásticos protestantes». E este testemunho é insuspeito: é protestante.

(2) Felizmente em 1950 foi corrigido esse erro.

Por outro lado, encontramos mais: « Desde 1855 está proibida a aceitação de noviços nas ordens religiosas, desde 1870 existe a lei que manda converter em apólices públicas todas as fazendas e prédios pertencentes às ordens ».

Se acrescentarmos os poucos bispados que havia, concluiremos que a perseguida no tempo do império era, apesar da oficialidade, a Igreja Católica, e não as seitas acatólicas.

Logo, com a oficialização do catolicismo, teriam tudo a ganhar as seitas acatólicas. Deponham, por isso, os terrores da idade média. Não é tempo disso, agora.

P — E a respeito da escola, como se daria o ensino religioso?

C — A escola é a continuação da família. Logo, sendo a família brasileira religiosa, religiosa há de ser a escola.

P — E se não fôssem católicos os alunos?

C — Poderiam exigir um professor do credo dêles.

P — E onde houver maioria e minoria?

C — Permitir-se-á à minoria retirar-se na hora da aula de religião. Em todo o caso, opressão, como agora, não se dará nunca. Agora todos os religiosos de qualquer credo são obrigados a assistirem uma aula sem Deus, uma aula atea. É triste! Horrível! Monstruoso! (1)

(1) Isso já passou, graças a Deus. Está-se fazendo exatamente conforme os períodos anteriores. Nota do autor.

14. JEJUM

P — Por que é que a Igreja manda jejuar ao povo sob pena de pecado, quando Jesus disse que não é pelo comer que entra o mal no homem?

C — Não é pelo comer que é pecado quebrar o jejum. É por desobedecer. Jesus fez penitência. Jejuou 40 dias e 40 noites e disse (Lc 13, 3) que quem não fizesse penitência, pereceria. A Igreja como órgão autorizado diz: Cristo quer penitência? Pois então seja em tal dia. Está no seu direito.

15. COM UM LIVRE PENSADOR

L. P. — Não sou católico, porque quero ser livre, pois a liberdade é o que há de melhor no mundo. Vou a Deus como quero eu e não como querem os outros.

C — Quer dizer, então, que Deus não deu normas certas para o homem se conduzir?

L. P. — Acho que o homem é livre e, portanto, sua liberdade não deve conhecer restrições.

C — Não confunda liberdade com libertinagem de pensamento. Se a liberdade não tivesse limites, haveria anarquia no mundo. O direito de alguém se acaba, quando começa o direito de outrem.

L. P. — Mas Deus não deu normas a este respeito!

C — Como não? Deus não poderia esquecer o rei da criação. Ele deu leis ao sol, à lua e às estrelas, que se-

quem sempre seus cursos, deu leis às plantas, que produzem os mesmos frutos, deu leis aos animais, que têm sempre os mesmos instintos. Será possível que só o homem seja o único ente anarquizado?

L. P. — Eu sei que todos os caminhos levam a Roma. Todo o culto leva para o mesmo Deus, seja de que religião fôr. Se eu quero ir ao Rio de Janeiro, posso ir de muitos modos: de avião, de trem, de automóvel, a cavalo ou a pé e sempre chegarei lá.

C — Pare aí: uma coisa nada tem que ver com a outra. A comparação não satisfaz. A verdade é uma só: é como a solução de um problema. Se der outro resultado, já não está certa a conta. Se Deus não tivesse mandado seu Filho à terra para dizer aos homens: « ESTE É O MEU FILHO MUITO AMADO: ESCUTAI-O », talvez pudessem os homens dar a Deus o culto que bem entendessem. Mas Deus mandou que se ouvisse seu Filho. E éste por sua vez fundou a SUA IGREJA, a qual entregou a Pedro e aos Apóstolos até o fim do mundo.

L. P. — Não me pode dar um exemplo palpável para me explicar isso?

C — O que Deus fez ninguém pode mudar. Por exemplo: Deus fez a sua cara, com um nariz e duas orelhas. Pode o Sr. mudá-la? Deus fez um sol quente e redondo. Pode o Sr. fazer outro de menos calor e quadrado?

Deus disse: quero que os homens me honrem, cultuando-me PELA RELIGIÃO QUE MEU FILHO PUSER NO MUNDO...

L. P. — Mas que é Religião?

C — São as relações entre Deus e o homem. É o mesmo que educação numa família ou numa escola: São as relações entre os pais e os filhos e entre os professores e alunos. No mundo, educado, é um homem que trata bem seu semelhante. Numa família ou numa escola a quem compete IMPOR a educação? Será aos filhos ou aos alunos?

L. P. — Seriam trocados os papéis.

C — O mesmo se daria em religião, se cada qual, desprezando a vontade de Deus, quisesse impingir ao mesmo seu próprio modo de ver. Seria um absurdo.

L. P. — Mas eu sei que só penso como quero; sou livre em pensar o que entendo.

C — Perdão, mas o Sr. não fala sério?

L. P. — Seríssimo!

C — (Mostrando um lenço) que côr tem êsse lenço?

L. P. — Branco.

C — E o Sr. está livre em dizer que é de outra côr?

L. P. — ? !

C — Assim se dá com tôdas as realidades físicas, matemáticas e religiosas.

L. P. — Mas ao menos, só creio no que vejo.

C — Outro disparate!

L. P. — Mas o Sr. não pode ir contra as minhas convicções.

C — Mas o Sr. não pode ter esta convicção.

L. P. — Juro-lhe por Deus Nosso Senhor.

C — Perdão, mas o Sr. mesmo vai se desdizer.

L. P. — As minhas convicções são de berço; já meu pai era um « espírito forte » e não dava o braço a torcer. Eu não me retrato das minhas crenças velhas.

C — E muito depressa o fará.

L. P. — Sou livre pensador! E não me amole!

C — Venha cá: o Sr. disse que é livre pensador, embora já tivesse visto que não é livre em pensar contra a realidade. Mas admitamos, por hipótese, isso. Neste caso, o Sr. pensa muito?

L. P. — Sou profundo pensador!

C — Logo, crê no seu profundo pensamento.

L. P. — Creio nêle e o faço guia da minha vida!

C — Muito bem, mas o Sr. já viu seu pensamento?

L. P. — ? !

C — Já viu a Ásia, África e Oceania? E não crê em sua existência? Logo...

L. P. — Basta. Vocês padres sabem o que estão dizendo e nós falamos por palpite ou por ouvir dizer.

C — Mais vale reconhecer seus erros em tempo e enveredar pelo bom caminho de uma vez. Acabe o Sr. com sua vida desbragada, faça, como Agostinho e verá como acabará sendo católico de convicção, porque fora da Igreja não há salvação.

L. P. — Mas que egoísta é a Igreja em querer só Deus para si e o diabo para os outros.

C — Quem salva é a Igreja de Cristo e ela não tem culpa de ser ela mesma a felizarda organização do Filho de Deus.

L. P. — Mas, então, se condenam todos os mais?

C — Também isso não é verdade.

Todos os entes humanos de boa vontade se salvam.

L. P. — Mesmo fora da Igreja?

C — Mas a Igreja considera como filhos de sua alma todos os que têm boa vontade, embora não pertençam ao corpo. Se alguém nasce fora do catolicismo e sempre agiu de boa fé numa ignorância invencível ele se salva, pois Deus disse: « Paz aos homens de boa vontade ».

L. P. — Sendo assim, a Igreja não é tão carrasca como nos contam seus adversários.

C — Ela é mãe carinhosa de todos os mortais, embora sejam filhos pródigos. Ela é « O rebanho de Cristo », (único). Deve responder por todos os homens e por isso apresenta a Deus todos os homens de boa vontade, como sendo filhos de sua alma!

L. P. — !

16. A « ASSEMBLÉIA DE DEUS » OU O PENTECOSTISMO

Pentecostal — Católico, venha assistir à nossa « Assembléia de Deus ».

Católico — Assembléia de Deus? Assembléia significa reunião, igreja. A assembléia de Deus verdadeira, portanto, é a Igreja Católica.

P — E a nossa que é, então?

C — Não sendo de Deus, de quem será?

P — Mas nós temos provas de que a nossa religião é a de Cristo.

C — Não terá mais provas que as demais seitas dissidentes do catolicismo. De todas se conhece a «marca da fábrica» e a data da origem.

Todas elas trazem um homem fundador, homem que não é Cristo. E têm uma data que é nova e não remonta ao tempo de Cristo.

C — O Luteranismo tem por pai a Lutero, data 1521. O Anglicanismo: pai o «barba azul» Henrique VIII, data 1534 e reformado por Isabel em 1562. Metodismo: pais João e Carlos Wesley, data 1729. (Conforme o Catecismo de Adolfo Ugaretti, pastor Metodista no R. G. do Sul). Adventismo do sétimo dia: pai Guilherme Muller: data 1844. Exército da Salvação: Pai: Guilherme Booth, data 1865. Espiritismo: Pai: Satanás com Allan Kardec, data 10 de junho de 1853.

P — Mas a nossa religião tem por autor ao mesmo Cristo...

C — Que entretanto se chama Daniel Awery, data 1899!!! Tirando o sabatismo dissidente do adventismo do sétimo dia, fundado em 1912, por Miss Helena Wite, é a última das heresias inventadas pelos homens.

P — Mas a nossa religião é de Cristo.

C — E como é que só apareceu em 1899?

Se fôsse de Cristo, de duas uma: ou Ele tinha feito o pentecostismo quando veio há 1959 anos, ou tinha esperado para nascer em 1899. Se nasceu na data da religião católica e fundou esta e nenhuma outra, esta e nenhuma outra será logicamente, a religião de Cristo.

P — Mas no tempo de Cristo e depois, sobre os batizados vinha o Espírito Santo e eles falavam diversas línguas

e curavam os enfermos. Nós falamos diversas línguas sem as termos aprendido e fazemos curas maravilhosas.

C — Vinha o Espírito Santo sobre os que formavam a religião católica daquele tempo, pois eles a trouxeram de lá.

Os que falavam diversas línguas recebendo o Espírito Santo, era em línguas inteligíveis, línguas vivas. Todos os entendiam em suas línguas. E o que acontece em vossas irônicamente chamadas «Assembléias de Deus» é uma verdadeira «macumba». Batendo o Espírito Santo (?) nalgum freguês, rola este pelo chão, escabujando como um possesso e vai soltando uns grunhidos ininteligíveis a que chamam imprópriamente línguas. (1)

Que línguas? Quando é que os Apóstolos andaram rolando pelo chão de noite, de mistura com mulheres? O pastor protestante Dr. Eneas da Silva Pereira que frequentou as sessões da «Assembléia» diz que «o modo de proceder dos Pentecostais é inútil, indecente, desordeiro e escandaloso».

P — Mas nós dizemos sempre Aleluia, Glória e Amém.

C — Como papagaios sem saber o que estão dizendo. Conheço um pastor pentecostal que apesar de todos os «espíritos santos» nem falava direito o português.

P — E as nossas curas?

C — São fictícias. Poderão talvez usar a sugestão e por meio dela conseguir alguma coisa. Mas curas milagrosas, estas nunca se viu no pentecostismo.

(1) Nos Estados Unidos o Pentecostismo chama-se irônicamente a religião dos «santos rola-dores».

P — Mas, então, segundo o senhor se acabou a religião de Cristo, pois a mesma árvore tem de dar os mesmos frutos. A religião de Cristo tinha êsses sinais externos quando Cristo veio. Ela os deve ter ainda e nós os temos.

C — Deixe de asneiras!

P — Seria Cristo mentiroso?

C — O Sr. está equivocado. Os sinais estupendos das línguas e curas, etc. era para lançar os fundamentos da Igreja. Hoje em dia não é mais necessário, pois seria «chover no molhado». E Deus não faz nada de inútil.

De mais a mais S. Paulo diz que todos êstes dons se acabariam, ficando somente a fé, a esperança e a caridade (I Cor 13, 8-13).

Diz S. Paulo, no mesmo capítulo, que êsses dons eram como que muletas para a Igreja a fim de se firmar, fazendo a comparação do homem que, em menino, agia de uma forma e, depois de homem, de outra. Quando pequeno, se precisa de apoio para caminhar e depois não. É tão natural!

P — E que é que vêm em nossas sessões, se não é o Espírito Santo?

C — O mesmo que vêm nas sessões espíritas: o se-meador do joio, se é que algo aparece, realmente.

P — Mas nossa gente profetiza!

C — Não profane esta palavra! Sua gente, quando deitada no chão coberta por um lençol ou uma capa, sabe dizer só bobagens, como ouviu um subdelegado de polícia em Pôrto Lucena. É um pecado atribuir ao Espírito Santo as asneiras que saem da boca de uns idiotas.

P — Mas na casa de Deus não têm muitas moradas? Todos podem existir.

C — Também o joio pode existir no meio do trigo. Mas sempre é joio. No fim, ao invés de ir para o terreiro, irá para o fogo.

A vontade de Cristo é que haja um só rebanho e um só pastor. É preciso que se siga a êste rebanho; o que Ele deixou e não o que êste ou aquê pseudo-visionário tenha fundado dando-lhe o rótulo de Cristo enganando a humanidade, com autênticos falsos profetas condenados.

P — Quer dizer que estamos condenados?

C — Se não se arrependerem a tempo e não enveredarem pelo bom caminho, sem dúvida, perecerão eternamente.

P — Agora já é tarde...

C — Enquanto se tem vida, sempre se tem tempo. Não teimar, é tudo.

17. O «TRÁFICO» DOS SACRAMENTOS

P — Vós católicos fazeis da Igreja um balcão. Vós vendeis os sacramentos.

C — Por favor, não nos injurie.

P — Onde é que se viu pagar para receber o perdão dos pecados? «Dai de graça o que de graça recebestes» — disse Cristo.

C — Em primeiro lugar, não é verdade que se paga algo para receber o perdão dos pecados. Em segundo lugar, a Igreja não «vende» sacramentos, nem coisas espirituais.

P — Mas se um católico vai fazer um batizado paga. Paga se manda celebrar uma Missa pelos seus mortos, paga por tudo.

C — Não seja exagerado. Por tudo não. Paga POR OCASIÃO de certos sacramentos, não PELOS sacramentos, mas dá sua contribuição para o sustento do vigário e do culto, o que não é a mesma coisa.

P — Seria melhor que cada fiel pagasse cada mês uns Cr. \$ 5,00, como fazemos nós e receber tudo, sem mais incômodo.

C — São modos de ver. A Igreja católica é mais justa que vós. Faz contribuir para o sustento do pastor somente aqueles que se valem de seus serviços. Se nunca ocupam o vigário nunca ajudam a sustentá-lo.

P — Assim se alguém é pobre, deve ir ao inferno por falta de socorro espiritual?

C — A Igreja, pelas suas leis, manda que os serviços sejam grátis, para os pobres. Estes são os que mais direito têm ao céu. Se alguém não pode sustentar-se, como vai auxiliar ao vigário se sustentar?

P — Mas eu sei de caso em que foi negada a encomendação de batizados de pobres, só porque não tinham os «trôcos».

C — Isso é abuso condenável cometido à revelia da Igreja. Ela não tem culpa.

P — Mas ela deveria castigar os infratores.

C — E os castiga quando chega ao seu conhecimento.

Assim, pois, na Igreja Católica não há «Tráficos de Sacramentos».

Há o cumprimento do que disse Jesus que um operário tem direito da remuneração do seu trabalho. Há o cumprimento do que disse S. Paulo: «Quem trabalha para o altar, do altar tem de viver».

P — E por que não fazem como nós?

C — Aí seria enorme o escândalo.

P — Como?

C — Tenho 30.000 paroquianos. Se de cada membro cobro Cr.\$ 5,00 receberia Cr.\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros) por mês!!!

Se agora com os poucos vinténs que recebo, os quais mal dão para as despesas que tenho com mantimentos, livros, vestuários, alguma obra de caridade (especialmente estudos de aspirantes ao sacerdócio, etc.) ainda assim dão êsses miseráveis «trôcos» motivo para falar, que se diria se recebesse mensalmente cento e cinquenta mil cruzeiros!

P — Vós tendes sempre respostas para tudo!

C — Meu amigo, a razão é de quem a tem.

18. A IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA

Protestante — O Reverendo disse que a Igreja católica é UMA SÓ, e vejo um bispo proclamando no Brasil uma igreja CATÓLICA BRASILEIRA.

Católico — Que, entretanto, não passa de mais uma seita protestante. Não sei como é: Todo o lixo que a Igreja Católica varre para fora, com a excomunhão, por imprestável, para o protestantismo é artigo de primeira...

P — Mas não pode negar que o bispo de Maura é um homem íntegro, do qual não se pode dizer que deixou a batina pela saia de uma mulher.

C — Isto não está bem esclarecido, ainda. Mas ao que se conta, deve ter-se desmandado em Botucatu, onde esteve como bispo, pois, o Papa não afasta um bispo de sua sede episcopal, sem haver provas certíssimas de coisa muito grossa. Há coisa suficiente para que fôsse castigado, como foi.

P — Foi o assunto de ter armado um exército à custa do bispado, fazendo um rombo nos repolhudos cofres episcopais?

C — Um rombo não. Acabou com eles, e por cima fez uma dívida de alguns milhares de contos. Formara um exército para combater «O DÉSPOTA», que era Getúlio Vargas, bancando ele o coronel, pagando levianamente os soldados com um dinheiro que não era seu. É isso honestidade?

P — Mas, afinal, pode-se desculpar o crime pela intenção que ele tinha, pois era um espírito patriota e democrata.

C — Entretanto, foi um dos primeiros a cortejar ao que ele chamava de «Déspota». Quando das mesquinhas e ridículas perseguições contra todos os que não tivessem nomes bugres ou portugueses, taxando-os clinicamente de quinta-colunas, ele dirigiu a Getúlio Vargas um memorial para que expulsasse do país os padres estrangeiros. Aí o Déspota não era mais déspota, mas libertador...

P — Que diz o amigo sobre esse tempo infeliz?

C — Que, na maioria dos casos, como aqui no sul, quinta-colunas eram os que apontavam os colonos inermes e trabalhadores de quinta-colunas, perturbando a ordem

pública, prejudicando o trabalho e a produção, bem como dividindo os brasileiros.

P — Mas não havia casos de quinta-colunismo?

C — Se havia, eram muito poucos. Em todo caso, fizeram mais estrago no trigo do que se deixassem o mesmo joio no meio d'ele. Nos Estados Unidos, ninguém perseguiu os que tinham nomes estrangeiros, nem sequer foram proibidas as diferentes línguas, nem os jornais respectivos. E nem por isso, essa nação pujante deixou de vencer a guerra, ajudada, em grande parte, por esses mesmos filhos de estrangeiros, como o Brasil também.

P — E por que chama de heresia e não de igreja cismática a de Maura?

C — Porque nessa igreja se fez mão baixa de muitos dogmas: Confissão, indissolubilidade matrimonial, etc.

P — Mas agora temos, pelo menos, uma Igreja Brasileira. Viva Maura!

C — Então a Igreja Católica Apostólica Romana não é brasileira?

P — É romana, não é brasileira.

C — Neste caso, a de Maura pelo mesmo consequente se é brasileira, não é católica. Mas venha cá. Dizer que a Igreja católica-romana não seja brasileira é cinismo.

P — Como assim?

C — Cabral tomou posse do Brasil com a Missa de Frei Henrique de Coimbra. Se não é brasileiro quem esteve no Brasil desde antes de se tomar posse d'ele, então não há brasileiro no mundo.

P — Entendo que o Vaticano é um país estrangeiro. Logo...

C — Mas as verdades católicas não dependem do ESTADO DO VATICANO. Dependem de um poder espiritual que está em Roma, como poderia estar em qualquer parte. O centro não é um só para toda uma circunferência? Uma religião, que seja católica, deve ter um centro só para se irradiar por todo o mundo.

P — Quer dizer que cada país não pode ter uma religião NACIONAL?

C — Só se o Padre Eterno tivesse mandado um Cristo para cada nação. Mas como é um só para todo o mundo e judeu — um e judeu temos que aceitá-lo em todas as nações.

P — Então não pode haver uma igreja nacional em cada nação?

C — Desde Cabral já temos a igreja brasileira, sempre filiada à única no mundo, à Universal. O Catolicismo não é estrangeiro em nenhuma nação. Cada nação tem, pois, sua igreja nacional, sem sacrificar a independência de nenhuma pois não disse Cristo a Pilatos O MEU REINO NÃO É DÊSTE MUNDO?

P — Mas existe um estado, o do Vaticano, adjunto ao catolicismo.

C — Acabem com essa bobagem! Que perigo material pode causar um estado de mil moradores, a quase totalidade dos quais são cardeais velhos, estudiosos inveterados e quase todos eclesiásticos, portanto sem aptidões para a guerra? Falar em perigo por parte do Vaticano é ignorância crassa ou rematada loucura.

P — Mas o bispo de Maura, sendo bispo não sabia de tudo isto?

C — Às vezes existe também a cegueira voluntária. Pobre de Dom Costa, onde foi parar!

P — E que diz da Igreja Católica Brasileira?

C — Que vai ter o fim das mais heresias. São obras de homens. Desaparecerão. Quem fala ainda de Ário e de Nestório? Pois tinham fundado igrejas que chegaram a ter a maioria dos cristãos do mundo, com milhares de bispos. O protestantismo se está subdividindo e as atuais crenças protestantes nem se parecem com as de Lutero, o qual não queria boas obras, admitia a presença real, cria nos santos e mesmo ainda respeitava, nos momentos calmos, a autoridade da Igreja Romana.

P — E se a Igreja Católica é infalível, como foi escolher para bispo Dom Costa, se ele é tão ruim?

C — Nem sempre o bispo de Maura foi o que é. Ele foi um sacerdote exemplar, zeloso, pregador de retiros. «Corruptio optimi, pessima», diz o provérbio.

P — E não tem mais esperanças de que volte para a Igreja Católica?

C — Tenho, porque as decepções que vai ter na nova Igreja se pensa, como diz que sabe pensar — o farão retratar-se do que fez. E por sorte, ainda, é devoto da Virgem Maria, e isso, apesar de vocês não crerem, é um sinal de eterna salvação. Oremos, pois, pela conversão do pobre bispo de Maura.

19. O COMUNISMO

Comunistas: Por que a Igreja Católica nos faz tanta guerra, se ela tem ordens religiosas que usam, também, o sistema comunista?

Católico: Porque o Comunismo é ateu e priva o homem de seus direitos individuais.

Com. — Mas nas ordens religiosas não se priva o indivíduo de seus direitos?

Cat. — Nas ordens religiosas se dá o inverso do que no comunismo. Este PRIVA os homens de seus direitos e nas ordens religiosas o homem SE PRIVA, RESIGNA DE SEUS DIREITOS, por sua livre e espontânea vontade, em troca da vida eterna.

Com. — No fim dá na mesma!

Cat. — Não é verdade! No sistema católico há liberdade e no comunista há opressão. O comunismo faz o comunismo a pau e os frades usam o sistema comunista por um ato heróico que não se pode exigir que TODOS FAÇAM.

O comunismo estabelecendo o ateísmo e negando a alma e o outro mundo, cortou o galho em que poderia tornar possível sua execução. O comunismo exige o sacrifício total do indivíduo, sem lhe encher o vácuo com alguma esperança do mundo do além. E o homem materializado, disputa o osso a qualquer preço. Daí a impossibilidade de estabelecer o comunismo entre homens livres e ainda mais sem religião.

Com. — Quer dizer que na Rússia estamos num regime de escravos?

Cat. — Nem mais nem menos. Pois no tempo dos escravos, se fazia assim: o negro trabalhava o dia todo e depois se lhe dava uma ração de comida.

Com. — E o negro podia escolher a sua ração?

Cat. — A linguagem era esta: O negro quer fava? Fava no negro.

Com. — Quer dizer que o negro não tinha vontade própria?

Cat. — Absolutamente. É o mesmo o que se passa na Rússia, segundo informes de gente que esteve trabalhando lá, mesmo de engenheiros estrangeiros. No fim do dia, vinha o vale para receber o que o felizardo do empregado da U. R. S. S. lhe dava. E aí de quem reclamasse!

Com. — Mas, os agricultores têm mais regalias.

Cat. — Entretanto, na Ucrânia conforme informes de diversas famílias que vieram ao sul, depois desta última guerra, contaram que famílias inteiras foram exterminadas porque, na entrega do trigo, ficaram com uns poucos quilos para aumentar um pouco a miserinha que os vales lhes concediam. E note bem que se trata de trigo plantado e colhido por eles e na entrega é que ficaram com uns quilos do produto total dos seus suores.

Com. — Mas nós somos os que mais se batem pelo bem estar do povo.

Cat. — Aqui fora, mas lá onde estão mandando, o operário é tratado pior que um cão.

Com. — Prove isto!

Cat. — Pois faz um ano voltou da Rússia um criminoso da Carolina do Norte, chamado Fred Bell. Ele era téc-

nico nas fábricas americanas. Passando para a Rússia para fugir da cadeia, experimentou o paraíso soviético. Pois bem, ele voltou e se entregou às autoridades americanas dizendo: « Prefiro o cárcere dos Estados Unidos à liberdade da Rússia. A alimentação da cadeia mais miserável aqui, é MUITO MELHOR que a ração de fome que recebe UM OPERÁRIO ESPECIALIZADO DE QUALQUER FABRICA DA U. R. S. S. ».

Com. — Mas nós libertamos o operário das garras dos patrões.

Cat. — Libertaram-no das garras dos patrões para entregá-lo às garras do urso, o estado soviético que lhe dá uma escravidão, sem apelações. É engraçadíssimo o proceder dos comunistas do Brasil. Aqui provocam greves para fazer ver aos operários que eles estão pelos direitos dos mesmos, E NA RÚSSIA A GREVE É CASTIGADA COMO CRIME DE ALTA TRAIÇÃO, como sabotagem e os grevistas são eliminados.

Com. — Mas a nossa democracia é exemplar. Quantas repúblicas unidas! U. R. S. S. Salve!

Cat. — Unidas pelos grilhões e os tacões das botas da G. P. U.

Comunista, falar em democracia é o suprasumo do cinismo. Ou, senão, onde estão na Rússia a liberdade de pensamento, de imprensa, onde estão as eleições, os partidos contrários ao governo, elementos essenciais a uma democracia?

Com. — Mas há eleições.

Cat. — Com candidatos indicados pelo único partido.

Os divergentes, faz tempo estão repousando nos cemitérios ou — como não usam cemitérios — espalhados pelo mundo, feitos cinzas nos crematórios, feitos realmente pós-de-mico, ou, então guardados nas geladeiras da Sibéria.

O regime comunista é, pois, impossível para um país onde se conhece a liberdade como o nosso. Só é possível onde sempre dominou a força como na Rússia.

Com. — Veremos quando vencermos as eleições, com a ajuda dos católicos.

Cat. — Que serão católicos Judas se votarem por vós!

PARTE QUARTA

COM O ESPIRITISMO

I. REINCARNAÇÃO E RESSURREIÇÃO, ETC.

C — O rico avarento era bom ou mau?

E — Mau.

C — Sendo mau, conforme a teoria espírita, devia reencarnar-se.

E — Perfeitamente. E se reencarnou.

C — Mas não consta no texto sagrado.

E — Como não?

C — De que jeito? Pois não diz o texto que « morreu e foi sepultado » e das « **profundezas do inferno** » (ouça bem, é a palavra de Deus que o diz) das **profundezas do inferno** reclamava alívio, que lhe foi negado, porque já tinha recebido os seus bens **em vida**. E que não havia lugar para a **reincarnação**, **se vê pelo fato**, de estarem ainda **em vida** os seus irmãos. Note bem, **não teve folga** para se reencarnar e se purificar (Lc 16, 19 a 31).

Que diz a isso?

E — Que deve haver outros textos. ...

C — Igualmente infelizes para os discípulos de Allan Kardec.

E — Por exemplo?

C — O caso das dez virgens.

E — Este texto está contra a reencarnação?

C — As cinco virgens loucas não mais se puderam reabilitar. Fechou-se-lhes a porta no rosto e lhes foi dito pelo noivo: « Não vos conheço ».

Em todos os seus sermões, Cristo inculca a prática da virtude, dando por motivo justamente o haver dois estados definitivos para o homem: um bom e um mau, sem haver ao depois mais possibilidade de transição. « Por aquele lado por onde a árvore cair, aí ficará ». Sentença terrível mas certa.

Sabe de uma coisa? Acho que o Espiritismo é até imoral.

E — Que injúria!

C — Imoral. E o provo. Admitindo-se a teoria da reencarnação, adeus virtude!

E — Adeus, não! E por que seria?

C — Conforme o espiritismo, no fim, todos, bons e maus se salvam, pois não é?

E — Um fato inegável.

C — Aliás unicamente baseado nas cabeças espíritas. Mas admitamos, em hipótese, a teoria. Nesse caso, para que vale alguém ser bom e praticar a virtude? Bons e maus, no fim, são todos recompensados. Todos conseguem o céu. Para que sacrificar-se pela virtude, se ela não é recompensada? Ora, deixemos de hipocrisias, dirá um bom espírita: gozemos nesta vida e também na outra. Isso de passar por uma ou mais reencarnações é até bom; há varie-

dade e variedade deleita. E viva a farra! Está aí ao que leva o espiritismo, se os espíritas fôsem lógicos. Produz o materialismo mais crasso. E todo espírita, que crê na teoria espírita, deve ser materialista ou aliás, um filósofo idiota. Quer ouvir mais Bíblia?

E — Quero.

C — Quem rouba, pratica a virtude?

E — Que pergunta...

C — O ladrão que estava à direita de Cristo, não era criminoso?

E — Era, e por isso devia reincarnar-se para se purificar.

C — Entretanto, Cristo que sabia mais Bíblia do que os espíritas, não lhe deu tempo para se reincarnar, pois lhe disse: « Hoje estarás comigo no paraíso ». E depois o espiritismo é antibíblico.

E — Mas não quer prová-lo.

C — De boa vontade. Cristo se apresentou como Deus. Dissera êle referindo-se a Deus Pai: « Eu e meu Pai somos um » (Jo 10). « Quem vê a mim vê a meu Pai ». Fêz milagres como Deus. Disse-o e o provou com fatos. Ora, o Espiritismo nega isso.

E — Mas eu particularmente nunca neguei isso.

C — É porque nunca foi bom espírita. Mas há mais. Quando Cristo se batizou, apareceu sobre Ele o Espírito Santo em forma de pomba, e das nuvens saiu uma voz que dizia: « Este é meu Filho muito amado. Ouvi-o ». Conclui-se que a Bíblia conhece três pessoas em Deus:

Primeira Pai, segunda Filho, terceira Espírito Santo. E assim em outros lugares. Logo, o Espiritismo não é religião porque esta nunca contradiz a divindade.

E — E o espiritismo a contradiz?

C — Naturalmente. Nega haver três pessoas em Deus.

E — Não sabia que negava.

C — E nega também a ressurreição, e a eternidade das penas do inferno.

E — E a ressurreição contradiria à reencarnação?

C — É lógico. Se os corpos ressuscitam, vão sobrar muitos corpos e cada espírito deverá arrastar um vagão deles consigo. Mas como é preciso conservar, pela sua poesia, a teoria da reencarnação, deve-se negar a ressurreição. Deixa-se o certo pelo negativo, por uma fantasia.

E — Mas encontra-se a ressurreição na Bíblia?

C — Muitas vezes S. Paulo até a dá como base da religião de Cristo (I Cor 15, 12-22). Em (Jo 5-28), lemos:

«Vem a hora em que todos os que se encontram nos túmulos ouvirão a voz do Filho de Deus, e irão, os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida, e os que obraram mal, irão na ressurreição do juízo». Jó, (19, 25) diz: «Sei que meu Redentor vive e que eu, no último dia, hei de ressurgir da terra e, de novo, me cercarei da minha carne e da minha pele». E assim fala a Bíblia em ressurreição, dando-a como consta em João, (6, 39); Atos, (17, 18 a 31); Romanos, (8, 11) etc. Como vai negar, o espiritismo, um dogma tão declarado?

E — E o inferno é eterno?

C — Disse-o Deus. Paciência!

E — Seria um Deus injusto. Castigar eternamente!

C — Ele quer recompensar eternamente! Ninguém pode merecer uma tal recompensa. Para Deus ser justo e contrabalançar tamanho prêmio, devia criar uma pena correspondente.

E — Para onde mandará os condenados? Ao inferno?

C — Não Sr. Deus não manda ninguém ao inferno. A gente é que quer ir. Deus diz: Não faças isso ou aquilo, pois merecerás tal castigo. O homem não liga e faz o que Deus proíbe, sob ameaça. Nada mais justo do que cumprir-se a ameaça. Assim, nada mais justo do que uma recompensa eterna, embora não merecida, para quem obedece a Deus.

E — E há textos bíblicos que provem as penas eternas?

C — Muitos... (Mt 25, 41): «Afastai-vos de mim, malditos ao fogo eterno, preparado para o diabo e seus sequazes».

Mateus, (25, 46): «E irão estes (os maus) para o suplício eterno e os bons para a vida eterna».

Cristo fala, muitas vezes, que as penas dos que estão no inferno duram sempre: Marcos (9, 42): Mateus (3, 12): «Queimarão as palhas com um fogo que não apaga». S. Paulo diz que os maus «não possuirão o reino de Deus» (I Cor 6, 9; Gál 5, 21).

E adeus reencarnação!

Pobres espíritas! Porque algum diabo embugado no corpo de algum médium vos fala de coisas do outro mundo, já acreditais mesmo contra os ensinamentos de Jesus. Lembrai-vos que S. Paulo recomenda isso: Gálatas (1, 8):

« Se eu mesmo ou um anjo do céu vos vier pregar um Evangelho **diferente** do que vos tenho pregado — seja anátema ».

E o espiritismo veio tão tarde, ensinado por um tal Allan Kardec, que não era anjo, nem S. Paulo! E mesmo que fôsse, veio com um evangelho **diferente**. Não é para ser ouvido. « Seja anátema ».

Não dirijais interrogações aos mortos, que por eles podem responder demônios disfarçados, que vos ludibriarão, sem o pressentirdes. E Deus condena essas práticas no Deuteronomio. Veremos isso mais adiante. Mas o espiritismo faz ver coisas do « arco da velha » e embasbaca os que vão às sessões. São os tais prodígios que os falsos profetas poderiam fazer para enganar os homens e até muitos dentre os bons (Mt 24, 24).

E — Mas, ao menos, se o espiritismo não serve como religião, há de servir como ciência.

C — Se fôsse ciência não necessitaria de escuridão.

E — Mas é ciência dos espíritos.

C — Pois se os espíritos escapam aos sentidos humanos, uma ciência dos espíritos é uma contradição.

E — Mas o espiritismo os reconhece.

C — Não mais que o catolicismo.

E — E dêles tira provas.

C — Das quais nunca se pôde achar a identidade. Afirmativas não são provas. E para isso não se precisa constituir uma religião nova e menos ainda uma religião « científica ». A ciência age sob pêsso e medida. Qual o pêsso e a medida dos espíritos?

E — Os nossos olhos testificam.

C — Na escuridão e sob impressões misteriosas do além, os olhos nos podem enganar. E a ciência não admite dúvidas. E ela precisa da máxima claridade.

E — Mas será a ciência da telepatia, da levitação.

C — Isso são coisas naturais. Podem praticá-las todos os homens que tiverem dom ou se educarem para isso. Mas não são monopólio do espiritismo. Se o fôsse, todas as religiões seriam também ciências... O Espiritismo explora em seu proveito as ciências ocultas (para os ignorantes) e as atribui ao sobrenatural. Impostura!

Um dia mandei a um faquir para que fôsse a um médium receber passes, e este se pôs a hipnotizá-lo para lhe tirar o espírito mau que dizia ter no corpo. Aí está o segredo do fanatismo do espiritismo. A pessoa hipnotizada está escravizada pelo hipnotizador. É o caso de chamar a atenção dos poderes públicos contra semelhante impostura. O fato se deu em Uruguiana sendo o faquir o Sr. João Boschi e o médium o Sr. João Montani, no ano de 1933.

2. A PITONISA DE ENDOR

(Publicado em 5 de Setembro de 1935 na « Estrêla do Sul »)

É inesplicável a teimosia com que os espíritos se dizem portadores da doutrina de Deus. Entretanto, suas práticas são iguais, às que Deus condenou repetidas vês nas Escrituras Santas. Isso, antes de tudo, no clássico trecho do Deuteronomio (18, 10-14), diz:

« Não se ache entre vós (povo de Deus) quem... consulte adivinhos, ou observe os sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro ou encantador, nem quem consulte os pitões ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade; porque tôdas estas coisas (inclusive o se evocarem os mortos) abomina o Senhor, e por semelhantes maldades exterminará êle êstes povos à tua entrada » (fala a Josué).

Nínive foi destruída por causa dessas práticas nefandas (Nahum, 3, 4), o mesmo acontecendo à Babilônia (Is 47, 9 e 13). Em Daniel (2, 2 e 27), vemos que, tendo sido baldados os esforços dos falsos profetas, declara-se que o Deus dêstes **não é** o mesmo que o de Daniel: « Mas há no céu um Deus que desvenda os mistérios... ». Quer dizer que os tais pitões não eram guiados por êsse Deus, mas sim êle, Daniel, **pois fez o que os demais não puderam fazer**.

No Levítico (20, 6), diz Deus que a pessoa que praticar o espiritismo seria repudiada por êle: « ... Eu porei o meu rosto contra ela e a exterminarei do meio do meu povo ». Em Isaías, vemos que é do espiritismo que se trata, quando Deus fala de feitiçaria, adivinho, etc... pois no (cap. 8, verso 19), se lê a queixa de Deus: « Acaso não consultará o povo o seu Deus? Há de ir falar com os mortos acêrca dos vivos? » Em Jeremias temos: « Não vos seduzam os vossos profetas, nem os vossos adivinhos... eu não os envieí (29, 8, 9). No Levítico (20, 27), Deus ordena a pena de morte de apedrejamento contra os pitões e adivinhos, que seriam e eram de verdade como os médios e esoteristas de hoje (vê-se isso especialmente em Isaías 47, 13).

No Deuteronômio (13, 1-5) se encontram passagens bem sugestivas de como Deus se ira contra os forjados-

res de religiões falsas: « Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti e te der um sinal ou prodígio e **suceder** (1) tal sinal ou prodígio... não ouvirás as palavras do tal profeta e sonhador, enquanto o Senhor vosso Deus vos prova se amais o Senhor vosso Deus... E aquê-le profeta sonhador de sonhos morrerá, pois falou rebel-dia contra o Senhor vosso Deus ».

Aqui aparece que o recurso ao espiritismo ou benzedura para nos vermos livres de um mal, pelo qual Deus nos quer provar se o amamos, é uma REBELDIA.

Falando claro: Deus tem seus órgãos oficiais pelos quais nos fala: antigamente os seus profetas e a arca; hoje é pela Igreja. Desprezar êstes meios, falar com os mortos ou arran-jar remédios ou informações fora dos meios naturais e ao alcance da razão, é um crime. Bem o sabia o rei Saul que, em obediência tinha ordenado o extermínio dos pitões e adivinhos; mas como muitos católicos de hoje, êle também fraqueou.

Recebera ordem de exterminar os amalecitas, com quanto possuísem (I Rs 15, 3). Mas êle não obedeceu e poupou as melhores vacas, ovelhas e cordeiros (vs. 9). Em castigo dêsse pecado, dessa rebeldia resolveu Deus tirar-lhe o reino (vs. 23) o que lhe comunicou pelo profeta Samuel que era aliás, o seu conselheiro.

Mais tarde, morto Samuel, foi Saul apertado pelos filisteus e êle temeu (cap. 28, 5). Quis recorrer a Deus pe-

(1) Note-se bem que algo pode, realmente, **suceder**. Isso, porém, não é motivo para ser espírita e nem prova é que seja de Deus. Nota do autor.

los órgãos oficiais. Mas Deus não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Quer dizer, segundo os planos de Deus, Saul tinha de sofrer por seus pecados.

Ele, porém, como muitos católicos, quando falham os meios naturais e lícitos, disse: «Buscai-me uma mulher que tenha espírito de feitiçaria». E os seus criados lhe disseram: «Eis que em Endor há uma mulher que tem o espírito de adivinhar» (vs. 7).

Fazendo um parêntesis, vemos que, na Bíblia feitiçeiro e adivinho é o mesmo que **médium**, como veremos que era a pitonisa em questão.

Praticar, pois, o espiritismo como esta o praticava, é incorrer no que Deus disse (no cap. 15, 23): «**Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria**». Donde se conclui que feitiçaria é uma **rebelião**. Dirão os ladinos que os espíritos de hoje não são os mesmos feitiçeiros e adivinhos, tão veementemente condenados por Deus, até com pena de morte. Saul se encarrega de desmentir a êsses enganadores de si mesmos e dos outros porque não era de meias medidas. «Peço-te que me adivinhes com espírito de feitiçaria, e me faças **subir a quem eu te disser**», ordenara à pitonisa.

No verso 11 está a resposta da mulher: «A quem te farei subir?» Ao que Saul respondeu: «Faze-me subir a Samuel».

Mais um parêntesis: Não era a pitonisa uma autêntica **médium**? Vejamos.

Invocando a mulher a Samuel, êste repreendeu a Saul, dizendo: «Por que me inquietastes, fazendo-me vir cá?» (I Rs 28, 15).

Por esta repreensão, vemos que os mortos estão descansando, na mão de Deus e que tôda a evocação dêles, como no caso, é uma perturbação geral para o morto e para a ordem das coisas. É um caminho ilegal, excusado, é a gazuza imortal para abrir a porta da revolta espiritual, da soberba, e querer arranjar-se **também sem Deus** e, mesmo, contra a vontade dêle. Isso se depreende da resposta de Saul, justificando seu ato, diante do profeta, que veio por permissão especial de Deus. Disse Saul: «**Deus se tem desviado de mim, e não me responde mais nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos: por isso te chamarei a ti**». E novamente o profeta, condenando a prática imoral de Saul de querer forçar a Deus por meio ilegal, lhe diz mais: «**Por que, pois, a mim perguntas, visto o Senhor te ter desamparado e se ter feito teu inimigo?**»

E Saul não arranjou nada com ter chamado a Samuel. Ficou com sua maldição nas costas. Confirmou o profeta a maldição que lhe dera em vida, acrescentando: «Amanhã tu e teus filhos estareis comigo» (vs. 19). E assim foi. Assim responderiam os mortos se lhes fôsse dado falar. O diabo que vem disfarçado na alma da avó de fulano ou no espírito de sicrano, êste sim dá mensagens fingindo-se Sto. Agostinho, até a Virgem Maria e — oh profanação — Jesus Cristo! e fala a linguagem melosa...

Os mortos seguem a lei de Deus. Se lhes fôsse dado falar, confirmariam os ensinamentos oficiais da Igreja, o órgão oficial da salvação deixado por Cristo, com plenos poderes: «Eu te darei as chaves do Reino dos céus; tudo o que ligares na terra será ligado nos céus»... «Ide... quem a vós ouve, a mim ouve, quem a vós despreza, a mim

despreza» (Lc 10, 16). O mais é engano, fábulas, lôgro de Satanás.

O mais é a repetição do caso da pitonisa de Endor.

3. O ESPIRITISMO, RELIGIÃO DE PAGÃOS

(Publicado a 19 de Setembro de 1935, na «Estrêla do Sul»).

Vimos no artigo «A Pitonisa de Endor» que o espiritismo era usado geralmente entre os povos pagãos que habitavam a Palestina, e por causa de tais praxes foram exterminados.

O mesmo aconteceu a Nínive e Babilónia.

O povo de Deus, porém, foi proibido, **sob pena de morte**, de praticar «semelhantes maldades abomináveis diante do Senhor».

O espiritismo era, pois, uma prática pagã.

O povo de Deus é que andava realmente com a verdade.

Como é, pois, que os espíritas de hoje querem ser o povo de Deus, praticando o que outrora foi terminantemente proibido a quem quisesse ser do Deus verdadeiro?

É que o espiritismo promete a saúde — mas é maior o número dos loucos que faz do que os doentes que cura — e facilita a comunicação com o além... Em uma palavra, promete este mundo e também o outro, seguindo o conselho de Satanás que disse a Jesus, mostrando-lhe o

mundo todo: «Tudo isto é meu e dou a quem quero: tudo isto te darei, se prostrando-te me adorares».

Ao que Cristo retrucou: «A um só Deus adorarás e a um só Senhor servirás» (Lc 4, 6-8).

Satanás tem por princípio prometer muito: cumprir o prometido é coisa diferente.

Ele é o «pai da mentira», e como que um refinado político em vésperas de eleições. Abiscoitados os votos, conseguindo o poder, que lhe importa o resto? O principal é arranjar quem o siga: o que quer são aderentes. Quem, entretanto, naquela época possuía a verdade — note bem isto o leitor — não era o povo «diabista», com adivinhos, feitiçeiros, pitões, etc... mas o povo de Israel, o povo de Deus, ao qual foram vedadas as práticas desses homens. «Tu foste instruído de outra sorte» disse Deus a seu povo em Deuteronomio, (18, 14).

E entre os «bugres» pagãos, dum lado, e os nossos Missionários, do outro, quem andarà com a verdade? Estes ou aqueles? Se os bugres, deveriam eles sair da tanga (ou sem nada mesmo!) e ir pelas cidades a ensinar-nos a verdade. Nem é bom pensar em semelhante absurdo.

Mas o fato incontestado é este: os nossos bugres praticam o espiritismo!

O demônio tal qual, outrora, nos povos que cercavam os hebreus, achou o campo da ignorância indígena propício para uma fácil conquista. O pagé não é outra coisa senão um **médium**, no verdadeiro sentido da palavra.

Mas entre os índios, o diabo não tem licença de se dizer Deus, como o faz no meio dos espíritas civilizados.

O Padre Antônio Colbacchini nos fala longamente disto no seu livro: « A tribu dos Bororós ».

A página 83 escreve:

« Sem dúvida, uma das maiores dificuldades a superar-se, para libertar os pobres indígenas da superstição que os cega, são os seus feiticeiros por eles chamado Bari... (isto é, Pagé).

« O Bari não é mais que intérprete ou o médium entre a tribu e os espíritos... »

« Particularmente tem cada Bari, o seu ou os seus espíritos por assim dizer protetores, aos quais se dirige, chama, invoca e dos quais recebe respostas havidas por todos como infalíveis. O Bari tem poderes ilimitados para com os espíritos: só ele os pode reconhecer e expelir ». É o perfeito quadro do espiritismo dos que se dizem civilizados. Que lindos companheiros arranjaram no mato!

Mas, como disse, o diabo não pode enganar aos pobres ignorantes das selvas como aos civilizados, a quem engana porque querem ser enganados. Ali o Bari é representante não de Deus, mas do diabo; ali o diabo é diabo mesmo! Bope é o nome que lhe dão.

Prossegue o mesmo autor, na página 84: « Denominam (os índios) com o vocábulo genérico de Bope, o Espírito mau; destes há muitos. Quando um Bope quer alguém para si e o elege Bari, começa por provocar-lhe terrores estranhos... Depois o Bope se fará ver ao seu iniciado, em formas fantásticas... Dormindo ouvirá alguém falar-lhe e impôr-lhe silêncio do que ouve e sonha... Se o sujeito escolhido guardar silêncio de todas as coisas extraordinárias que

ouve, sente e vê (seria médium vidente), será então iniciado pelo Bope no (mistério do ofício, será feito (médium.)

« Passado algum tempo, apresenta-se-lhe o espírito. Exibe-se ôste em forma de homem ou como animal, mais comumente, surge como animal estranho, que somente ôles, Bari, vêem e conhecem ».

« Apresentando-se sob tais formas, pergunta o espírito. (Bope-diabo — não esqueçam) ao escolhido, se quer ser seu, se lhe obedecerá em tudo. Treme de susto o candidato, e o espírito lhe dirá: « Se me queres, se queres que eu venha a ti, seja teu, te ajude, te faça conhecer tudo, te dê o poder de curar as moléstias, expelir os espíritos malignos de teus companheiros, dá-me o teu arco e flechas, e será isso o sinal do teu consentimento. Eu estarei contigo: quando me chamares, virei, e estarei pelo que quiseres ».

Entregará o eleito, então, o arco, as flechas, e o pacto está concluído ».

Não sei o que entregam os nossos médiuns ao Bope para serem seus representantes, mas pelo que tenho ouvido, o processo da formação de um médium crioulo é mais ou menos o mesmo. Começa por ver coisas e receber comunicações.

E vejamos uma sessão do Bari com seu Bope, e veremos que são justamente as dos nossos médiuns em estado de « transe »... « quando o Bari, depois de ter em si o espírito, fala, gesticula, etc. não é ôle, e sim o espírito que está nêle... Tudo quanto diz o Bari, estando possesso, será verdade infalível ».

Uma contraprova de que Bope é o diabo mesmo, se encontra à página 89. Na chegada dos missionários, o po-

vo não sabia se eram bons ou maus, se devia recebê-los ou não. Consultando o Bari, o espírito responde: « Eu não queria falar, (para deixar o povo na ignorância e levá-lo para o inferno), mas sou forçado a dizer que vos podeis fiar nestes que agora vêm, mas não abandoneis as vossas tradições (espíritas, dêle, Bope); não me deixeis para servi-los; se me abandonardes eu vos castigarei ». Falou o Bari e não mais nos hostilizaram.

Como se vê, Deus não permite que sejamos tentados acima das nossas forças. Se o Bope se apresentasse como Deus, os pobres índios se deixariam cegamente enganar por êle. Mas Deus não podia permitir tal injustiça. O Bope se faz temer, mas nunca amar. Chega a espancar os índios na escuridão da noite e é por isso que nenhum índio tem coragem de andar à noite sem carregar o clássico tição, a lanterna indígena.

Entre nós, o Bope das sessões espíritas se faz passar por Deus. E os coitados, desprezando o título de cristãos e de filhos de Deus, se metem com os colegas indígenas em pélo, a adorar o Bope, só pela esperança de penetrar nos mistérios cabalísticos dos pitões e feiticeiros, arranjando remédios — mesmo de pessoas distantes — falando com os mortos pelos quais, é mais certo, responde o mesmo Bope.

Aos homens de boa vontade digo, pois: o espiritismo não é caminho legal, é uma religião pagã. Não recuemos dos progressos feitos pela humanidade, não rejeitemos o sangue de Cristo que nos remiu e deixemos o espiritismo aos habitantes das selvas que desejam ser escravos de Bope, por ignorância.

O ANTIGO TESTAMENTO DE SATANÁS

(Artigo publicado em o « Lutador » nº 48 de 7 de dezembro de 1941).

Nós, católicos, não podemos mais andar com panos quentes.

Nem devemos ter respeitos humanos.

Devemos meter o pau no lobo disfarçado de ovelha e dar às coisas o nome que têm.

Foi dito e repetido que o diabo é o macaco de Deus. Tudo o que Deus faz, quer êle também fazer.

O povo gaiato diz que, quando o diabo quis fazer um lindo passarinho, como via Deus fazer, experimentou, e saiu-lhe um morcégo.

Quis fazer um peixe e lhe saiu um jacaré.

Se o diabo, em criação, não pôde nem isso que o povo lhe atribui, em religião, sempre procurou desbancar a Deus, onde achou entrada.

Antes da vinda de Jesus êle saracoteava com tóda a humanidade, pois que o **povo de Deus, os judeus**, eram uma migalha em comparação com o resto dos homens.

Tirante os judeus, os demais seguiam a Satanás que se apresentava com o nome de todos os deuses da antiguidade.

Ora falava pelas esfinges, ora pela estátua de Moloc, ora pelas entranhas das aves, ora pelos oráculos, como o de Delfos, etc.

E sempre dominava a feitiçaria, a superstição.

Tudo em nome de deuses, nunca em nome de Satanás...

Em vindo Jesus, porém, o diabo foi descoberto e já ele não tinha licença de passar pelos deuses e portanto, a verdade mostrou que só **era possível um Deus, o Deus dos cristãos**. E os diabos se diziam «legião...»

A feitiçaria seria, então, exercida em nome de Satanás, por pessoas que faziam pacto com o diabo.

No mundo civilizado, durou este estado de coisas até o ano de 1853.

Quer dizer, em diversas modalidades o **Antigo Testamento de Satanás durou até o advento do espiritismo**, o qual, pelas suas melhores aparências, seria o **Novo Testamento de Satanás**, como veremos no próximo número.

O poder de Satanás, em seu antigo testamento, era respeitável.

Vêmo-lo no domínio completo, sobre tanta gente que nos conta o Evangelho.

Vemo-lo na história de Simão Mago, que era levado pelos ares.

Fazia, pois, o diabo coisas mirabolantes, inclusive curas para conservar sob sua escravidão a humanidade.

Entre os índios Bororós, conforme atesta o Pe. Antônio Colbacchini, em seu formidável livro: «**A tribu dos Bororós**», o espiritismo é praticado **em nome de Bope**, isto é, o diabo.

Os índios do Mato Grosso estão na transição entre o antigo testamento de Satanás e o novo. Praticam o espiritismo **exatamente como fazem os médiuns civilizados**, mas o fazem em nome de Bope.

É que entre os civilizados seria muito grosseiro seguir a Satanás, por Satanás. Era preciso saber esconder tão feia coisa e a escondeu.

E isso o diabo o fez, como veremos mediante o processo mais cuidadoso.

Até aí ele vinha com feitiçaria, cuja Bíblia era o «Livro de São Cipriano» e outros auxiliares.

Para alguém ter os poderes de médium feiticheiro **deveria fazer pacto com o diabo**. Na página 28 do livro de feitiçarias chamado de «São Cipriano» está consignada a minuta da escritura da entrega de si mesmo ao diabo, «**para que ele me faça tudo quanto desejar nesta vida**», acaba textualmente.

Vamos citar algumas passagens de alguns dos feiticheiros consignados no dito livro para provar o **quanto o mesmo é satânico**.

Na pág. 26, na **Mágica do Gato preto**, se acha essa oração feita ao diabo:

«Ó grande Lúcifer... me sejas favorável nesta súplica que faço a teus pés. E acaba:... «pelo poder de Lúcifer, meu amigo e companheiro doravante».

Na «**Mágica do Sapo**» para fazer mal, à pág. 38 e 39, existe esta bela oração: «**Sapo eu pelo poder de Lúcifer, de Satanás...** e, principalmente em nome do príncipe Belzebu, etc., etc., assim te aconteça pelo poder de Lúcifer».

Numa outra «**Mágica do Sapo Preto**», à pág. 42, existe esta passagem: «**Bicho imundo, pelo poder do diabo, a quem vendi o meu corpo...** em nome do diabo, diabo, diabo», etc.

Esta é a verdade acêrca de como o diabo domina o mundo antes de Cristo e depois, até Allan Kardec.

Como, porém, a freguesia dos que se vendiam ao diabo ia diminuindo, o demônio, inteligente como é, excogitou outro meio mais fácil e menos horripilante. Esse seria o espiritismo.

Desde 1853 nem sequer existiria mais o demônio.

Como Deus no Novo Testamento aumentou os seus aderentes, o diabo também inventou o seu novo testamento... Como êle o fez e por meio de quem, veremos no próximo número.

O NOVO TESTAMENTO DE SATANÁS

(Artigo publicado no nº 48 de o «Lutador» de 7 de agosto de 1941).

S. Pedro, na sua primeira Epístola (cap. 5, 8), nos previne que vigiemos e sejamos sóbrios: «O vosso adversário, o diabo anda ao redor de vós, como um leão rugindo, procurando a quem devorar».

O diabo está, pois, de alcatéia, para ver como pode lograr.

É só achar o ponto fraco, que faz a ofensiva-relâmpago...

E, com certeza, em meados do século passado, o «estúpido século XIX», como disse alguém, o demônio viu que eram poucos já os que se entregavam à feitiçaria, venden-

do-se ao diabo, para terem em qualquer ascendente sobre os demais e para ter tudo o que queriam NESTA vida».

Aos homens, também, interessa o OUTRO mundo.

Que adiantaria ter só êste mundo, embora tendo tudo, se no outro correria a espada da justiça divina contra os transgressores?

Decididamente, os homens estavam ficando muito sabidos.

O processo grotesco da venda dos homens estava ficando muito antiquado.

E muitos talvez fizessem como S. Cipriano, descobrindo a tempo que, apesar das promessas de Satanás, nada podem os feitiços contra às pessoas amigas de Deus, que é bem mais forte do que êle.

E talvez as deserções fôssem em massa.

E o diabo a cofiar a barba, pensativo...

Como remediar a tantos «males»?...

É esta a minha suposição.

O que é certo e que achou o furo e de um modo providencial (?) para êle.

As irmãs Fox, no Norte América, descobriram que se podiam obter respostas a perguntas por meio de batidas feitas pelos móveis.

Demos a palavra ao mesmo Allan Kardec, a voz mais autorizada dos arraiais espíritas porquanto êle representa o «cristo» do novo testamento de satanás ou o «moisés» do antigo.

Na página IX da Introdução do seu famoso «Livro dos espíritos» escreve êle acêrca da origem do espiritismo:

« Lembremos, antes de tudo, em poucas palavras, a série progressiva de fenômenos que deram origem a esta doutrina.

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no com o nome de « mesas girantes ou dança das mesas »...

Suspendamos a citação para fazermos uma pequena reflexão.

Como não esfregou o demônio suas mãos contente em vendo os homens metendo a mão como desconhecido.

E se ele entrasse em ação, que tal? E que oportunidade!

E o diabo é desses que não deixam para amanhã o que se pode fazer hoje...

Entraria na dança com certeza matemática. Seria louco de perder essa oportunidade?

Demos novamente a palavra a Allan Kardec na introdução do livro citado, pág. XII, § IV: « Se os fenômenos com que nos estamos ocupando houvessem ficado restrictos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Mas assim não sucedeu; estava-lhes reservado colocar-nos na pista de fatos de ordem estranha. Acreditaram haver descoberto, não sabemos pela iniciativa de quem, que a impulsão dada aos objetos não era o resultado de uma força mecânica cega, mas que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente...

Interrompamos mais uma vez o Sr. Allan Kardec. O diabo já entrou em função, já há aí causa inteligente.

Quem seria?

Continua Allan Kardec, pág. 13: « Haverá com efeito,

no caso uma potência inteligente? Tal a questão. Se essa potência existe, qual é, qual a sua natureza, a sua origem? »

Agora é que é o ponto álgido da questão.

Agora é que entra em questão o malabarismo do demônio para o seu novo testamento.

Está pois Allan Kardec em busca da essência, natureza e da origem da causa inteligente que produz os fenômenos...

E usa um processo ingênuo de um escolar, digno de compaixão.

Em primeiro lugar, qualquer princípio de direito ensina que ninguém é juiz e causa ao mesmo tempo.

Se o diabo é aquela causa inteligente que produz os fenômenos em questão, é com certeza matemática que ele negaria a sua existência, aliás não lograria ninguém.

Poderia ser tudo, menos ele... É claro!

Quando alguém não quer pagar uma conta, manda dizer pela criada que não está em casa. É lógico e elementar.

Se o demônio dissesse que era ele, estaria no seu antigo testamento.

A coisa seria como dantes. Não seria louco. Era justamente deste pesadelo que se queria libertar.

O que Allan Kardec devia ter feito era não perguntar ao fenômeno quem era ele, mas ver por fora de que se tratava.

Devia ter feito o seguinte silogismo:

« Aqui há manifestações de outro mundo. Ou elas vêm de Deus ou do diabo. Vejamos se são de Deus. Como é que Deus se tem manifestado até agora: No monte Sinai, por entre trovões e raios falou a Moisés, dando a lei antiga.

Na lei nova Deus falou por meio do Arcanjo São Gabriel à Virgem Maria. Quando nasceu Jesus os anjos anunciaram aos pastores e uma estrela aos reis Magos, o magno acontecimento.

Ora, será possível que este Deus que se manifestou sempre tão solenemente de um modo tão digno, se rebaixasse para falar pelos pés de umas meninas ou de mesas ou móveis?

Repugna vivamente admitir tal baixeza em Deus.

Não sendo de Deus, donde procedem tais manifestações inteligentes citadas por Allan Kardec?

É do outro «freguês» que faz tudo para enganar aos homens.

Mas Allan Kardec caiu na boca do lobo, fazendo do fenômeno causa e juiz.

Naturalmente saiu como o diabo queria.

Demos a palavra a Allan Kardec: «As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam um certo número de pancadas, ... conforme fôra convencionado a uma pergunta feita.

O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era espírito ou gênio, declinou um nome e prestou informações a seu respeito próprio... foi o próprio fenômeno que revelou a palavra...»

Refletamos um pouco.

A resposta era a que o menos avisado deveria esperar de um ente inteligente como é o diabo. Naturalmente.

Qual deverá ser, pois, o processo usado por Allan Kardec?

Procurar nas Escrituras se são permitidas as comunicações com o outro mundo e ali veria que existe uma maldição para os que isso fizeram.

Não que Deus tenha medo da verdade, mas porque as coisas do outro mundo não podem ser controladas por nós outros deste mundo e assim se enfiaria o demônio por qualquer morto.

Em outras palavras: Deus mandou as suas revelações por meio de quem Ele quis. Por Moisés e os profetas, primeiro. No fim, e até o fim do mundo, enviou seu Filho mesmo.

Agora, como vai o homem atrás de comunicações de simples criaturas, mesmo que diabos não fossem, desprezando as do próprio Filho de Deus?

Allan Kardec deveria ter desconfiado e, em todo caso, nunca ter julgado o ser misterioso POR ELE MESMO.

Afinal que definição deu?

Não disse nada de novo. Disse que era um espírito. O diabo também o é. Disse que era um gênio e o diabo é o primeiro gênio do mundo. Ou, se tomarmos por gênios os deuses da antiguidade, aqui se revelou que ele era o mesmo diabo que governava os povos pagãos, os quais viviam cheios de gênios, como faunos, pleiades, neidades, etc. Mas Kardec não se deu conta disso.

E quanto ao que este disse, que deu «um nome» qualquer, quem vai saber se é esse o nome do ser misterioso e se são exatas as informações dadas a respeito de si próprio?

Mas encontrou o «basbaque» na pessoa de Allan Kardec, que acreditou na palavra do pai da mentira, melhor do que no Evangelho de Jesus Cristo.

O diabo não queria outra vida.

Acreditavam nele? Então iria mais adiante. Ensinaria um método mais fácil de se comunicar com os homens.

Textualmente diz Allan Kardec, na mesma pág. 13: Esse meio de correspondência era, porém, demorado e incômodo. O espírito indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou outro objeto. Colocada em cima de uma folha de papel, a cesta é posta em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc. e com tanta rapidez como se escrevera com a mão.

Estava, pois, preparado o terreno para a fundação do novo testamento de satanás, com todos os visos da maternidade.

Quem procura acha. Procurou sarna. Deveria coçar-se.

E continua Allan Kardec na página 14 da dita introdução:

«Esse conselho foi dado simultaneamente na América, na França, e em diversos outros países. Eis em que termos o deram em Paris a 10 de junho de 1835, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina (êle naturalmente) que, havia já muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos espíritos: «Vai buscar no aposento ao lado, a cestinha; amarra-lhe um lápis; coloca-a sobre o papel; põe-lhe os teus dedos sobre a borda» alguns instantes após, a cesta

entrou a mover-se e o lápis escreveu muito legível, esta frase: «Proibo expressamente que transmitas a quem quer que seja o que acabo de dizer».

Mas assim com um balaio ficava ridículo.

O demônio viu isto. Deus não se prestaria a coisa tão ridícula.

E veio uma modalidade mais civilizada.

Diz Allan Kardec, no parágrafo 5 dessa introdução: «Reconheceu-se, mais tarde, que a cesta e a prancheta não eram realmente mais do que um apêndice da mão e o médium tomando diretamente do lápis, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase, febril».

Dêsse modo de escrever, jamais perfeito, nasceu o Livro dos Espíritos, a bíblia do espiritismo, em que o demônio tomou os nomes respeitáveis de S. Luís, Fenelon, Sto. Agostinho, Paulo Apóstolo, Platão, Lamenais, S. Vicente de Paulo, etc.

É um livro cheio de palavras bonitas, onde Satanás é tido como um ser alegórico e não real (pág. 52), onde se declara não haver inferno, nem paraíso, pois, são simples alegorias, também, pág. 426, etc.

É o canto da sereia.

É a doutrina diabólica, apresentada de uma forma tentadora, moderna.

Mas parte de um evangelho que não é o Evangelho de Cristo.

Ele é o novo testamento de satanás. Mudaram as aparências e os nomes; a realidade e os personagens são os mesmos.

6. O DR. FELÍCIO DOS SANTOS E O ESPIRITISMO

Conta-nos o Dr. Felício dos Santos, em seu livro «**Casos reais a registrar**», que ele praticara por quatro anos o Espiritismo. Agia como **médium** e por meio do Espiritismo fazia importantes curas.

No fim de quatro anos, não se sabe por quê, começou a desconfiar de que o Espiritismo fôsse uma religião diabólica, apesar de toda a caridade que aparenta fazer.

E deixou o Espiritismo.

Certo dia foi chamado por uma senhora que sofria de neurastenia.

Os nervos dependem muito do estado de alma. Espírito sossegado, nervos calmos.

Como soube que a senhora, apesar de católica, não praticava a religião, aconselhou-a que se confessasse e comungasse, que isso lhe traria a certeza da amizade com Deus e portanto calma de espírito.

Estava a conversa neste pé, quando a negra cosinheira foi atuada lá nos fundos da casa e da cosinha veio correndo como uma possessa, que realmente era, e assomando onde estava o médico, lhe gritou com todos os pulmões: «Infame, infamíssimo! Por quatro anos te servi e agora tu me persegues?»

Quem era que se sentia perseguido quando uma alma se voltava para Deus?

Quem era que servia o Dr. Felício dos Santos durante os quatro anos que ele agiu com o Espiritismo?

Não precisa ser muito inteligente para descobrir quem é que **realmente** maneja o Espiritismo.

Oxalá todos se dêem conta do triste papel de servir a Satanás, em seu «**Novo Testamento**».

7. O PONTO FRACO DO ESPIRITISMO

(Publicado em o «**Lutador**» de 4 de julho de 1943).

Os livros de Allan Kardec e dos demais espíritas admitem a existência de maus espíritos, embora neguem a existência dos demônios, os maus espíritos por excelência. Assim, por exemplo, no «**Evangelho segundo o Espiritismo**» todo o capítulo 21 trata dos **falsos profetas** «entre os desencarnados», os quais, diz Allan Kardec, «são bem mais perigosos que os vivos» (pág. 309). Apresentam-se, diz o autor máximo do Espiritismo, na mesma página, **como Cristo**, como Maria, sua Mãe, e, até, como Deus». Na (pág. 314), diz textualmente: «Neste momento há em vários países, muitos pretensos Cristos, como há muitos pretensos Elias, muitos S. João ou S. Pedro e **não é possível absolutamente que sejam verdadeiros todos**». «Desconfiai, pois, continua, dos **falsos profetas**, porque muitos impostores se dirão **enviados de Deus**». Diz também na mesma página: «para vergonha da humanidade **hão encontrado pessoas assás crédulas que lhes crêem nas torpezas**».

E é ele Allan Kardec e todos os espíritas crêem nas torpezas dos espíritos mentirosos, afastando-os do caminho da verdade.

Sim, porque o problema da identidade dos espíritos é o ponto fraco do Espiritismo e é o ponto mais importante.

E a questão não é tratada por Allan Kardec e muito menos pelos demais espíritas, como, por exemplo Carlos Imbassahy, em seu livro: **O espiritismo à luz dos fatos com a seriedade necessária**. Admitimos os fatos, mas quem é o causante? Aí é que está o calcanhar de Aquiles do Espiritismo.

Vamos ver como o Espírita nº um, que critica as pessoas **assás crédulas que creem nas torpezas dos maus espíritos**, trata a questão.

E vamos ver **desde o início do espiritismo**.

Desde que as meninas Fox começaram a pantomina das pancadas, o demônio procurou enfiar-se entre os homens sem ser pressentido.

Todo o mundo se dava à curiosidade de brincar com as **mesas dansantes**.

Um deles era Allan Kardec.

Viu-se, diz ele na introdução do «Livro dos Espíritos» que havia sob as pancadas **um fator inteligente** e não meramente fatores mecânicos.

E ele, **assás crédulo**, foi perguntar ingenuamente ao fenômeno **quem era**.

Era lógico que o diabo não disse que era **êle, demônio**.

Disse que era **um espírito, um gênio, deu um nome** e diversas informações a respeito de si mesmo, as quais foram cridas como Evangelho.

Depois o espírito, visto que era crido como um dogma, **ensinou outro modo de escrever**. Aplicando um lápis num câsto, êste rodopiava e escrevia frases. («Livro dos Es-

píritos» introdução fôlha 13). Depois aos poucos atuavam ao mesmo médium de tal forma que êle escrevia **automatizadamente**, mecanicamente. E as primeiras comunicações formaram o «Livro dos Espíritos», a Bíblia do Espiritismo moderno ao lado do «Livro dos Médiuns», começado a 10 de Julho de 1853.

Entretanto, nasceu de uma ingenuidade, de um erro jurídico de fazer do fenômeno **causa e juiz ao mesmo tempo**. Era **assás crédulo ôsse Allan**.

E já que Allan ataca aos que não sabem distinguir os bons dos maus espíritos, dir-se-ia que, pelo menos, êle seria escrupuloso nesse assunto.

Mas é engano. Êle também é **assás crédulo** neste assunto importante.

Senão vejamos. Êle ensina (pág. 315 do «Evangelho segundo o Espiritismo»), que o **meio principal** é passar os ensinamentos dos espíritos pelo **crivo da razão e do bom senso**.

Ora, os que freqüentam as sessões estão em geral já desregulados. Que razão e que bom senso vão ter certos analfabetos e beócios, que só vivem de ódio contra a religião católica e seus sacramentos?

E depois o espírito saído das trevas **vem como espírito de luz**.

Faz o bem ao corpo, ensina coisas que à primeira vista podem parecer certas. Muitas coisas do Espiritismo coincidem com o catolicismo. Mas basta se distanciar **de um só dogma** para fazer de um homem um herege e condenado.

Por mais filósofo que seja um homem, nunca superará em astúcia ao demônio.

O crivo da razão e do bom senso seriam norma segura, não naturalmente falando, mas desde que se comparem os ensinamentos dos espíritos com a mesma Igreja de Cristo e de todos os seus dogmas eternos por Ele ensinados.

A norma principal, porém, Allan Kardec não a faz consistir em seu cotejo e identificação com os ensinamentos de Cristo, da Igreja mas no seguinte: **Uma só garantia existe para o ensino dos espíritos: A concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares** (Id. pág. 14).

Allan Kardec de minha alma, então para se conhecer a identidade dos bons ou maus espíritos **não entram os ensinamentos de Cristo?**

A Igreja Católica admite o aparecimento, permitindo Deus, de almas do outro mundo, como os anjos e santos. Mas seus ensinamentos, uma vez que o **Filho de Deus deu a última palavra em religião**, não podem contrariar os da Igreja. A pedra de toque dos bons espíritos seria a **concordância**, sim, não com eles mesmos, mas com os ensinamentos de Cristo. Os que o contrariarem «são maus espíritos».

E tu, Allan Kardec, foste assás ingênuo de crer nos demônios «desde que todos eles ensinassem em diversos lugares a mesma coisa».

Meu Deus, quanta ingenuidade!

E dizer que desta ingenuidade, deste «lôgro de satanás» nasceu essa heresia que a tantos engana, especialmente no Brasil, terra simples e boa.

Espíritas, reconhecei o erro do vosso pai, deixai o engano e voltai à casa paterna, onde se acham guardados os ensinamentos puros de Cristo, «o grande espírito» que veio ao mundo para dar aos homens a última revelação.

8. O «RODEIO» DE SATANÁS

Cá no sul, quando algum fazendeiro quer fazer negócio com o seu gado, ajunta-o todo num alto de uma coxilha, aparta, ao depois, as cabeças desejadas e no «soladeiro» é abatido. É a safra.

Com os homens, o diabo faz o mesmo pelo Espiritismo. Há três sessões.

Pela sessão dos **passes** reúne o pessoal, pois todos querem a cura de algum mal. É o rodeio.

Pela sessão doutrinária vem o **aparte**, distanciando-se a pessoa da doutrina de Cristo e da Igreja.

E, finalmente pela sessão dos **médiuns**, atua o freguês, fazendo com que perca a independência pessoal, dementando-se, às vezes e causando-lhe, assim, a condenação eterna. É a safra de Satanás.

9. ESPÍRITOS DIABÓLICOS

Mesmo admitindo-se a realidade das comunicações com o além-túmulo, precisamos saber-lhes a origem.

Cristo é, sem contestação, o Filho de Deus feito homem. Veio, também, do outro mundo para nos trazer a mensagem definitiva de Deus.

Se os pretendidos espíritos das sessões fossem realmente as almas dos mortos e suas mensagens correspondessem à verdade em matéria religiosa, visto a verdade ser uma só, elas não se diferenciariam das de Cristo. E espírito nenhum podia comparar-se com Ele para contradizê-lo ou corrigi-lo. Se as mensagens espíritas divergem, como de fato divergem da religião de Cristo, é porque são mentirosas e procedem, não de Deus, mas do pai da mentira, ao qual devemos evitar.

10. «BENEFÍCIOS» DO ESPIRITISMO

E — Sou espírita, porque devo obrigações ao espiritismo.

C — Não é motivo. Não se deve sacrificar a alma em benefício do corpo.

E — Mas olhe o que me sucedeu. Estava doente. Os médicos disseram que eu tinha um abscesso no fígado. Condenaram-me a ser operado. Quando já estava na mesa das operações, o médico recebeu uma carta. Era uma comunicação do outro mundo de um espírito amigo que o avisava que o doente não tinha tal doença. Que se duvidasse examinasse com Raio X. O médico ficou indeciso, mas resolveu mandar-me ao Raio X e eu não fui operado. Com algum tratamento fiquei bom. Por isso sou espírita. (1)

(1) Isso se consegue também pela ciência da radiestesia, sem espiritismo. O espiritismo atribui certos fatos clinicamente ao outro mundo, cujo monopólio pensa ter, quando está provado ser isso uma coisa natural. Nota do autor.

C — Ficou bom, mas abandonou a Deus pelo diabo.

E — Então foi o diabo que me salvou?

C — Quem mais havia de ser? Os mortos não podem intervir em nossa vida, ainda menos por meio dos médiuns.

E — Mas se foi o diabo, ele não é tão mau.

C — É espertalhão. Ele semeia para colher. Faz como o pescador: finge dar comida aos peixes para tentar contra a vida dos mesmos. Ele faz benefícios também por meio da benzedura, passes, fluidos, hipnotismo, etc.

E — E tudo isso é do diabo?

C — Alguma coisa, como o hipnotismo é natural. Mas o diabo aproveita as forças ocultas para fazer benefícios ao corpo, em troca da alma que é o que lhe interessa no homem.

Felício dos Santos diz que todas essas coisas no fundo do saco se encontram.

O espiritismo faz caridade para com o corpo, mas pratica a descaridade para com a alma. E que adianta, diz Cristo, ganhar todo o mundo se a alma sofre prejuízo?

E — Mas, então, deverá o homem sofrer, quando se pode livrar do sofrimento?

C — Em primeiro lugar, o demônio e seus sequazes, embora possam fazer coisas realmente mirabolantes, conforme diz o Evangelho, contudo não podem curar todas as doenças; não podem fazer milagres, porque estes importam em suspensão das leis da natureza que a Deus pertence.

A construção de tecidos novos no corpo humano saindo de repente uma ferida, seria um milagre. O que o diabo pode curar são as doenças nervosas, uma dor de dentes, etc. Ele pode pôr fora os bichos de uma bicheira, mas

não curar a ferida. Se fôsse Deus que agisse na benzedura, não se limitava a uma coisa. Sararia também a ferida, porque Deus não faz as coisas pela metade. Em segundo lugar, Jesus ordenou que nós carregássemos a nossa cruz. O sofrimento é a nossa cruz de cada dia. O cristão pode em verdade, recorrer aos medicamentos humanos que tem propriedade para curar. Mas sujeitar-se um cristão, que se julga filho de Deus, a pedir auxílio ao demônio é a última vergonha, eu lhe aviso. Basta o pecado que fêz recorrendo ao poder do diabo. Ainda quer aumentar seu crime, passando para ele com armas e bagagens? Não seja desertor!

E — E a gratidão que devo ao espiritismo?

C — Não dizem eles que praticam a caridade sem interesse? Pois, sendo assim, porque vai atirar-lhe atrás sua alma?

E — E que diz do lema «fora da caridade não há salvação»?

C — Que é um lema contra o espiritismo, porque para ele representa uma mentira.

E — Como e por que?

C — Porque para o espiritismo não há condenação eterna para ninguém. Sempre há salvação para todos, mesmo para o que não pratica a caridade. Como é que vem dizendo, agora, não haver salvação para os não caridosos?

Este lema representa mais uma mentira do espiritismo, além das muitas outras que impinge à humanidade.

E — ?!

II. A ORIGEM DO HOMEM

E — E donde vem o homem? do macaco?

C — Foi criado por Deus: o corpo mediante os pais e a alma diretamente por Ele.

E — Mas dizem os nossos grandes pensadores que o homem vem do macaco.

C — Se eles querem ser filhos de qualquer macaco, respeitemos-lhes a vontade, embora lhes reprovemos o mau gosto.

Mas, mesmo que viessem do macaco, donde viria, neste caso, o primeiro? Sempre vamos dar na mesma coisa. O homem foi feito por Deus e não veio do macaco. Ele é mais perfeito que o macaco: o corpo deste é quadrumano e o homem é bípede. A caixa cerebral é ínfima no mono, no homem é desenvolvida.

E — Mas não poderia o macaco evoluir?

C — Porém, sempre dentro da espécie macacal.

Outros animais também se aperfeiçoariam, sem por isso se lhes atribuir a paternidade humana. Dentro de cada espécie pode haver melhoramento, mas não pode uma espécie produzir outra.

E — Mas há experiências de se misturar uma raça com outra em evolução perfeita, especialmente entre as plantas.

C — Mendel conseguiu isso artificialmente, mas deixando os exemplares apurados entregues a si mesmos, aos poucos se processa a involução: cada qual volta a sua espécie primitiva. Isso Mendel experimentou na cruz de ratos brancos com os outros. Conseguiu ele ratos tubianos, mas

cessando a influência externa, cada um voltou a sua primitiva côr.

De mais a mais: ninguém pode dar o que não tem. O homem tem inteligência e o mono só tem o instinto. O homem fala e o mono não tem cordas vocais...

E se o homem viesse do macaco, como ainda há macacos, porque não saem mais homens, filhos ou descendentes do macaco?

As mesmas causas dão os mesmos efeitos...

E quem viu o homem descender do macaco?

E — Mas Heckel provou ter encontrado o homem intermediário, tanto em ossada, como em embrião.

C — Heckel foi desmascarado pelos sábios Brass e Gemelli que provaram, em livro, (1) que ele tinha falsificado esqueletos e embriões, sendo portanto um homem sem seriedade e não merece confiança. O que admira é que ainda haja gente que se julga inteligente e vai atrás de tudo quanto é mentira.

12. LIVROS INFAMES

Uma enxurrada de livros prejudiciais de todos os calibres têm editado a Livraria de «O Pensamento» (o esoterismo é ante-sala do espiritismo, uma como salada de frutas entre judaísmo, feitiçaria, ciência e espiritismo, sendo a maior dose de superstição com seus talismãs e horoscópios) e a Livraria da Federação Espírita.

(1) As falsificações de Heckel — versão Italiana.

Todos eles são perigosos.

Os piores, porém, são os que se referem aos Evangelhos. Assim são o «Evangelho segundo o Espiritismo» e «Jesus perante a Cristandade». Não se pode pensar em livro mais infame que este último. É o produto de um médium sonambúlico, como diz no prefácio e foi feito em seis meses de «mensagens».

Preferem os autores (são diversos, como o sonâmbulo) as mensagens dos espíritos, corrigindo as palavras de Deus Nosso Senhor, alegando que os escritores não teriam ouvido bem o que dizia Jesus. Para eles, por exemplo, as palavras de Jesus: «ELI, ELI, lamma sabactani» foram ditas pelo bom ladrão. O evangelista ouviu mal...

Fazem questão em sustentar que João Batista fôsse Elias reincarnado, apesar de dizer a Bíblia que ele ainda não morreu, apesar dêle mesmo, João, ter negado quando perguntado pelos escribas se era ele Elias.

Textualmente: Perguntaram-lhe eles: «Quem és, então? És tu Elias? Ele respondeu: Não sou» (Jo 1, 21).

Farão os espíritas com João Batista o que Molière fez com o médico à força?

Ele a dizer que não é Elias, e eles a saberem mais do que ele mesmo.

E o livro, com uma profanação cínica, passa pelos livros santos com o mesmo respeito com que um suíno passa por entre os canteiros de uma horta bem cuidada, ou um jardim de flores...

Não fica em pé um dogma sequer.

É uma catilinária do princípio ao fim. E os argumentos: afirmações e nada mais.

Causa até asco sua leitura.

Mas devemos dar-lhe o desconto, pois, foi escrito por um médium **sonambúlico**...

Ainda bem que gente de juízo não lhe pode emprestar importância.

13. JÁ É TEMPO DE O GOVERNO AGIR

O «Diário de Notícias» do dia 31 de março deste ano da graça de 1951, trouxe um artigo bastante extenso, em que é descrita a crucifixão de uma pobre velha pelos próprios filhos e netos, depois de a espancarem cruelmente durante vinte e três dias. Trata-se de um caso sucedido em LUZIANA, Estado de Goiás. A velhinha se chamava Maria Corrêa Cortes. A história foi assim: «Numa sessão espírita executada pelo «médium» Perciliano José da Silva, «desceu» o espírito de um tal «D. Clemente». Este espírito guia protetor disse que a velha tinha um espírito mau no corpo e que era preciso uma surra diária com a imagem do Senhor São Bom Jesus. Da primeira vez os filhos a deixaram sem sentidos. No 23º dia de surra e seu último dia, isto é, a 25 de fevereiro deste ano, a velhinha se achava como de costume, amarrada numa cruz tosca exposta à chuva e ao vento. Conseguiu, porém, romper as amarras e arrastou-se penosamente até a sua casa. Deitada em terra, extenuada, sem forças sequer para falar, num esforço supremo implorou que lhe dessem um pouco de chá quente, porque sentia frio e fraqueza. Um seu neto, filho de Afonso Fleury, respondeu

ao pedido, desferindo violento pontapé no queixo da mulher velha, arrebatando-lhe os dentes e fazendo o sangue jorrar pela boca. A cabeça da pobre velhinha bateu contra uma pedra, fazendo-a sofrer longa vertigem. Ninguém socorreu, pelo contrário arrastaram-na para junto da cêrca, onde no dia seguinte foi encontrada morta.

Os vizinhos quiseram ver o cadáver, mas a família entortou a todos e sepultou a velha no quintal, pensando que tudo estava acabado. Foi quando a polícia entrou em função, prendendo vinte e cinco pessoas entre filhos, netos e genros da inditosa vítima do espiritismo, Maria Corrêa Cortes».

Até aqui o «Diário de Notícias» e outros Associados. Quem não fica revoltado com um crime como este?

E o pior é que não é o primeiro e nem será o último se as autoridades competentes não puserem côbro a essa maldita praga do espiritismo.

Se o governo dá combate ao mosquito da malária, se procura dar combate a tuberculose e ao câncer, porque deixa campeando uma praga que produz loucura coletiva?

O Governo tem veterinários até para cuidar dos animais, por que pois, não defende também os homens pondo o espiritismo fora da lei?

Mandar a polícia «post factum» não adianta. É preciso prevenir o mal.

Já é tempo de o governo agir, condenando as execrandas e antipatrióticas práticas do espiritismo. É obra de patriotismo.

FÊZ CEM ANOS O ESPIRITISMO

O Espiritismo, na sua fase moderna, data de 10 de Junho de 1843.

Pelo menos é o que diz Allan Kardec, na introdução do « Livro dos Espíritos ». E creio que Allan Kardec, depois de Satanás, seja a maior autoridade do Espiritismo.

Antes dessa data, o espírito do mal, o Capeta, como o chama o nosso povo, tinha sua religião oficial: era a feitiçaria. Haja vista o famoso livro de São Cipriano. Mas como os homens não achavam bom negócio vender-se ao Capeta por toda a eternidade em troca de alguma fama e poder de fazer BEM OU MAL, a freguesia se foi apoucando. O pai da mentira excogitou, na sua lúcida inteligência, um outro meio pelo qual pudesse pegar mais gente. E inventou o Espiritismo. E em fazê-lo, não podia ser mais inteligente, mais refinado e demoníaco.

Começou com uma brincadeira.

Como é do conhecimento de todos, ele começou com a brincadeira das irmãs Fox. A brincadeira se tornou geral. Todo o mundo, mesmo padres se entregavam ao divertimento do « mesmerismo » ou das mesas dançantes. Mas o Capeta estava preparando com isso um bote de gato esparto. É o próprio Allan Kardec que no-lo diz: « Aquela força secreta que faz dançar as mesas me disse: vai ao quarto ao lado e traga um balaio que ali está e aplica-lhe um lápis, pois eu vou dar mensagens mais rápidas ». (Livro dos Espíritos, página 12 da introdução).

Como é que uma mesa vai saber que no quarto ao lado havia um balaio, coisa que ele, dono da casa, não sabia. Antes a escrita era feita de um modo muito demorado. Havia uma combinação que as letras tinham tantas pancadas quantas exigia a posição de cada uma. Assim o « a » tinha só uma batida e « z » 25.

Mas acabou numa heresia.

A brincadeira se acabou quando a tal **fôrça secreta** começou a dar suas mensagens de um modo diferente.

Essas mensagens podem-se reduzir a DUAS PRINCIPAIS. As demais são CONCLUSÕES práticas dessas duas: a) não há DEMÔNIO e b) o homem é FILHO DO MACACO.

O Capeta viu que a sua catadura horrível afastava os homens de si.

E viu que era negócio desaparecer. Fêz como o moleque: arma o alçapão e depois desaparece. Só quando o trouxa do canário está dentro do alçapão é que vai ver COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA.

CONSEQUÊNCIAS

Se não há diabo, Cristo mente quando fala nêle dezenas e dezenas de vêzes. O Evangelho fala que Cristo foi tentado pelo diabo. Está mentindo. E se não há diabo, chamando uma alma, ele não pode vir atrapalhar a vida de ninguém. O que não existe não pode incomodar.

E a segunda mensagem é ainda pior.

Se o homem é FILHO DO MACACO, não sendo casada a macaca, de quem será filho?

Mas o pior não é isso. Se o homem é FILHO DO MACACO, não é FILHO DE ADÃO E EVA. Logo MENTE A BIBLIA QUANDO FALA DE ADÃO E EVA. Mais. Se o homem é FILHO DO MACACO, não tem pecado original. Logo Cristo foi um bobo em vir a este mundo pagar uma dívida que não havia, reparar um pecado que não existiu. Logo o Batismo é uma cerimônia desnecessária e sem cabimento. Logo os Evangelhos mentem.

E adeus religião, adeus cristianismo!...

E sabendo que as coisas são ASSIM MESMO no duro quem quer ser espírita?

Quem quer ir com o Capeta?

PARTE QUINTA

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

I. CREDENCIAIS PROTESTANTES

C — Todos os que receberam de Deus missões especiais trazem credenciais, para serem reconhecidos como tais. Essas credenciais se resumem nos dons do milagre ou da profecia, aliados a uma vida santa, como convém a um instrumento de Deus «três vézes santo».

Assim, vemos Moisés, os profetas, Cristo, os Apóstolos, S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. Vicente Ferrer e tantos outros, provaram com atos milagrosos a própria missão: Cristo, em nome próprio, e os outros em nome de Deus.

P — Mas Lutero era um grande homem.

C — A medi-lo pela sua baixeza, pode ser. E depois, onde os milagres e as profecias com as quais Lutero deveria provar a maior missão confiada por Deus a um homem qual a de restabelecer na terra verdadeiro cristianismo corrompido por homens depravados (sem saber quais, nem como, nem quando?)

P — Mas ele predisse com tanta exatidão as calamidades do tempo atual...

C — E não predissera ele também que com sua morte morreria o Papa e nunca mais haveria outro?

P — Infelizmente, isso não se pode negar. Disse, sim.

C — E não morreu ele? E não vive o Papa? E um mentiroso não merece fé nem quando diz a verdade. Quanto ao predizer o tempo atual, não quer dizer nada, pois os tempos são quase todos iguais.

Basta dizer que em cada século julgou ser o último. O próprio Lutero dizia que no seu tempo não havia maluco que não se julgasse profeta (Vêde Cantu, vol. 15).

P — E a Igreja teve esta prova da profecia?

C — Perfeitamente. No começo do cristianismo, todo batizado tinha dons extraordinários e muitos deles eram profetas, inclusive dentre as mulheres. Isso consta especialmente nos Atos e Epístolas de São Paulo.

P — E os milagres?

C — Dos da Igreja falaremos mais tarde. Dos de Lutero pergunto eu: onde estão?

P — ?

C — Pois eu também não sei de nenhum. Não houve. Eis tudo.

P — Mas, ao menos, foi um varão de grandes virtudes e provou a sua missão por elas.

C — Escute. Ser imoral é ser virtuoso?

P — Pode ser tudo, menos isso.

C — E ser intemperante?

P — Tão pouco.

C — E tomar respeitáveis carraspanas?

P — Menos ainda.

C — E dizer cobras e lagartos contra tudo e contra todos?

P — Deus me livre!

C — Pois estas eram as virtudes do «santo» Lutero.

P — Protesto!

C — Está no seu direito, mas errou o alvo. Se há de protestar, proteste contra Lutero, pois, foi ele que assim se demonstrou. Não sou protestante, para inventar histórias...

P — Quero ver o que o Sr. acha contra o nosso santo.

C — «São» Lutero foi, como já o disse, imoral.

P — E as provas?

C — Em 1525, para fazer «calar as más línguas», Lutero casou com Catarina de Bora com a qual queria, diz ele — casar a despeito do demônio — (de Wette — Cartas II, página 655).

P — Então casar é ser imoral?

C — Casar um solteiro qualquer não; mas casar ele, o «enviado do Altíssimo», ele, que jurara a Deus perpétua castidade para assimilar-se a Cristo, não passa de uma materialização de um homem que se julgava espiritualizado: não passa de uma verdadeira decepção. E ele bem o compreendeu. Escreveu: «a mim é que não hão de impingir mulher» (Ibidem, 40, 41). Depois do seu casamento, escrevia: «Com este meu casamento, tornei-me tão desprezível, que os anjos se hão de rir e os demônios chorar» (Ibidem, III, 2, 3).

P — Mas isso tudo ainda não é muita imoralidade.

C — Se não basta isso, citarei o que não queria citar. (Em de Wette, Cartas II, pág. 646), diz Lutero numa carta ao amigo Spalatino, em 1522: «Quanto ao resto,

visto que me escreves sobre o meu casamento, não quero que te admires de eu não casar, apesar de eu ser famoso como conquistador». (Agora vem uma passagem imoral, e segue): «Pois tive três mulheres ao mesmo tempo...»

P — Mas que horror, se fôr verdade!

C — É tão verdade, que o grande amigo d'ele, Melancton, escrevia a Camerário, a 16 de junho de 1525, dizendo:

«Lutero era um homem extremamente leviano e as freiras (que elle tirava do convento) lhe armavam laços com grande astúcia e habilidade, que acabavam por visgá-lo. O freqüente comércio com elas teria talvez efeminado um homem mais forte e de mais nobres sentimentos e ateado o incêndio» (citado pelo P. Leonel Franca, S. J. na IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO, pág. 197).

P — Mas Lutero não é o único Reformador.

C — Não é o único, mas é o mestre de todos.

E o discípulo não é melhor do que o mestre. De mais a mais, sabemos que Calvino tinha as costas marcadas com ferro em braza por causa do crime de Sodomia e Henrique VIII mudava de mulher quando lhe dava na telha. Mostravam-se dignos discípulos de tal mestre. Mas, vamos a outra virtude de Lutero: a intemperança no comer e no beber.

Escrevia, já em 1519, ao seu superior Staupitz: «Sou um homem... implicado na sociedade, na crápula, etc. (De Wette, Cartas I, pág. 232).

Em 25 de julho de 1534, escrevia a sua mulher Catarina de Bora: «Ontem aqui bebi mal e depois fui obriga-

do a cantar, bebi mal e sinto-o muito. Como quisera haver bebido bem, ao pensar que bom vinho e boa cerveja tenho em casa, e mais uma bonita mulher... Bem farias em mandar-me daí da adega bem provida do meu vinho, o mais freqüente que puderes, um barril da tua cerveja» (Ibidem, IV, 553).

De Wartburg (14 de maio de 1541), escrevia: «Aqui passo o dia todo no ócio e na embriaguez» (Ibidem, II, página 6).

E por aí além.

Estas virtudes de Lutero se encontram expressas também no livro «Tischenrede», livro protestante que cataloga anedotas de moral duvidosa, atribuídas a Lutero — o pai da Reforma.

E na linguagem, é Lutero violentíssimo. Diz «cobras e lagartos».

P — E provas?

C — Numa despedida, lhe dissera o seu colega Carlstadt: «Possa ver-te esmagado por um rôlo». Ao que elle retrucou: «Mil raios te partam, antes de saíres da cidade» (Weimar, Werke, XV, pág. 340).

A 10 de dezembro de 1519, queimou publicamente a bula de excomunhão, «exprimindo não poder fazer o mesmo ao pontífice que perturbava ao santo do Altíssimo (Cantu). Antes queria ver a Alemanha dilacerada pelos cães de Constantinopla do que entregue à guarda do pastor de Roma» (Ibidem, LX).

«Visto nós empregarmos a força contra os ladrões, o cutelo contra os assassinos e fogo contra os hereges, porque não havemos de lavar as mãos no sangue destes

mestres de perdição, destes cardeais, etc. (Id *Ibidem*); a Carlostadt chama de «diabo doméstico e traidor» (Weimar, Werke XVIII, pág. 213). Os sacramentários são para ele assassinos das almas, homens satanizados, persatanizados, supersatanizados. . . Os amigos, um é bête-fera, outro maniqueu, outro cobarde, este uma alma servil, aquele um orgulhoso, etc. (Vêde Franca, A IGREJA, a REFORMA e a CIVILIZAÇÃO, pág. 208).

Agulava os camponeses a se revoltarem, e, tendo-se estes revoltado, aconselha aos patrões a matá-los como cães danados: Eu entendo, diz ele, que todos os camponeses devem morrer, visto terem atacado os príncipes, os magistrados, brandindo a espada, sem autoridade divina (e ele a teria na sua rebelião contra o Papa?). . . Os camponeses não merecem misericórdia, mas sim a indignação dos homens de Deus. (Como ele!) Os camponeses são réprobos de Deus e do imperador, podem-nos matar como cães danados.

«Sus, sus, príncipes, às armas! Feri, matai! Chegou o tempo assombroso, em que um príncipe pode, dando cabo dos camponeses, ganhar o céu mais facilmente do que outra gente a rezar (inclusive ele)».

(Cantu, vol. IX, livro 15, pág. 292).

Em outro lugar, diz (Obras II, pág. 120: «Quem ajudar com o seu braço ou com os seus bens a derribar os bispos e a hierarquia episcopal, é bom filho de Deus, verdadeiro cristão e observa os mandamentos do Senhor» (à moda d'ele, de certo).

A Universidade de Paris é a grande prostituta da profecia, e os professores são jumentos da Sorbone. Henrique VIII é o «faraó da Inglaterra».

O Papa é o «suíno de Satanás».

Católico é o «católico».

Santíssimo é o — «sataníssimo», etc. etc.

Tanta baixeza de linguagem era notada pelo próprio Lutero, pois dizia: «Não posso negar que sou mais violento do que convém, mas os meus inimigos, que o sabem, não deviam atizar o cão». «Quase todos me condenam pela mordacidade» (Wette, Werke I, pág. 479).

Se acrescentarmos à vida de Lutero uma soberba inominável, capaz de fazê-lo pronunciar frases como estas «muito embora a Igreja, Agostinho e os outros doutores, Pedro, Apolo, e até um anjo do céu ensinem o contrário, minha doutrina é tal, que só ela engrandece a graça e a glória de Deus e condena a justiça de todos os homens, na sua sabedoria» (Weimar, Werke XII, 132), então teremos um pávido reflexo, um perfil desmaiado do que foi o santo reformador, o insigne varão, o expoente de santidade do protestantismo.

P — E os outros fundadores não eram melhores?

C — Os contemporâneos de Lutero, quase todos expadres, mostram-se dignos discípulos de tal mestre: Zwinglio, Calvino, Beza e outros. Onde pois, as credenciais do protestantismo?

2. ÚNICA REGRA DE FÉ

P — Reconheço que os nossos fundadores não foram exemplares, mas isso não obsta que eles tenham tirado da Bíblia toda a verdade. Às vezes do barro pode-se tirar um diamante e do monturo um lírio.

C — Se eles fossem ministros quaisquer, vá lá, mas nunca se teria servido Deus de tais indivíduos para fazê-los encarregados da grave missão reformadora. Como haveriam de reformar os outros, eles, que necessitavam de reforma? É o caso de dizer-lhes: «médico, cura-te a ti mesmo!»...

P — Mas, ao menos, será aceitável o princípio deles de ser a Bíblia a única regra de fé?

C — Até nisso erraram.

P — Mas se o diz a própria Bíblia.

C — Engano.

P — Se tenho oito textos, provando-o...

C — Não provam coisa alguma. Qual é o primeiro?

P — Dt (4, 2): «Vós não ajuntareis nem tireis nada às palavras que vos digo: guardai os mandamentos do Senhor vosso Deus, que eu vos intimo».

C — Onde a prova para a Bíblia, única regra de fé? Deus aqui inculca a observância dos mandamentos. E daí?

P — Se não prova este texto, provará Josué (23, 6): ... «Sejais constantes, e solícitos em guardar as coisas que estão escritas no livro da lei de Moisés: e não vos arredeis dela, nem para a direita nem para a esquerda».

C — Também este texto só inculca a lei de Moisés. Da Bíblia — única regra de fé — aqui nem se cogita.

P — Mas prova-o ao menos S. Lucas (16, 29): «Eles têm a Moisés e os profetas, ouçam-nos».

C — E não sabe que este Moisés e profetas os judeus os ouviam da boca dos sacerdotes? «A boca do sacerdote guarda a sabedoria», diz a Bíblia. Cristo explica Moisés e os profetas ao povo. Todos os rabinos faziam o mesmo.

Logo, o texto de Lucas não só não prova que a Bíblia é a única regra de fé, como até, dadas as circunstâncias, prova o contrário.

P — Provará, porém, (Hbr 4, 12): «Porque a palavra de Deus é viva, eficaz, e mais penetrante do que a espada de dois gumes», etc.

C — Este texto nem sequer fala na Bíblia. Fala da palavra de Deus pregada pelos Apóstolos. E mesmo se se referisse à Bíblia, não diz que é única regra de fé.

P — Mas di-lo (Jo 12, 48): «O que despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue».

C — Este texto prova justamente o contrário, como o antecedente. Fala da palavra oral, pois no verso antecedente diz: «Se alguém não ouvir minha palavra», etc. ... Logo não diz «quem não ler», mas «quem não ouvir» a minha palavra. Logo, a verdadeira regra de fé é a pregação, a qual se serve de toda a palavra de Deus, escrita ou não.

P — Mas provará que a Bíblia é a única regra de fé o livro dos Atos, (17, 11): «Estes eram mais generosos do que aqueles que se acham em Tessalônica, os quais receberam a palavra de Deus com ansioso desejo, indagando as Escrituras se estas coisas eram assim».

C — A pregação dos Apóstolos não era a palavra de Deus?

P — Era.

C — E a palavra de Deus não é Regra de fé?

P — É.

C — E neste texto fala da Pregação e da Bíblia incompleta, pois faltava ainda um Evangelho, o de S. João. Logo, contradiz a teoria protestante de ser a Bíblia única

regra de fé. Mesmo que surgisse divergência entre os leitores e a pregação, a harmonia entre as duas devia ser estabelecida pelo enviado de Deus — o pregador, o Apóstolo, porque Deus não se contradiz. E ninguém, fiado numa má interpretação de um texto, teria tido a autoridade de condenar a um pregador. Logo, este texto prova o contrário...

P — Mas provará a (Ep. aos Gl 6, 16): «E a todos os que seguirem esta graça, paz e misericórdia sobre eles, e sobre Israel de Deus». Aqui fala-se evidentemente da Bíblia, única regra de fé.

C — Pois cristão, aqui nem se fala em Bíblia, mas na imitação de Cristo, pois o contexto diz (v. 15): «Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão valem nada, mas o ser uma nova criatura».

Esta é a regra a que se refere S. Paulo, pois, imediatamente depois é que diz: «E a todos os que seguiram esta regra...» Que regra? De fé? Não. De ser uma nova criatura. É tão evidente...

Logo, não há um só texto que prove ser o magistério infalível, sujeito à Bíblia a única regra de fé. Mas a Bíblia sujeita ao magistério por ter sido escrita por este e ser por este explicada autenticamente.

Daqui se infere, também, que o protestantismo não se funda na Bíblia, pois se funda numa regra de fé que não se encontra nela. Logo, a Regra de fé protestântica é anti-bíblica.

3. PEQUENAS DIFERENÇAS

C — Chegamos ao ponto, ao qual nos referimos no princípio da nossa palestra. Referimo-nos a que entre as diversas seitas protestantes há só **pequenas diferenças**, modalidades, assim como entre as diversas ordens religiosas da Igreja Católica.

P — Exatamente.

C — Entretanto, nada mais falso.

P — Por que, se me permite?

C — Porque entre as diversas ordens religiosas, não há diferença dogmática alguma. Todas obedecem a um só chefe — o Papa — e admitem os sete sacramentos. Só se diferenciam no modo de empregar a vida. Não assim as seitas protestantes. Há entre elas diferenças capitais. Há dogmas contra dogmas, verdades antíteses.

P — Há de provar isso!

C — Com suas próprias palavras.

Diga-me lá: se Cristo está ou não presente na Santa Hóstia é pouca diferença?

P — Diferença infinita, radical.

C — Pois bem, os luteranos, como os ritualistas e os anglicanos, acreditam que Jesus esteja realmente presente na Ceia em virtude das palavras «Isto é o meu corpo». Os mais: metodistas, batistas, adventistas, etc., negam a presença real de Jesus na Ceia, dizendo que aquilo é um símbolo de Jesus e não Jesus mesmo.

Logo, não há diferentes modalidades...

P — Mas tirando isso, não há diferença.

C — Não pouco. Jesus é Deus?

P — É.

C — Entretanto, os unitários e os racionalistas enca-
beçados por Harnack, o negam.

E a diferença, se Cristo é Deus ou não, é como entre
a existência ou não de Deus.

P — Mas eles; de certo não são protestantes.

C — Tanto como os outros. Têm eles a Bíblia na mão,
e por base o livre exame, como os mais. Logo, são legítimos
protestantes.

P — Mas, também, não passam as divergências de dois
pontos interpretados de diversa maneira. Logo, são modos
de interpretar, modalidades...

C — Neste caso, o sim pode ser não, e o preto, bran-
co... Tudo depende do modo de interpretar. Pois sim!
Graças a Deus a humanidade ainda não é idiota para não
ver este absurdo.

Mas há mais.

Quantas pessoas há em Deus?

P — Três iguais, mas realmente distintas.

C — Entretanto, os unitários só admitem uma pessoa
em Deus. Daí o nome deles.

Mais. Quantas mulheres simultâneas pode ter um ho-
mem?

P — No Novo Testamento, uma só.

C — Entretanto, os mormons admitem a poligamia...

P — Então não são protestantes.

C — Com o mesmo direito dos mais. Com a Bíblia
e o livre exame. E nenhuma seita protestante pode excluir

as outras, pois cada qual é independente e descobridora
dos próprios dogmas.

E o sábado é a mesma coisa que o domingo?

P — Não é.

C — Praticar o domingo não é praticar o sábado. Lo-
go, não é questão de modalidade. E há protestantes que
observam o sábado e outros que observam o domingo.

P — Entretanto, tôdas as seitas se acham muito ir-
mãs. Os católicos é que acham tantas diferenças.

C — Digo mais. Tôdas as seitas, embora figadalmen-
te inimigas entre si, sòmente estão concordes no ódio para
com a Igreja Católica. É um traço de união entre elas.
Quanto ao mais, elas não têm uma origem comum, não
têm uma unidade de dogmas, não têm unidade de socie-
dade com um único chefe. É um reino dividido pelos dog-
mas e unificado pelo ódio.

P — Reino dividido disse? Prová-lo-á.

C — Já o provei quanto aos dogmas. Quanto ao pes-
soal dirigente, desde os primórdios do protestantismo, bas-
ta vermos os epítetos que se davam os fundadores recípro-
camente. Vimos como Lutero tratava a Carlstadt. Do mes-
mo modo tratava ele os outros reformadores. Amaldiçoava
a Zwinglio e Munzer: Oecolampadio é o mestre da calúnia
e o príncipe dos sofistas (Zwinglio, Opera VIII, 165).

Os outros reformadores também lhe recambiavam as
delicadezas. E por sua vez, tratavam-se do mesmo modo.

Para Buccero, pelas veias de Calvino passou o vírus
da maledicência, como o da raiva nos cães danados (Franca
— A IGREJA, A REFORMA E A CIVILIZAÇÃO, pág. 208).

O luterano Faber rezava diàriamente que Deus libertasse a Igreja da peste calvinista.

Certo dia, o rei da Polónia recebeu uma carta dos calvinistas que dizia: «Ó Casemiro poderoso, expulsa os servos de Lutero; mata-os à espada, na roda, no mar, com corda e com fogo» (Cantu LX).

Zwinglio diz de Lutero: «Quando leio os seus livros parece-me ver um porco grunhindo, num jardim perfumado de flôres» (Opera II, 192). E isto basta para provar que o protestantismo foi um reino dividido em tudo, menos no ódio à Igreja Católica, desde os seus primórdios.

P — Embora naquele tempo houvesse resingas entre os reformadores, o tempo apaziguou os ânimos e a civilização abrandou as expressões.

C — Apesar de tudo isso, ainda ouço protestantes condenando adventistas como fanáticos e fariseus. Por sua vez os adventistas mimoseiam ao protestantismo com o honroso epíteto de «sombra da grande besta». (Sendo esta a Igreja Católica!!!)

P — Isso diz o Sr.

C — Mas falando a verdade. Poderia citar nomes. Como não quer ouvir a mim, ouça protestantes.

O Batista Anderson Berry escreveu um opúsculo «O sabatismo desmascarado», universalmente conhecido. Diz: «A necessidade de prevenir o povo de Deus com relação a estes falsos profetas que visam somente estragar a vinha do Senhor etc... É um fato que o maior afã dos sabbatistas (adventistas do sétimo dia) é o de desfazer a obra de Jesus» (como as mais seitas protestantes, aliás).

E terminando: «Fugi dâles, povo de Deus!»

Outro exemplo:

O Pastor Petrowski, do Rio, baixava, com data de 11-1-1923, o seguinte aviso: «Alerta! Acho ser um dever meu avisar a todos os meus amados irmãos do D. Federal, que se acha entre nós o Sr. José Felintro, da seita episcopal... Estejam todos alerta: porque êle vem semear aqui entre nós a sua nefanda heresia com aparência das coisas mais santas».

O último documento que me caiu nas mãos a êste respeito é a revista «Igreja Luterana» nº 11, de Novembro de 1942: A página 4, escreve o que segue a respeito das demais seitas que vivem de mistura entre os luteranos: «Haverá cristãos entre as multidões que professam a religião adventista do sétimo dia, ou mormônica, ou unitária ou universalista? Impossível! Pois, se bem que usem a Bíblia rejeitam-lhe o coração a saber, o Evangelho. Ora é somente o Evangelho «o poder de Deus pela salvação. Só no Evangelho se descobre a justiça» que vale perante o Juiz Supremo. Quem carece desta justiça ou santidade não é cristão. Ora, os membros destas religiões julgam desnecessária a misericórdia divina, blasfemam o Cordeiro de Deus, procuram estabelecer a própria justiça perante O Altíssimo. E, tomem nota, fazem-no publicamente, como privadamente. Escarnecem o Espírito Santo, único ensinador da verdade, o único que é capaz de fazê-los chamar «Senhor», de conservá-los na fé até ao fim. Como pode tal gente ser cristã? Em vão buscaremos trigo nestas roças. Não passam de «sinagogas de Satanás»; seria blasfêmia chamar «cristãos a tais igrejas».

Até aí a revista citada.

Uns negam que os outros sejam cristãos.

A Igreja Católica é taxada de intolerante, mas entretanto ensina que **TODO O HOMEM BATIZADO** válidamente, mesmo que o seja por um judeu, não deixa de ser cristão. Os protestantes, entretanto, negam que nós sejamos cristãos. Vi muitas vezes no «Expositor Cristão» e nas revistas Luteranas.

Estará convencido, agora, da verdade de ser o protestantismo um reino dividido e serem os protestantes de hoje, dignos descendentes dos Reformadores ou melhor, dos Deformadores da religião cristã?

O protestantismo não passa de uma imitação falsificada do catolicismo. Como tôdas as falsificações, embora de ingredientes diferentes, tendem a combater o produto genuíno, assim o protestantismo, o de antanho como o moderno, é um reino sem conexão e unido unicamente pelos laços da combatividade e do ódio para com a Igreja.

É a moeda falsa que pretende suplantar a verdadeira.

Mas nunca logrará o seu intento. Sempre lhes resta um ponto por onde se desmascara... Deus não permite que os homens sejam tentados além das próprias forças.

4. PATRIARCAS DO PROTESTANTISMO

C — Faça o favor: Cristo era visível?

P — **Perfeitamente.**

C — E os Apóstolos?

P — **Também?**

C — E o povo que os escutava?

P — **Que dúvida?**

C — Pois assim Cristo queria que a sua Igreja continuasse através dos séculos. «**Assim** como meu Pai me enviou, eu vos envio a vós» (João, 20, 21). Logo, a verdadeira Igreja de Cristo é a que atravessou os tempos, **visivelmente**.

Ora, essa Igreja é a Católica.

P — **E o protestantismo?**

C — Só começou visivelmente com Lutero.

P — Mas nós tivemos patriarcas, ou, como diz Carlos Pereira, «**pias** tesmunchas da verdade», como os albigenses, os waldenses João Huss e João Willeff.

C — Estão bem arrançados se se escorarem nêles! Em primeiro lugar, vieram tarde demais, pois os mais antigos são os albigenses, que vieram com doze séculos de atraso: apareceram pelos anos 1200 da era cristã.

De mais a mais, o protestantismo não endossa as teorias dos seus patriarcas, nem por brincado.

Ao menos boa parte delas.

P — **O Sr. conhece as teorias dêles?**

C — Perfeitamente. O grande historiador Natalis Alexander, citando um contemporâneo dos Albigenses, Pedro Vale Cernaio, enumera as principais teorias dos Albigenses. Entre outras têm as seguintes:

1 — Há dois criadores: um visível e outro invisível, dêstes, um é mau, outro é bom (!!!).

2 — O autor do Antigo Testamento é mentiroso (!)

3 — O Novo Testamento é devido ao Deus invisível e o Anticristo ao visível, por isso o repudiaram.

4 — João Batista é um dos maiores demônios (!!!)

5 — O Cristo que nasceu em Belém e morreu na cruz, é mau.

6 — O Cristo bom nunca comeu nem bebeu, nem tinha verdadeira carne e não existiu neste mundo, senão espiritualmente, no corpo de Paulo.

7 — O bom Deus teve duas mulheres: Cola e Coliba, e delas teve filhos e filhas.

Que belos patriarcas, não? Dize-me com quem andas..

P — (Pensativo, desiludido). E os Waldenses?

C — Não trazem mais sorte ao protestantismo. Vejam-lhes as teorias:

1 — Jurar é um crime mortal. Nunca é permitido.

2 — Não há três pessoas em Deus.

3 — O autor do Antigo Testamento não é o mesmo do Novo.

4 — A encarnação se fez também no Pai e no Espírito Santo (!)

5 — O pecador não pode mais ser perdoado (!)

6 — O casamento é pecado, pois não passa de um concubinato. O casado não se salva (!)

7 — Não se pode comer carne (!)

8 — Não se podem batizar as crianças.

Quer endossar essas monstruosidades?

P — Deus me livre! João Huss, o mártir, que ensina êle?

C — Esse é mais moderado, não é tão desviado quanto os outros. Entretanto, se os protestantes o querem considerar como seu patriarca, devem admitir as seguintes teorias defendidas por êle.

1 — A Transubstanciação (Dogma Católico).

2 — A Confissão sacramental. (Escreveu um tratado sobre a penitência).

3 — O purgatório. Prova-o em seu sermão — de exequiis.

4 — A Extrema-Unção.

5 — A invocação dos santos. A êste respeito cita e diz: «Se já estando na terra e com pecados veniais, pode alguém rogar a Cristo Deus pelo outro e pela Igreja militante, quem será tão louco de dizer que, estando com Cristo, na glória, não possa isso? Neste caso, seria de menor poder e agradabilidade o estar-se no reino da glória, do que na terra durante a mísera vida».

6 — O culto das imagens (inferior e relativo, no sentido católico). «Nenhuma adoração se preste às imagens. A verdadeira devoção é espiritual e consiste na devoção e amor sumos, e isto não se atribui à criaturas».

Os protestantes rejeitam tudo isso. Logo, não o reconhecem como patriarca.

P — E João Wickleff?

C — Piorou. Êste diz disparates como os albigenses e waldenses.

P — Mas quisera ouvi-los.

C — João Luke recolhe 266 erros defendidos por êle e Tomás Waldense, 800. Só lhe citarei os mais palmares:

1 — Deus deve obedecer ao diabo. (!!!!!)

2 — Toda criatura é Deus (!) No seu livro (de Judeus, c. 3).

3 — O poder criativo de Deus é limitado (!)

4 — Deus não pode destruir as criaturas.

- 5 — Cristo tem três naturezas (no seu Triálogo, c. 7),
6 — Cristo só foi homem nos três dias da sua morte,
7 — O Batismo de água não é necessário.

Logo, só apareceu visivelmente o protestantismo no 16º século, enfeitado pelos patriarcas, aos quais se queria filiar.

Pobre protestantismo!

Começou mal. Um fundador desbragado, patriarcas de mau interior, seitas surgindo às dúzias, em virtude do livre exame... Um lhe atira por cima a poligamia, outro a negação da Trindade, outro a negação da divindade de Cristo, este o batismo só de adultos.

Um desastre!

Por cúmulo, todos carregam com o subterfúgio do plano da invisibilidade, quando o de Cristo é o da visibilidade.

Como aguentar tamanho «pêso»?

P — ? !

C — É impossível! O protestantismo acabará dando...

P — Com os burros na água?

C — Roubou-me a palavra.

5. O PONTO FRACO DO PROTESTANTISMO

C — Onde estáveis vós antes não digo da reforma, porque não o foi, antes da revolta de Martinho Lutero?

P — Ora essa, os albigenses e os waldenses foram nossos antecessores.

C — Mas sustenta o senhor todos os pontos de doutrina dessa gente?

P — Mas não deixam de serem inimigos da Igreja Católica.

C — Então o único elo que vos une é o ódio à Igreja? Neste caso, tendes um bom sócio em Satanás que também a odeia. Entretanto, meu caro amigo, os albigenses e waldenses são do segundo milênio. Não adianta citá-los.

P — Nossa Igreja veio de um modo INVISÍVEL, já deve ter ouvido isso.

C — Mas é contra os planos de Cristo.

P — Como assim?

C — Não disse Cristo que os crentes deveriam ser «LUZ DO MUNDO»? E uma LUZ DO MUNDO NÃO É VISÍVEL? Se é invisível já não é luz. Não falou Cristo que os crentes, e quando digo **crente** digo cristão verdadeiro, católico, porque os que por aí se dizem crentes não são crentes, são hereges no duro, não falou Cristo que os crentes, deveriam dar o bom exemplo? (Mt 5, 14): «Luza a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas obras boas e glorifiquem vosso Pai que está nos céus?»

Logo, para dar o bom exemplo os crentes que formam a Igreja, devem ser visíveis.

Essa afirmação de igreja invisível, é pois, uma **TAPEAÇÃO**.

Não! Fostes visíveis, simplesmente porque **NÃO EXISTEIS**, meu caro.

P — Nós viemos dentro do Evangelho.

C — A Igreja Católica é o Evangelho falado e en-

sinado por Cristo e os Apóstolos SEM HAVER NADA ESCRITO DO MESMO.

No ano 53 foi escrito o primeiro pedaço e o último no fim do 1º século, no ano 97. Logo, vocês não se emendam com Cristo.

O Evangelho escrito não era mais Evangelho que o falado.

Não se pode tirar do Evangelho escrito um Evangelho contrário ao falado. Seria um Evangelho diferente e como tal condenado.

Não diz S. Paulo que o Evangelho foi PREGADO A TÔDA CRIATURA QUE HÁ DEBAIXO DO CÉU? (Col 1, 23). Logo, o escrito interpretado diferentemente, está errado. O Magistério, a Igreja eram o MESMO EVANGELHO COMPLETO. Esse Magistério e essa Igreja foram os AUTORES do Evangelho escrito. Bancar o aventureiro e pretender tirar de um livro uma OUTRA IGREJA que não a que ainda existe, vinda dos tempos de Cristo, é bancar o lorpa, o enganador, porquanto se trata de um EVANGELHO DIFERENTE, incorrendo nos anátemas de São Paulo, quando afirmou: «SE EU MESMO OU UM ANJO DO CÉU VIER ENSINAR UM EVANGELHO DIFERENTE DO QUE JÁ VÓS TENHO ENSINADO SEJA MALDITO» (Gál 1, 9).

Não diz Daniel que o REINO DO MESSIAS NÃO ACABARÁ? (Dan 2, 44).

Hoje vós sois visíveis. Se tivésseis vindo do tempo de Cristo dêste modo, poderíeis atirar terra nos olhos dos trouxas, mas assim, não.

P — E a Igreja Invisível dos profetas?

C — Dos profetas, não, dos trompetas, sim. Essa é uma TAPEAÇÃO.

6. DILEMA FATAL

O princípio fundamental de tôdas as seitas é o livre exame. Tôdas elas têm a mesma Bíblia.

Tôdas elas têm elemento humano. O mesmo.

Logo, qual delas é a verdadeira?

As probabilidades são iguais para tôdas. As balanças acusam pesos iguais. Como sair da entalada?

Muito simples. Temos uma inteligência. Temos uma lógica.

Sendo as probabilidades de veracidade as mesmas, estabelecer-se-á o terrível dilema. Ou tôdas são verdadeiras ou nenhuma. Ora, tôdas não podem sê-lo, porque o que uma admite a outra nega e vice-versa. Logo, nenhuma pode ser verdadeira.

Onde, portanto, está a verdade?

Fora do protestantismo.

É o que faz concluir a lógica pelo dilema fatal.

Está na Igreja, a qual ele pretendeu substituir, que é obra de Deus, imortal.

7. CONTRA PROVAS DA VERDADE

C — Vimos que a Igreja Católica remonta, e unicamente ela, ao tempo de Cristo; vimos que nela não pode haver mancha por ser Espôsa de Cristo; vimos por terra as

as calúnias que faziam dela «a grande prostituta». Ela é portanto, como foi e será — a única e verdadeira Igreja de Jesus Cristo, o corpo do qual Jesus é a Cabeça. Se ela fôsse obra de homens, há muito tempo se teria terminado. Outros impérios, mais fortes do que ela, humanamente falando, sustentados por fortes exércitos, como o dos Gregos, dos Romanos, dos Godos, o Ottomano e o Franco, tombaram. Por quê? Porque eram obras humanas.

Não assim a Igreja. Desprotegida quase inteiramente de meios materiais, suportou galhardamente três séculos de perseguições. Suportou o embate das heresias e dos cismas, da calúnia e da maledicência, e do fogo das perseguições, surgiu cada vez mais forte, mais unida, mais brilhante.

É que é obra de Deus, e a «obra de Deus vence o mundo», como diz Cristo. Se outra prova não apresentasse de sua divindade, bastaria essa de ter atravessado os séculos incólume para ser reconhecida. Entretanto para a humanidade não duvidar em que lado se acha Deus, manifesta-se este pelos milagres.

A religião que pode contar com os milagres, essa é de Deus porque com ela está Ele.

P — As provas!

C — O milagre é uma suspensão das leis da natureza. Muitas vezes entra até o ato do Criador, como reconstrução imediata de tecidos. E as leis da natureza só obedecem a Deus, o qual é o único Criador.

E a única religião que pode contar com milagres, é a única que pode apresentar as suas credenciais de legitimidade: a católica, apostólica, romana.

P — Não há milagres!

C — Entretanto, 9.000 médicos assinaram o nome entre 1923 e 1927, admitindo a existência dos milagres de Lourdes, só em Lourdes...

P — Qual Lourdes!

C — E não há milagres, quase diariamente só em Lourdes, mesmo hoje em dia, como os há também em Oropa, Caravágio, etc., na Itália, em Fátima, Portugal, e em muitos outros santuários do universo?

P — Não acredito!

C — O milagre de Fátima, sucedido em 1917, foi assistido por cerca de 60.000 pessoas, e foi repetido por três vezes. Foi preanunciado pela Virgem que aparecera e em seguida assistido pela multidão (Veja «Unitas», 1930).

E todos os que viram, acreditaram, mesmo os que foram com intuito de negar os fatos. E o Sr. é autoridade para negar?

P — Mas pelo jeito, é a Virgem e não Deus que fez milagre...

C — Engano. Deus é que fez por intercessão de Maria. Logo, se Deus fez milagres, por rogos de Maria, é sinal de que Ele autoriza o culto que os católicos tributam a Ela. Se não fôsse assim, Deus não havia de favorecer, com milagres, um culto proibido.

P — Eu quisera ver um milagre. Seria, então, católico.

C — Herodes desejava o mesmo de Jesus. Mas era só por capricho. Mesmo vendo os milagres, continuaria a negar-lhe a messianidade e a divindade.

P — Sim, porque se o quisesse reconhecer como Mes-

sias, bastavam-lhe os milagres comentados pelas multidões que os assistira.

C — Mas para o Sr. também, bastam as certezas da história. Negar os milagres na Igreja Católica, é, hoje, negar a história.

P — Mas quisera fatos palpáveis, controlados por mim.

C — Tê-los-á. Henrique Lassère era cego. Aconselhado por uma família protestante, usou a água de Lourdes e curou-se de repente. Escreveu, depois, o testemunho de sua cura e mais alguns milagres sucedidos em Lourdes. Mandou-se em seguida oferecer 50.000 francos, para quem fôsse capaz de negar a autenticidade de cinco milagres tratados nesse livro. E até hoje não apareceu pretendente para os 50.000 francos. Quem sabe se o Sr. se anima... Estão empacotadinhos em poder do Sr. Béléan, escrivão em Marselha. E são fatos positivos, controláveis. E se estes milagres passados não bastassem, teríamos o milagre do sangue de S. Januário, em Nápoles, que se repete todos os anos, a 19 de Setembro.

P — Eu não o conheço.

C — Assassinado pelos pagãos o bispo S. Januário, o seu sangue foi recolhido pelos cristãos. Como é natural, o sangue coagula. O de S. Januário, porém, toma forma líquida todos os anos, entrando em efervescência com o calor do sangue natural, como se fôra recém-extraído das veias. E isso anualmente, a 19 de Setembro. Só Deus pode alterar as leis da natureza. Logo, Deus está com a religião, na qual se manifesta. Aí está o fato para quem quiser averiguá-lo. Outro fato não menos significativo é o de Teresa de Neu-

mann. Ela é um milagre vivo, conforme a descreve Frei Li-bório Grewe O.F.M., testemunha ocular.

Mas deixemos a palavra aos editores do livro sobre esta virgem, a saber — os diretores da «Vozes de Petrópolis».

Dizem eles:

« Quem não deseja conhecer a vida de — Uma donzela que ainda vive e que desde 1926, deixou de se alimentar inteiramente a não ser da oitava parte de uma partícula que recebe diariamente na Comunhão?

uma donzela que cai em êxtase depois da comunhão;

uma donzela que afirmou: Até a minha morte nada mais comerei;

uma donzela cujos músculos de deglutição já se acham atrofiados e paralizados, segundo exame de mais de 300 médicos;

uma donzela que, apesar da privação completa de alimentos, vive e nem sequer tem má aparência, vertendo grande quantidade de sangue tôdas as sextas-feiras;

uma donzela que, em êxtase já visitou as almas do purgatório e trouxe de lá notícias;

uma donzela que, em suas visões, fala com Jesus e seus contemporâneos em aramaico e reproduz exatamente as expressões;

uma donzela que lê no fundo dos corações e desvenda coisas ocultas da consciência! »

Quererá ainda negar o milagre?

P — Não gosto de remoques...

C — Desculpe, não queria ofendê-lo. Outro exemplo de milagre inegável é o seguinte:

Na cidade de Oostacker, Bélgica, o operário Pedro de Rudder, caiu de uma árvore, a 14 de Fevereiro de 1867, fraturando uma perna. O osso estava quebrado 9 centímetros abaixo do joelho, e depois de 9 anos, ainda não se tinha consolidado. Antes, pelo contrário, as duas pontas quebradas se viam distintamente a 3 centímetros de distância uma da outra, e entre elas havia uma chaga viva que supurava continuamente. Não obstante, a 7 de Abril de 1875, Pedro de Rudder se fez carregar à gruta de Lourdes que havia nas proximidades da supradita cidade. E foi curado de repente, ao descer à piscina, no mesmo dia. Basta dizer que de lá mesmo saiu sem auxílio de ninguém.

P — Fábulas.

C — Diziam o mesmo outros adversários do milagre. Entretanto, em 1895, tapou-lhes a boca Béléan, marseilhês que propôs ao professor de Nancy, Bernheim, um desafio.

Afirmava este que a cura não fôra real e que ele obtinha tais curas em seus hospitais de Nancy.

Propôs-lhe, pois, Béléan que lhe seria entregue a importância de 100.000 francos, se ele provasse os seus assertos, de não ser realidade o milagre, e de poder obter curas idênticas em Nancy. Pois até hoje Bernheim ficou de ir buscar os 100.000 francos, por não poder provar o que dissera.

Logo, não se pode negar a existência do milagre e negá-lo seria negar a evidência, negar a luz do sol que nos alumia.

Ora, fora da Igreja não há milagres e por isso se negam. É o proceder da rapôsa com as uvas...

Só a Igreja Católica tem a contraprova de ser divina, a contraprova da verdade.

8. TESTEMUNHO DE LUTERO

C — O próprio Lutero, antes de ter sido levado pelas paixões, reconheceu a Igreja Católica como a verdadeira de Jesus Cristo.

P — Impossível! Lutero sempre esteve convencido da não verdade do catolicismo.

C — Terá a bondade de não ser mais realista que o rei. Citar-lhe-ei as palavras de Lutero. Descanse.

Em 1519, escreveu uma carta a Leão X, Papa (Cantu baseado em 22 historiadores, quase todos protestantes).

Eis entre outras coisas, o que escreve:

« Santíssimo Padre. Prostro-me a teus pés e me entrego nas tuas mãos com tudo quanto sou e possuo... eu reconhecerei a tua voz como a de Cristo, que fala pela tua boca... Tomo a Deus e todas as criaturas por testemunhas de que nunca foi tenção minha demolir o poder da Igreja, nem o teu, que eu reconheço superior a todos, exceto o do Cristo ».

Isto chama-se falar claro, não?

Continua... « sentindo bem que com a minha aversão a estes embusteiros (Teel e outros pregadores da Indulgência) fiz mal à Igreja, quando meu único propósito era de impedir que a avidez de alguns forasteiros conspurcasse a nossa santa madre Igreja ». Em seguida, publica um opúsculo, desmentindo as suas famosas teses, no qual sustenta a veneração dos santos e a doutrina do purgatório. « A Igreja Romana foi santificada por grande número de mártires e os abusos não nos dão direito de separar-nos dela, mas,

pelo contrário, todos devem unir-se mais estreitamente a ela ».

P — Mas isso éle dizia antes de conhecer a verdade.

C — Perdão: Catarina de Bora, querará dizer.

P — Não! A verdade!

C — Não começara éle a sua revolta em 1517? Logo, escreveu ao Papa depois de ter descoberto (com um binóculo, de certo), a verdade (?) a que se refere, pois escreveu em 1519.

Vê-se que o frade apóstata ia voltar a seus bons sentimentos, quando os remoques de Eck o exasperaram, e, por birra, assentou sustentar o que já retratara.

Mas birra não é verdade. É quase sempre o resultante da pertinácia no erro, a característica do herege, como diz S. Paulo (Hbr 6). Entretanto, mesmo depois de ter descoberto a « verdade », Lutero tem clara a vista, pois chega a repetir que não cria no que ensinava. (Luth suppl. aux. écrits pág. 9) acrescentando:

« Não me admira que eu tenha errado, mais me maravilha que um louco (ao menos uma vez a verdade) tenha feito tantos loucos » (Lutero citado pelo Reformador Swedenburg).

São de Lutero as frases « Depois de perdemos a fé, perdemos, também, certamente a Deus ». E « Eu afirmo que o verdadeiro cristianismo está com o Papa, antes, direi melhor a flor do cristianismo » (Luth. suppl. aux. pág. 320).

E ainda haverá quem fale em « verdade protestante »? Querem ser mais realistas que o rei?

9. AS DUAS RAÇAS

(Do « O Lutador » de 4-6-1950)

Os protestantes são useiros e vezeiros em acusar aos católicos de Mariolatria.

E se atrevem colocar Maria Santíssima ao lado das outras mulheres santas na verdade, mas **nada mais**. Eles se põem ao lado dos que despem a Maria Santíssima, as honras de ser a Imaculada Conceição, Onipotência suplicante e especialmente de ser Mãe de Deus. Combatem, enfim, qualquer culto a Maria Santíssima, movendo-lhe, de certo modo, guerra.

Os infelizes não vêem que, ao se declararem inimigos de Maria, passarão a fazer parte das hostes de Satanás.

Pois não disse Deus ao expulsar Adão e Eva, amaldiçoando a serpente:

— « Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua raça e a raça dela? » (Gên 3, 15).

Quem combate a Maria, privando-a das honras que merece, faz parte da « outra raça » que não a de Maria.

Logo, os protestantes são da raça de Satanás.

De mais a mais, Maria Santíssima mesma diz em (Lc 1, 48): « Eis que de hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque me fez grandes coisas aquêle que é poderoso, e santo é o seu nome ».

Não foi a todas as mulheres que Deus fez « grandes coisas » de tal forma que a chamariam de bem-aventurada todas as gerações.

Por que, pois, não reconhecer, como Isabel (Lc 1, 43), que Maria é Mãe de Deus, ou como o Arcanjo, que é Imaculada (Lc 1, 28)?

Por que não saudá-la como S. Gabriel:

— « Ave Maria, cheia de graça »?

Porque são inspirados por outro espírito que não é o Espírito Santo.

Deixai, protestantes, de fazer parte da « outra raça », honrai a Maria como ordena o texto santo, invocai a Maria que tereis garantida a vossa salvação, pois Jesus não admitirá no céu quem na terra não tenha honrado sua Mãe.

10. NÃO HÁ BÍBLIA PROTESTANTE

(Do « O. Lutador »)

Quem ouve a um protestante falar — qualquer um das 11.000 seitas diferentes, dir-se-ia que os hereges é que têm o monopólio da Bíblia ou das Sagradas Escrituras.

Não há maior mentira que uma afirmação destas.

Pois não há Bíblia protestante. O que há são edições protestantes da única Bíblia, que é um livro Católico Apostólico Romano.

A Bíblia como nós a temos hoje com seu cânon atual de 72 livros ou 73 se separarmos as Lamentações de Jeremias, foi enfeixada em volume, isto é, **fixado o seu cânon**, no ano de 382 depois de Cristo, pelo Papa S. Dâmaso aprovando as atas do Concílio Romano.

Este é um fato histórico incontestável.

Antes havia mais de mil livros que pretendiam ser a Bíblia ou as Escrituras Sagradas.

A Igreja Católica com sua autoridade inspirada escolheu dentre todos os livros do mundo somente esses 72 como inspirados por Deus.

Sendo um livro católico, a ela compete sua publicação.

Quem publica a Bíblia à revelia da Igreja Católica comete uma **vigarice**.

Quem compra uma propriedade tem as legítimas escrituras. Se aparecem outras escrituras só podem ser falsas.

É o caso das Bíblias chamadas protestantes.

São truncadas, faltando sete livros do Antigo Testamento e não são publicadas com notas explicativas evitando que os ignorantes profanem a palavra de Deus com explicações malças « para sua condenação » (II Pedro, 3, 16) e falta o visto da autoridade legítima que no-la legou.

Não há Bíblia protestante. Há vigarice protestante.

II. OS MANDAMENTOS

P — Vocês, católicos, pervertem a Bíblia.

C — Por que?

P — Porque os dez mandamentos de vocês não são os do Êxodo, 20.

C — São exatamente os mesmos.

P — Como? Qual é o primeiro mandamento de vocês?

C — O de Deus: Amar a Deus sobre todas as coisas.

P — Mas o primeiro mandamento da lei de Deus tem 6 versículos do capítulo vinte do Êxodo. Os católicos cortaram fora quase todo, porque ali se condenam as imagens que vocês adoram.

C — Adorar, não. Não adoramos. Veneramos. Mas vamos à injúria.

É justo que uma criança tenha os dez mandamentos resumidos para mais fácil compreensão. Que adiantaria, por exemplo a explicação do 3º mandamento. « Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu burro, etc. »

P — Mas vamos ao primeiro. Os outros não têm importância, em seus pormenores. Mas o 1º « arrebenta » os católicos e por isso é que simplificaram.

C — Não seja malvado. O amigo quer é machucar. Pois apanhe também agora e cale a boca.

P — Eu só calo com argumentos. Com que me faz calar?

C — Com a palavra de Jesus. Prevendo as vossas dificuldades de fariseus modernos, ele mesmo disse (Mateus, 22, 37, 38):

« Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua mente. Este é o primeiro e o maior dos mandamentos ». Está vendo? O resumo católico do 1º mandamento foi feito por Jesus. E acrescenta que neste mandamento, como o segundo de amar o próximo como a si mesmo, está incluída a lei e os profetas.

Que mais quer?

Queria que puséssemos uma explicação intermina sem necessidade, quando Jesus disse que isso que usamos basta?

Em todo caso, fazemos sempre melhor do que os protestantes.

Não sejam fariseus!

P — Como?

C — Antes ter o decálogo resumido, do que não ter nenhum.

P — E não temos?

C — No catecismo de Lutero não vi nenhum. E no Catecismo para pequenos do Rev. Alexandre M. Thigpen, traduzido por J. W. Tarboux, para uso das escolas dominicais, II edição, Imprensa Metodista, Rua Liberdade, 117, São Paulo, não consta mandamentos nenhum, nem faz referência a eles. Será que vocês, protestantes, não precisam de mandamentos?

12. DIVISÃO DOS MANDAMENTOS

P — Mas não pode negar que a Igreja Católica cortou fora dos mandamentos o segundo, que proíbe as imagens e dividiu o nono fazendo do nono os dois últimos.

C — A Igreja Católica não cortou fora coisa alguma. Ela admite todo o capítulo vinte do Êxodo em que estão consignados os mandamentos.

P — Por que, então, a numeração protestante não combina com a católica?

C — Porque é mais racional a nossa que a vossa.

P — Como? Nosso primeiro mandamento é este (Êx.

20, 3) « Não terás outros deuses diante de mim ». O segundo vem nos versos (4 e 6 do Êx.), em que se proíbem ídolos.

C — Pois o catolicismo tem por primeiro mandamento o que Jesus disse ser o primeiro: « Amarás a Deus sobre todas as coisas: Naturalmente este mandamento PROÍBE ADORAR DEUSES OUTROS QUE NÃO O VERDADEIRO. E, PORTANTO, TAMBÉM O FAZER AS IMAGENS DE QUE FALA O TEXTO. Os protestantes erraram quando fizeram dois mandamentos de um só. A divisão católica por enquanto é mais lógica: adorar a Deus e não adorar a quem quer que seja, fora Ele.

P — O segundo mandamento católico qual é?

C — É o verso sétimo do (cap. 20 do Êxodo): não tomar seu santo nome em vão.

P — Combina com o nosso terceiro.

C — Quais são os outros pois?

P — Vou ler o « Catecismo Metodista » de A. M. Ungaretti, (pág. 42 e 43): O quarto é o que se lê nos (versos 8, 9, 10 e 11 do Êxodo).

C — É o que forma o nosso terceiro.

P — « Quinto honrar pai e mãe », etc.

C — É o nosso quarto.

P — Sexto não matar.

C — É o nosso quinto.

P — Sétimo é « Não adulterarás ».

C — O nosso neste particular é mais apertado: « Não fornicarás », isto é, não pecarás contra a castidade de qualquer forma que seja. (Em atos).

P — Oitavo não furtarás.

C — É o nosso sétimo.

P — Nono não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

C — É o nosso oitavo.

P — Décimo: « Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo ».

C — Pois este corresponde aos dois últimos do catolicismo. E com razão lógica, a Igreja dividiu em dois este mandamento.

P — Como?

C — Estas palavras do (verso 17, do cap. 20 do Êxodo) correspondem a dois pecados de fato. Aqui se proíbe o desejo de ambos.

P — São os nossos 7º e 8º?

C — Justamente que seriam os nossos sexto e sétimo.

P — Por que acha lógico que se divida o décimo protestante?

C — Porque assim como os pecados com mulheres estão num mandamento e os pecados contra a propriedade alheia estão em outro, OS PECADOS DE FATO, seria lógico que TAMBÉM OS PECADOS DE DESEJO CONTRA essas criaturas sejam separados. Pecar contra a castidade de fato, um mandamento, e desejar pecar, OUTRO; da mesma forma, pecar contra a propriedade alheia de fato, um pecado, pecar contra ela de desejo, OUTRO PECADO. Acho tão palpável a divisão natural que o próprio Deus pôs que nem sei onde tinham a cabeça os protestantes, quando, juntaram tudo. Puseram a mulher na lista DAS COISAS, ao lado do jumento.

P — Quer dizer que são uma espécie de jumentos também?

C — Não digo tanto, apenas acho ridícula a pretensão dos protestantes em quererem ensinar o catolicismo a dividir os dez mandamentos.

P — Mas não foi Deus que dividiu os mandamentos?

C — Mas não sabe isso então? Deus deu os mandamentos e disse que eram dez, mas não os dividiu. E o pior era que nem havia pontuação, no tempo antigo.

P — Mas o essencial o catolicismo tem também?

C — O essencial só não. Tem tudo. A diferença entre os mandamentos católicos e protestantes está só na divisão. E nós estamos, com o Talmud e todos os judeus, que são os que entendem melhor isso pela tradição mosaica.

P — Se todos os católicos falassem assim, nós não estaríamos contra eles neste ponto.

C — Sim, o principal é cumprir os mandamentos.

P — Sim, cumprir OS DEZ.

C — A divisão é de menos importância.

P — Pelo menos num ponto estamos de acordo.

C — E em muitos outros estaríamos, se vós não fôsseis tão exigentes e fanáticos.

P — Talvez um dia faremos justiça à Igreja Católica.

C — Santas palavras. Que venha, quanto antes, esse dia.

13. CONCLUSÃO E CONVITE

C — Reconhecida a verdade católica, que fazer?

P — Ser católico?

C — Exatamente.

P — Deus me guarde! Prefiro ser muçulmano, espirita, budista, o diabo, mas não ser católico-romano. Safa! O Sr. quer obrigar a gente a ser católico.

C — Sua linguagem está eivada de fanatismo. E o fanatismo é para a verdade como uma venda para os olhos. Eu não obrigo a quem quer que seja a ser católico. Só provo que quem não é católico anda em caminho errado. Urge, portanto, voltar atrás e enveredar pelo direito. Isso não obsta que um fanático continue a sua marcha para o abismo. Sua alma sua palma...

Os protestantes não eram católicos?

P — Eram.

C — Pois bem. Motivo algum é suficiente para fazer com que o homem se revolte contra o corpo, do qual Cristo é a Cabeça, e com o qual estará sempre. Di-lo Lutero. Ora, os protestantes, se separaram d'ele, como o sarmento da videira. Logo, para receberem a seiva é mister se unirem novamente ao tronco.

O filho pródigo saiu da casa paterna, mas não achou paz até não voltar.

Assim o protestantismo.

Sem justificativa, separou-se da Igreja. Passados alguns séculos de discórdias e lutas fratricidas, ainda pode notar que se acha em terreno sáfaro, numa terra de exílio, na eter-

na discórdia de 11.000 seitas diferentes. Oxalá, pois Deus ilumine os protestantes, a fim de que voltem depressa para a casa paterna, para que haja um só rebanho e um só pastor, e, todos juntos, lutemos contra o ateísmo e contra o materialismo.

Mas eles devem ter boa vontade, que é o que lhes falta, em relação ao catolicismo.

Ponham a mão na consciência e perguntem-se:

Por que protestar contra a obra de Deus?

Por que não gostar do catolicismo? Religião não é questão de gosto, mas de verdade. O sol pode não ser do nosso gosto quando muito quente, mas já que não podemos fornecer ao mundo outro melhor, temos que agüentar com este mesmo. Jesus fez a Religião Católica, Ele, o Filho de Deus. A essa Religião prometeu Ele assistir, «até a consumação dos séculos» (Mt 28).

Seria possível que Deus Pai deixasse fracassar a obra de seu Filho, para que simples HOMENS, pudessem REFORMA-LA? Pode-se corrigir a Deus? E se Cristo teria deixado estragar sua Igreja, ninguém mais a poderia conservar, pois se Ele, sendo A CABEÇA DA IGREJA, a deixou estragar, estragou-se então a si mesmo, o Onipotente, o que seria ímpio imaginar. A cabeça é todo-poderosa. Ela conservou seu corpo: A Igreja primitiva, que atravessou os séculos, com o nome de CATÓLICA, ROMANA.

O que é preciso é não ter ojeriza, prevenção maldosa e satânica contra ela. O que é preciso é saber que ela só adora a Deus e mais nada. A Deus e em «Espírito e verdade». Que a Inquisição era coisa do governo civil e DEVE

SER JULGADA, com o espírito geral da época, em que existiu, e não com o espírito democrático de hoje em dia.

O que é preciso, enfim, é estudar o catolicismo.

Um grande convertido holandês, que foi Ministro dos Cultos em seu país, se converteu estudando o catolicismo e num livro que está traduzido em português, escreve que «NÃO HÁ CONFISSÃO DE CONVERTIDO QUE NÃO COMECE COM UMA CONFISSÃO DE IGNORÂNCIA, a começar daquela de Sto. Agostinho». Pieter Marchant, no livro «Preconceitos Superados».

Mas a que ultimamente fez pensar a muita gente, foi a do senador Estado-unidense Mister Lorimer, presidente do National Bank of Chicago. Ei-la tirada da «Estrêla do Sul» de 14-10-1928: «Durante quinze anos, li todos os livros de controvérsias religiosas que pude encontrar e cheguei a esta conclusão: que não me ficava senão uma coisa a fazer: tornar-me católico.

A idéia me repugnava, a princípio, de entrar no seio da Igreja Católica Romana, mas para satisfazer minha consciência, vi-me na obrigação de a procurar e à medida que se aprofundavam as minhas inquirições, as minhas conclusões se tornavam nítidas, de modo que me tornei católico quase sem querer.

Nasci na Escócia; meu pai era ministro presbiteriano, muito rígido. Segui um curso de religião até a idade de 20 anos, e, durante esse tempo, ouvi somente invectivas contra a Igreja Católica. Cresci no ódio a essa Igreja.

Ora, foi justamente esse ódio que provocou a minha conversão, porque muitas vezes me dizia: «Como é que a Igreja Católica, sendo tão ruim como se diz, possa conti-

nuar a existir? Como pode ser que uma instituição, cujos crimes seriam tão terríveis, continue a estorvar sobre a terra?»?

Comecei, assim o meu inquérito com idéias hostis e fortes preconceitos e de todo infenso à causa católica. Mas descobri logo que a Igreja Católica não era tão ruim como se pretendia. Ao contrário, descobri que não tinha motivo de «protestar» contra ela, e fiquei convencido que não se podia andar procurando a verdadeira Religião sem chegar à Igreja Católica».

(Os grifos são nossos).

Aí tendes, caros dissidentes, uma confissão sincera QUE NÃO FOI ENCOMENDADA.

Imitai a Mister Lorimer e voltaí à casa paterna!
Sereis bem-vindos!

Lembraí-vos que vosso fundador, o ex-padre Martinho Lutero, abandonou a Igreja Católica, mas Deus não o acompanhou. Ainda continua onde sempre esteve e há de estar, cumprindo, assim, sua palavra: «Eu estarei convosco TODOS OS DIAS ATÉ O FIM DO MUNDO» (Mt 28, 20).

Portanto, queridos protestantes, se quereis a Deus, procurai-o onde se acha: na Igreja Católica, Apostólica, Romana.

E atentai no que disse Rui Barbosa, o ex-protestante autor da IGREJA E O CONCÍLIO: «Estudei tôdas as religiões do mundo e por fim cheguei a esta conclusão: RELIGIÃO OU CATÓLICA OU NENHUMA».

ÍNDICE

Proêmio	7
Post Scriptum	9
Pareceres	11

PARTE PRIMEIRA

PREPARANDO O TERRENO

EXPOSIÇÃO DE PRINCIPIOS

1. O plano de Cristo a respeito de sua Igreja	25
2. Plano protestante	26
3. Perenidade da única Igreja de Cristo	30
4. Interpretação e Cânon	34

PARTE SEGUNDA

INOVAÇÕES DO ROMANISMO

1ª «Inovação»: Primado do Papa	47
2ª «Inovação»: As imagens	60
3ª «Inovação»: A invocação da Virgem Maria e dos Santos	72

4ª « Inovação »: Imaculada Conceição	79
5ª « Inovação »: A Confissão	84
6ª « Inovação »: O Rosário. A Ave Maria	92
7ª « Inovação »: A Transubstanciação	96
8ª « Inovação »: A procissão do Santíssimo	108
9ª « Inovação »: O número SETE dos Sacramentos fundado em 1547	109
10ª « Inovação »: O Purgatório	115
11ª « Inovação »: Infalibilidade imposta ao mundo em 1870	121
12ª « Inovação »: O celibato dos padres	125
13ª « Inovação »: O ofício da Missa fundado no ano 600	131
14ª « Inovação »: A Missa em latim	132
15ª Provas Escriturísticas e a Tradição	136

PARTE TERCEIRA

MISCELÂNEA

1. Livros Apócrifos e Deuterocanônicos	137
2. O sábado e o domingo	143
3. Imortalidade da alma	154
4. Batismo dos adultos	156
5. 666 A bête do Apocalipse	157
6. A grande babilônia	158
7. O Papa e Cristo	159
8. Maçon — Católico	161
9. Noite de S. Bartolomeu	166
10. A inquisição espanhola	167

11. A papisa Joana	168
12. Martírio de Galileu	169
13. A Igreja Católica oficial	170
14. Jejum	175
15. Com um livre pensador	175
16. A « assembléia de Deus » ou o pentecostismo	179
17. O « tráfico » dos sacramentos	183
18. A Igreja católica brasileira	185
19. O comunismo	190

PARTE QUARTA

COM O ESPIRITISMO

1. Reincarnação e ressurreição, etc.	195
2. A Pitonisa de Endor	201
3. O espiritismo, religião de pagãos	206
4. O Antigo Testamento de Satanás	211
5. O Novo Testamento de Satanás	214
6. O dr. Felício dos Santos e o espiritismo	222
7. O ponto fraco do espiritismo	223
8. O « rodeio » de Satanás	227
9. Espíritos diabólicos	227
10. « Benefícios » do espiritismo	228
11. A origem do homem	231
12. Livros infames	232
13. Já é tempo de o governo agir	234
14. Fêz cem anos o espiritismo	236
15. Consequências	237

PARTE QUINTA

FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

1. Credenciais protestantes	239
2. Única regra de fé	245
3. Pequenas diferenças	249
4. Patriarcas do protestantismo	254
5. O ponto fraco do protestantismo	258
6. Dilema fatal	261
7. Contra provas da verdade	261
8. Testemunho do Lutero	267
9. As duas raças	269
10. Não há Bíblia Protestante	270
11. Os mandamentos	271
12. Divisão dos mandamentos	273
13. Conclusão e convite	277

OBRAS DO MESMO AUTOR:

POLEMICAS — Edição da Tipografia do «O Luta^{do}r» de Mauhumirim.

ANTONINHA — Biografia de uma florzinha dos Pampas (Edição palotina — Santa Maria).